



ACADEMIA MILITAR

**O emprego dos Carros de Combate nos Teatros de Operações
de Contra-subversão
Estudo de Caso: Israel, 1982-2009**

Autor: Aspirante de Cavalaria Francisco Gonçalves Almeida

Orientador: Brigadeiro-General (Doutor) Nuno Lemos Pires

Coorientador: Major (Doutor) Pedro Antunes Ferreira

**Mestrado em Ciências Militares, na especialidade de Cavalaria
Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada
Lisboa, maio de 2020**



ACADEMIA MILITAR

**O emprego dos Carros de Combate nos Teatros de Operações
de Contra-subversão
Estudo de Caso: Israel, 1982-2009**

Autor: Aspirante de Cavalaria Francisco Gonçalves Almeida

Orientador: Brigadeiro-General (Doutor) Nuno Lemos Pires

Coorientador: Major (Doutor) Pedro Antunes Ferreira

**Mestrado em Ciências Militares, na especialidade de Cavalaria
Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada
Lisboa, maio de 2020**

EPÍGRAFE

“A Liberdade é o oxigénio da Alma”

Moshe Dayan

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, porque tudo o que sou e faço
é reflexo do que me ensinaram.

AGRADECIMENTOS

Aproveito este momento para deixar o meu reconhecimento pessoal por escrito àqueles que contribuíram para a realização desta investigação e que me apoiaram ao longo da minha formação. Desta forma, deixo os meus sinceros agradecimentos:

Ao meu Orientador, Sr. Brigadeiro-General Nuno Lemos Pires, por toda a disponibilidade, tanto para partilhar conhecimentos como para orientar e corrigir a investigação, sem nunca deixar de parte uma palavra de motivação e de apoio.

Ao meu Coorientador, Sr. Major Pedro Antunes Ferreira, por estar sempre pronto a dispor do seu tempo para esclarecer dúvidas que fossem surgindo, para orientar a pesquisa e para me ajudar na obtenção de materiais durante a investigação.

Ao Sr. Coronel José Baltazar, Diretor do Curso de Cavalaria durante o meu 4º ano, que desde o início do processo de investigação apoiou em tudo o que foi preciso, orientando em todos os processos formais a serem realizados e que sempre procurou motivar facilitando todo o processo de redação.

Ao Sr. Tenente-Coronel Hélio Patrício, Diretor do Curso de Cavalaria durante o meu 5º ano, que, apesar de encontrar o processo de investigação já a meio, procurou colocar-se a par de tudo o que já tinha sido feito, mostrando total disponibilidade e preocupação pelo sucesso da investigação.

Ao Dr. Eado Hecht, professor e investigador das Universidades de Haifa e de Bar-Ilan e do Comando e Estado-Maior General das Forças de Defesa de Israel, por ser o contacto em Israel, disponibilizando o acesso a informações presentes apenas em documentos em Hebraico e por ter enriquecido a investigação através da sua experiência e conhecimento.

À Academia Militar, aos meus professores, instrutores e comandantes que durante os cinco anos do ciclo de estudo contribuíram para a minha formação e que de forma direta ou indireta contribuíram para a realização desta investigação.

A todos os oficiais e investigadores com quem tive a oportunidade de falar durante a fase exploratória da investigação e que me guiaram na realização da mesma.

Aos meus camaradas de curso com quem pude sempre partilhar ideias, experiências e conhecimento.

Ao Sr. Coronel Carlos Borges da Fonseca e ao Sr. Capitão Rúben Rodrigues, por me terem acompanhado e apoiado durante toda a minha formação, pelo conhecimento e experiências que partilharam e, sobretudo, pela amizade.

Aos meus amigos de sempre, por me lembrarem que nem tudo na vida é trabalho, mas que sempre me acompanharam nos sucessos deste.

À Matilde, por nunca ter deixado de me acompanhar durante o meu percurso, por nunca ter deixado de me motivar e por ter sido sempre o meu apoio mais próximo, com quem sempre pude partilhar e desabafar.

À minha família, de forma especial, aos meus pais e à minha irmã sem os quais estes anos de formação teriam sido impossíveis e por terem tornado todos os dias mais fáceis.

A todos, um obrigado sincero, cada um sabe a especial importância que teve tanto na minha formação como na realização desta investigação. Que este trabalho reflita da melhor forma possível a vossa contribuição, deixando-vos orgulhosos da forma como me deixa a mim.

RESUMO

O presente Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada expõe a investigação intitulada “O emprego dos Carros de Combate nos Teatros de Operações de Contra-subversão. Estudo de Caso: Israel, 1982-2009”. Como guia da investigação foi definido o objetivo geral, “identificar de que forma os Carros de Combate foram empregues nos Teatro de Operações de Contra-subversão por parte de Israel entre 1982 e 2009”.

A parte textual do relatório contém a Introdução, o Enquadramento Teórico, a Metodologia, a Apresentação, Análise e Discussão de Resultados, as Conclusões e as Referências Bibliográficas, para além de todos os elementos da parte pré e pós-textual que formam a totalidade do relatório. De maneira a garantir o carácter científico da investigação, foi adotado o método de abordagem indutivo e utilizada uma estratégia de investigação qualitativa que teve a análise documental e o inquérito por entrevista como técnicas de recolha de dados. Os resultados foram apresentados, analisados, discutidos e expostos, nas conclusões, sob a forma de resposta às questões de investigação levantadas.

Ao longo da investigação foi analisado o emprego dos Carros de Combate, por parte das Forças de Defesa de Israel, em três teatros de operações de contra-subversão específicos, no período de 1982 a 2009. Foi analisado o emprego na Operação Paz na Galileia de 1982, durante a Primeira Guerra do Líbano, contra a Organização para a Libertação da Palestina; na Segunda Guerra do Líbano de 2006, contra o Hezbollah; e na Operação Chumbo Endurecido de 2008, na Faixa de Gaza, contra o Hamas.

Os Carros de Combate foram empregues em terrenos variados, tanto montanhosos como em áreas urbanizadas, contra inimigos assimétricos, tanto mal preparados e equipados como altamente treinados e com armamento avançado, proveniente de apoios externos. Foram utilizados para abrir brechas, destruir edifícios, responder a ataques de snipers, para proteger colunas logísticas, para evacuar feridos da linha da frente, em operações noturnas e em apoio à Infantaria. As vulnerabilidades foram colmatadas através de treinos específicos e em coordenação com outras armas. A mobilidade protegida e o elevado poder de fogo foram a prova de que o seu emprego permanece essencial.

Palavras-chave: Carro de Combate, Contra-subversão, Forças de Defesa de Israel.

ABSTRACT

This Final Scientific Report on Applied Research Work exposes the research entitled “the use of Tanks in Counterinsurgency Theaters of Operations. Case Study: Israel, 1982-2009”. As a guide to the investigation, the central objective was defined, “to identify how the Tanks were used in Counterinsurgency Theaters of Operations by Israel between 1982 and 2009”.

The textual part of the report contains the Introduction, Theoretical Framework, Methodology, Presentation, Analysis and Discussion of Results, Conclusions and Bibliographic References, in addition to all the elements of the pre and post textual part that make up the entire report. In order to guarantee the scientific character of the investigation, the inductive method of approach was adopted, and a qualitative research strategy was used, which had documentary analysis and interviewing as data collection techniques. The results were presented, analyzed, discussed and exposed in the conclusions, in the form of an answer to the research questions raised.

Throughout the investigation, the use of Tanks by the Israeli Defense Forces was analyzed in three Counterinsurgency Theaters of Operations specific to the period from 1982 to 2009. The use was analyzed in Operation Peace for Galilee of 1982, during the First Lebanon War, against Palestine Liberation Organization, in the Second Lebanon War of 2006, against Hezbollah, and in Operation Cast Lead in 2008, in the Gaza Strip, against Hamas.

The Tanks were used in varied terrain, both mountainous and in urbanized areas, against asymmetric enemies, both ill-prepared and equipped, as well as highly trained and with advanced weaponry, coming from external supports. They were used to breach, destroy buildings, respond to sniper attacks, to protect logistic columns, to evacuate wounded personnel from the front line, in night operations and in support of the Infantry. The vulnerabilities were being addressed through specific training and in coordination with other fighting arms. Protected mobility and high firepower were proof that its use remains essential.

Keywords: Tanks, Counterinsurgency, Israeli Defense Forces.

ÍNDICE GERAL

EPÍGRAFE	ii
DEDICATÓRIA	iii
AGRADECIMENTOS	iv
RESUMO.....	vi
ABSTRACT	vii
ÍNDICE DE FIGURAS	xii
ÍNDICE DE TABELAS	xiii
LISTA DE APÊNDICES E ANEXOS	xiv
LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E ACRÓNIMOS.....	xv
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1 – ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	5
1.1. Enquadramento Conceptual.....	5
1.1.1. Entender a Contra-subversão.....	6
1.2. Enquadramento Histórico-Militar de Israel	8
1.2.1. Do Sionismo Moderno ao Estado de Israel	8
1.2.2. Da Guerra da Independência aos Acordos de Camp David	11
1.3. O emprego dos Carros de Combate em Teatros de Operações de Contra-subversão	17
1.3.1. O emprego dos Carros de Combate na Chechénia	17
1.3.2. O emprego dos Carros de Combate no Afeganistão.....	19
CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA.....	21
2.1. Introdução e Método de Abordagem à problemática	21

2.2. Questões da Investigação – Geral e Derivadas.....	22
2.3. Estratégias, Métodos, Técnicas e Instrumentos da Investigação.....	23
2.4. Desenho de Pesquisa – Estudo de Caso.....	25
2.5. Universo, População-alvo e População Acessível.....	25

CAPÍTULO 3 – APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS 26

3.1. Introdução.....	26
3.2. Operação Paz na Galileia.....	26
3.2.1. Antecedentes e Plano Operacional.....	26
3.2.2. Manobra até Beirute.....	28
3.2.3. O Inimigo.....	29
3.2.4. As Forças de Defesa de Israel.....	30
3.2.5. Os Carros de Combate em Tiro e Sidon.....	31
3.2.6. O Cerco de Beirute.....	32
3.3. Os Carros de Combate de 1983 a 2005.....	34
3.4. Segunda Guerra do Líbano.....	37
3.4.1. Antecedentes e Plano Operacional.....	37
3.4.2. O Inimigo.....	38
3.4.3. As Forças de Defesa de Israel na Ofensiva Terrestre.....	40
3.4.4 A Batalha de Wadi Saluki e a Ameaça Anticarro.....	41
3.5. Operação Chumbo Endurecido.....	43
3.5.1. Antecedentes e Plano Operacional.....	43
3.5.2. O Inimigo.....	44
3.5.3. As Forças de Defesa de Israel.....	45
3.5.4. Ofensiva Terrestre.....	46
3.6. Análise e Discussão de Resultados.....	47

CONCLUSÕES.....	52
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	56
APÊNDICES	I
Apêndice A – Guião de Entrevista	II
Apêndice B – Declaração de Consentimento.....	V
Apêndice C – Análise da Entrevista.....	VI
Apêndice D – Caraterísticas dos Carros de Combate Merkava	IX
ANEXOS	X
Anexo A – O Espetro do Conflito na doutrina do Exército Português.....	XI
Anexo B – O Espetro do Conflito na doutrina do Exército dos EUA.....	XI
Anexo C – Plano de Divisão Proposto pela ONU.....	XII
Anexo D – As Fonteiiras de Israel após a Guerra da Independência, 1948	XIII
Anexo E – Conquistas de Israel após a Guerra dos Seis Dias, 1967	XIV
Anexo F – O Líbano na véspera da Operação Paz na Galileia.....	XV
Anexo G – O Grande Plano de Israel, 1982	XVI
Anexo H – Ordem de Batalha, 1982.....	XVII
Anexo I – A Retaguarda do Merkava.....	XVIII
Anexo J – Blindagem Reativa Blazer num M60 (Magach).....	XIX
Anexo L – Soldados das FDI, junho 1982.....	XIX
Anexo M – Evacuação num Merkava de soldados das FDI	XX
Anexo N – Mapa da cidade de Beirute e subúrbios.....	XXI
Anexo O – Cuidados Médicos a elemento das guarnições de CC	XXII
Anexo P – Merkava Mk2 com Bola e Corrente e MCRS.....	XXIII
Anexo Q – Rapaz Palestiniiano atira pedra a CC, Primeira Intifada	XXIII
Anexo R – Um Carro de Combate durante a Segunda Intifada	XXIV
Anexo S – Bunker para Rockets do Hezbollah, 2006	XXIV
Anexo T – Ameaça anticarro do Hezbollah, 2006	XXV

Anexo U – Estrutura de Comando do HezbollahXXV
Anexo V – Operação Mudança de Direção 11 XXVI
Anexo X – Ofensiva Terrestre na Operação Chumbo Endurecido XXVII

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura n.º 1 – O Espetro do Conflito na doutrina do Exército Português	XI
Figura n.º 2 – O Espetro do Conflito na doutrina do Exército dos EUA.....	XI
Figura n.º 3 – Plano de Divisão Proposto pela ONU.....	XII
Figura n.º 4 – As Fonteiras de Israel após a Guerra da Independência, 1948	XIII
Figura n.º 5 – Conquistas de Israel após a Guerra dos Seis Dias, 1967	XIV
Figura n.º 6 – O Líbano na véspera da Operação Paz na Galileia.....	XV
Figura n.º 7 – O Grande Plano de Israel, 1982	XVI
Figura n.º 8 – Retaguarda do Merkava	XVIII
Figura n.º 9 – Saída de um militar pela retaguarda do Merkava	XVIII
Figura n.º 10 – Blindagem Reativa Blazer num M60 (Magach).....	XIX
Figura n.º 11 – Soldados das FDI, junho 1982.....	XIX
Figura n.º 12 – Evacuação num Merkava de soldados das FDI	XX
Figura n.º 13 – Mapa da cidade de Beirute e subúrbios	XXI
Figura n.º 14 – Cuidados Médicos a elemento das guarnições de CC	XXII
Figura n.º 15 – Merkava Mk2 com Bola e Corrente e MCRS.....	XXIII
Figura n.º 16 – Rapaz Palestino atira pedra a CC, Primeira Intifada.....	XXIII
Figura n.º 17 – Um Carro de Combate durante a Segunda Intifada	XXIV
Figura n.º 18 – Bunker para Rockets do Hezbollah, 2006	XXIV
Figura n.º 19 – Estrutura de Comando do Hezbollah	XXV
Figura n.º 20 – Operação Mudança de Direção 11	XXVI
Figura n.º 21 – Ofensiva Terrestre na Operação Chumbo Endurecido	XXVII

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela n.º 1 – Análise da Operação Paz na Galileia.....	47
Tabela n.º 2 – Análise da Segunda Guerra do Líbano.....	48
Tabela n.º 3 – Análise da Operação Chumbo Endurecido	49
Tabela n.º 4 – Análise da Entrevista ao Dr. Eado Hecht	VI
Tabela n.º 5 - Caraterísticas dos Carros de Combate Merkava	IX

LISTA DE APÊNDICES E ANEXOS

Apêndices

Apêndice A – Guião de Entrevista

Apêndice B – Declaração de Consentimento

Apêndice C – Análise da Entrevista

Apêndice D – Características dos Carros de Combate Merkava

Anexos

Anexo A – O Espectro do Conflito na doutrina do Exército Português

Anexo B – O Espectro do Conflito na doutrina do Exército dos EUA

Anexo C – Plano de Divisão Proposto pela ONU

Anexo D – As Fronteiras de Israel após a Guerra da Independência

Anexo E – Conquistas de Israel após a Guerra dos Seis Dias 1967

Anexo F – O Líbano na véspera da Operação Paz na Galileia

Anexo G – O Grande Plano de Israel, 1982

Anexo H – Ordem de Batalha, 1982

Anexo I – A Retaguarda do Merkava

Anexo J – Blindagem Reativa Blazer num M60 (Magach)

Anexo L – Soldados das FDI, junho 1982

Anexo M – Evacuação num Merkava de soldados das FDI

Anexo N – Mapa da cidade de Beirute e subúrbios

Anexo O – Cuidados Médicos a elemento das guarnições de CC

Anexo P – Merkava Mk2 com Bola e Corrente e MCRS

Anexo Q – Rapaz Palestino atira pedra a CC, Primeira Intifada

Anexo R – Um Carro de Combate durante a Segunda Intifada

Anexo S – Bunker para Rockets do Hezbollah, 2006

Anexo T – Ameaça Anticarro do Hezbollah, 2006

Anexo U – Estrutura de Comando do Hezbollah

Anexo V – Operação Mudança de Direção 11

Anexo X – Ofensiva Terrestre na Operação Chumbo Endurecido

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E ACRÓNIMOS

- A.C. Antes de Cristo
- AAP *Allied Administrative Publication*
- AM Academia Militar
- AP Autoridade Palestiniana
- ATGM *Anti-Tank Guided Missile*
- BNP Biblioteca Nacional de Portugal
- CAU Combate em Ambiente Urbano
- CBI Conflito de Baixa Intensidade
- CC Carros de Combate
- CORDIS *Community Research and Development Information Service*
- EME Estado-Maior do Exército
- et al. *Et alii*
- etc. *Et cetera*
- EUA Estados Unidos da América
- FAI Força Aérea de Israel
- FDI Forças de Defesa de Israel
- FFAA Forças Armadas
- FWMP *Full Width Mine Plough*
- Hamas *Harakat al-Muqawamah al-Islamiyyah*
- HEAT *High-Explosive Anti-Tank*
- HEP *High-Explosive Plastic*

HESH	<i>High-Explosive Squash Head</i>
HP	<i>Horsepower</i>
IED	<i>Improvised Explosive Device</i>
ISAF	<i>International Security Assistance Force</i>
IUM	Instituto Universitário Militar
JCF	<i>Joint Chiefs of Staff</i>
JIP	Jihad Islâmica da Palestina
Km	Quilómetros
LG	Lança-Granadas
MCRS	<i>Mine Clearing Roller System</i>
Mk	<i>Mark</i>
ML	Metralhadora Ligeira
Mm	Milímetros
MP	Metralhadora Pesada
n.º	Número
OE	Objetivo Específico
OG	Objetivo Geral
OLP	Organização para a Libertação da Palestina
ONU	Organização das Nações Unidas
OTAN	Organização do Tratado do Atlântico Norte
p.	Página
PAD	Publicação Administrativa
para.	Parágrafo
PD	Perguntas Derivadas

PDE	Publicação Doutrinária do Exército
pp.	Páginas
PP	Pergunta de Partida
RCAAP	Repositórios Científicos de Acesso Aberto de Portugal
RCF	Relatório Científico Final
RCFTIA	Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada
RI	Resistência Islâmica
RPG	<i>Rocket Propelled Grenade</i>
TIA	Trabalho de Investigação Aplicada
TO	Teatro de Operações
Ton.	Toneladas
TWMP	<i>Track Width Mine Plow</i>
UAV	<i>Unmanned Aerial Vehicle</i>
UNIFIL	<i>United Nations Interim Force in Lebanon</i>
UNSCOP	<i>United Nations Special Committee on Palestine</i>
VBTP	Viatura Blindada de Transporte de Pessoal

INTRODUÇÃO

O Relatório Científico Final (RCF) é o resultado do Trabalho de Investigação Aplicada (TIA) que é exigido no final do ciclo de estudos integrados aos alunos da Academia Militar (AM), neste caso específico do Mestrado Integrado em Ciências Militares, na especialidade de Cavalaria. Este Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada (RCFTIA) vai ser sujeito a “apreciação e discussão pública perante um júri nomeado” (Academia Militar [AM], 2015, p. 1).

O presente Trabalho de Investigação Aplicada tem como tema “O emprego dos Carros de Combate nos Teatros de Operações de Contra-subversão. Estudo de Caso: Israel, 1982-2009”.

O tema deste trabalho foi de escolha própria. É uma investigação que constitui uma mais-valia na formação do autor, principalmente, por estudar o emprego dos Carros de Combate (CC), sistema de armas que equipa o Exército Português, mas, também, por estudar Teatros de Operações (TO) de Contra-subversão pelos quais sempre teve especial curiosidade, pela sua incerteza e ambiguidade, o que garantiu a motivação para o estudo.

O estudo de caso em questão deve-se ao facto de “Israel ter vindo a confrontar guerra de guerrilhas e de terror desde que o Estado foi estabelecido em 1948” (Eilam, 2016, p. 247) e porque o “Merkava (Carro) está entre os mais avançados carros de combate atualmente em serviço” (Marsh, 2005, p. 7).

A delimitação do período temporal teve como objetivo englobar ambas as campanhas de Israel no sul do Líbano e, ainda, uma das principais operações militares de Israel na Faixa de Gaza. Em 1982 no sul do Líbano Israel enfrentou a Organização para a Libertação da Palestina (OLP). Além disso, Israel “confrontou o Hezbollah no Líbano em 2006 e o Hamas na Faixa de Gaza, principalmente em dezembro 2008 – janeiro 2009 (Operação Chumbo Endurecido)” (Eilam, 2016, p. 247). A OLP, o Hezbollah e o Hamas são os principais resistentes à soberania de Israel que são abordados no decorrer deste estudo.

A relevância do presente estudo prende-se com a importância de estudar os conflitos atuais e de que forma é que as Forças Armadas (FFAA) devem procurar adaptar-se aos mesmos. Neste caso, nos conflitos sob estudo no Líbano “presenciamos a adoção de um

modus operandi assimétrico por parte das milícias do Hezbollah, que W.S. Lind denominou de Guerra de 4ª Geração¹” (Barroso, 2012, p. 13).

Este “*modus operandi* assimétrico” (Barroso, 2012, p. 13) “é uma ameaça que provém do uso de meios ou métodos para contornar ou negar a força de um oponente enquanto se explora as suas fraquezas para obter um resultado desproporcionado” (Organização do Tratado do Atlântico Norte [OTAN], 2019, p. 15). Desde cedo, podemos verificar a existência deste tipo de ameaças, uma vez que Sun Tzu, na sua clássica obra *A Arte da Guerra*, que data dos séculos VI e V a.C., refere que “na guerra, o caminho a seguir é evitar quem é forte e atacar quem é débil” (Tzu, 2009, p. 43). Desta forma, podemos perceber que é algo que, apesar de existir desde sempre, continua a ser alvo de estudo. Em especial “nas últimas duas décadas os planeadores da defesa têm se debatido com os desafios da «ameaça assimétrica»” (Johnston, 2013, p. 9). Durante este estudo irá ser feito um trabalho de forma a enquadrar esta ameaça assimétrica na doutrina portuguesa, através da definição de alguns conceitos e relação entre os mesmos.

De forma a orientar e criar um fio condutor para o estudo foram definidos objetivos, começando por definir o Objetivo Geral do estudo e, através deste, definir Objetivos Específicos a serem alcançados. “O objetivo geral será a síntese do que se pretende alcançar, e os objetivos específicos explicitarão os detalhes e serão desdobramentos do objetivo geral” (Silva & Menezes, 2005, p. 31).

Assim, foi definido como Objetivo Geral (OG) do trabalho:

OG: Identificar de que forma os Carros de Combate foram empregues nos Teatros de Operações de Contra-subversão por parte de Israel entre 1982 e 2009.

De forma a atingir o Objetivo Geral foram definidos quatro Objetivos Específicos (OE) sendo estes os seguintes:

OE1: Identificar e analisar os Teatros de Operações de Contra-subversão em que os Carros de Combate foram empregues por Israel entre 1982 e 2009;

OE2: Analisar as Unidades de Carros de Combate das Forças de Defesa de Israel (FDI) que foram empregues por Israel nos Teatros de Operações de Contra-subversão entre 1982 e 2009;

¹ “A Guerra de 4ª Geração tem como finalidade primária modificar, direta ou indiretamente, a opinião dos líderes adversários demonstrando que o preço a pagar pelas suas intenções é demasiado elevado para os objetivos em jogo” (Barroso, 2012, p. 13).

OE3: Identificar quais as Missões e Tarefas atribuídas às Unidades de Carros de Combate das Forças de Defesa de Israel (FDI) que foram empregues por Israel nos Teatros de Operações de Contra-subversão entre 1982 e 2009;

OE4: Identificar as vulnerabilidades e potencialidades dos Carros de Combate verificadas durante a execução das missões e tarefas atribuídas às Unidades de Carros de Combate das Forças de Defesa de Israel (FDI) que foram empregues por Israel nos Teatros de Operações de Contra-subversão entre 1982 e 2009;

Relativamente à metodologia adotada, a investigação seguiu três fases distintas: exploração, analítica e conclusiva. Seguiu, também, um racional de abordagem indutivo, adotando uma estratégia de investigação qualitativa, sendo a análise documental e o inquérito por entrevista as técnicas de recolha de dados utilizados. Os dados após recolhidos foram apresentados e, posteriormente, analisados e discutidos.

A estrutura do presente Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada, de tema “O emprego dos Carros de Combate nos Teatros de Operações de Contra-subversão. Estudo de Caso: Israel, 1982-2009”, divide-se em cinco partes fundamentais.

A Introdução em que é feito um enquadramento e contextualização da presente Investigação, explicada a pertinência atual do estudo e justificação da escolha do tema, apresentados os objetivos da investigação, a metodologia do estudo, de forma sucinta, e apresentada a estrutura do relatório.

O Capítulo 1 – Enquadramento Teórico em que é feito um enquadramento conceptual, de forma a clarificar os principais conceitos utilizados ao longo do RCF. É apresentado um enquadramento Histórico-Militar de Israel, com o intuito de enquadrar o estudo de caso nas suas origens. É, ainda, apresentada a experiência Russa na Chechénia e a experiência da OTAN no Afeganistão.

O Capítulo 2 – Metodologia em que é referido o método de abordagem ao problema, apresentadas as questões de investigação, explicada qual a estratégia de investigação adotada, quais os métodos de procedimentos, técnicas de recolha e análise de dados, instrumentos utilizados, explicado o fundamento para a escolha de um estudo de caso como desenho de pesquisa e apresentado o universo e a população-alvo e população acessível à investigação.

O Capítulo 3 – Apresentação, Análise e Discussão de Resultados em que são apresentados os resultados da investigação relativa ao Estudo de Caso, assim como, feita a

análise e discussão dos resultados obtidos procurando compará-los com as informações presentes no Enquadramento Teórico, especificamente onde são apresentados cenários em que os CC são empregues de formas semelhantes à estudada.

As Conclusões em que se responde às perguntas derivadas e à pergunta de partida, sendo estas respostas fundamentadas através dos resultados obtidos ao longo do estudo e, ainda, tecidas algumas recomendações, assim como referidas limitações à presente investigação.

No final do relatório são apresentadas as Referências Bibliográficas consultadas durante a investigação e citadas ao longo da elaboração do RCFTIA.

CAPÍTULO 1

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1.1. Enquadramento Conceptual

Ao longo do decorrer desta investigação surgiu a necessidade de distinguir alguns conceitos importantes, pelo que, neste subcapítulo, é feita uma descrição das definições adotadas para esses mesmos conceitos.

Desta forma, os principais conceitos a definir foram os presentes no tema para garantir a coerência do mesmo com a proposta de investigação. Assim, numa primeira fase, procurou-se esclarecer o conceito de Emprego, de Carro de Combate, de Teatro de Operações e de Contra-subversão.

Como definição para o conceito Emprego surge o “uso, utilização que se faz de alguma coisa; aplicação” (Silva, 1987, p. 377) e, com o mesmo sentido, o “uso que se faz de alguma coisa, APLICAÇÃO, UTILIZAÇÃO” (Vaza & Amor, 2008, p. 409). Neste caso, trata-se do emprego dos Carros de Combate.

Para definir o conceito Carro de Combate é importante referir que desde as batalhas da Antiguidade que vemos referência a este termo, apesar de utilizado num contexto diferente, por exemplo, segundo o Canal de História (2014, p. 13) na Batalha de Kadesh, 1274 a.C., que pôs frente a frente em confrontos Egípcios e Hititas, foi a primeira grande batalha em que há referência ao cavalo atrelado a um carro de guerra. No entanto, nos primórdios do termo, o Carro de Combate, como neste estudo é apresentado, “fez a sua primeira aparição durante a Primeira Guerra Mundial e, após um começo fraco, tornou-se uma das armas mais temidas do conflito” (Foley, 2014, p. 7).

De facto, atualmente, o termo destina-se a definir “uma viatura blindada de combate autopropulsada, capaz de grande poder de fogo, principalmente através de uma peça de fogo direto, necessária para enfrentar blindados e outros alvos, com alta mobilidade todo o terreno, com um alto nível de proteção” (“The Main Battle Tank,” 2014, p. 100). Desta forma, podemos evidenciar três características principais de um Carro de Combate, sendo este um sistema de armas com elevada “proteção, poder de fogo e mobilidade” (Gelbart, 1996, p. 5).

O conceito Teatro de Operações é definido pela Organização do Tratado do Atlântico Norte² (OTAN) como “uma área designada, que pode incluir uma ou mais Áreas de Operações Conjuntas³” (OTAN, 2019, p. 128) e definido pelo Estado Maior do Exército Português como “a parte do teatro de guerra necessária à condução ou apoio das operações de combate” (Estado-Maior do Exército [EME], 2020, p. 156). Temos, então, o emprego dos Carros de Combate nos Teatros de Operações, neste caso, de Contra-subversão.

1.1.1. Entender a Contra-subversão

Para definir o conceito de Contra-subversão é necessário perceber de onde é que o mesmo surge sendo necessário, ainda, estudar outros conceitos que atualmente, devido à sua complexidade e ténue diferença geram confusão.

Antes de mais é necessário perceber que, no Dicionário de Língua Portuguesa, “Contra-” é um “elemento de formação de palavras, de origem latina, que exprime as noções de «sentido contrário»” (Vaza & Amor, 2008, p. 277). Desta forma, é necessário perceber em primeira instância o conceito Subversão.

É essencial distinguir o conceito Subversão do conceito Guerra subversiva. Segundo a PAD 320-02 Glossário de Termos e Definições do Exército Português de 2020, o conceito Subversão vai ao encontro da definição também adotada pela OTAN no seu Glossário de Termos e Definições de 2019. “A subversão é definida como uma ação designada para enfraquecer a força militar, económica ou política de uma nação pelo enfraquecimento da moral, da lealdade e da confiança dos seus cidadãos.” (EME, 2020, p. 154). Para Proença Garcia, a subversão deve ser entendida como uma “técnica de assalto ou de corrosão dos poderes formais, para cercar a capacidade de reação, diminuir e/ou desgastar e pôr em causa o Poder em exercício, mas nem sempre visando a sua tomada” (2000, p. 39).

Esta ideia de Subversão como uma ação ou técnica vai ao encontro do estudo feito por Rodrigues que insere esta ação ou técnica “como uma das ferramentas” (2009, p. 22)

²Vulgarmente designada em Inglês, NATO: *North Atlantic Treaty Organization*.

³ “As operações conjuntas são definidas como operações nas quais podem estar envolvidos elementos de mais do que um ramo, podendo envolver forças aéreas, espaciais, navais, anfíbias, terrestres ou de operações especiais” (EME, 2020, p. 116).

utilizadas numa Guerra Insurrecional⁴/ *Insurgency*⁵. Para Proença Garcia, “a subversão antecede e acompanha a guerra subversiva” (2000, p. 37), sendo a técnica por excelência utilizada neste tipo de guerra. A Guerra Subversiva foi definida, em 1963, pelo Estado-Maior do Exército Português como:

“uma luta conduzida no interior de um dado território, por uma parte dos seus habitantes, ajudados e reforçados ou não pelo exterior, contra as autoridades de direito ou de facto estabelecidas, com a finalidade de lhes retirar o controlo desse território ou, pelo menos, de paralisar a sua ação” (EME, 1963, p. 1).

A Publicação Doutrinária do Exército (PDE) 3-00 Operações (2012) insere a Guerra Subversiva no espetro do conflito (ver imagem do espetro do conflito do Exército Português no anexo A) entre a Paz Instável e a Guerra Total, definindo-a na PAD 320-02 (2020) em consonância com a PDE 3-00 (2012):

“como uma ação levada a cabo com o objetivo de derrubar pela força um governo ou poder instituído. A motivação é política e resulta em violência não limitada a um território ou país, podendo terminar na eclosão de um conflito militar clássico” (EME, 2012, p. 2-2).

Esta definição acrescenta que a motivação é política, no entanto, é uma tradução do *Field Manual 3-0* (2008) do Exército dos Estados Unidos da América (EUA) que, para o mesmo espetro do conflito (ver imagem do espetro do conflito do Exército dos EUA no anexo B) na mesma situação, utiliza o termo *Insurgency*. Não é correto, no entanto, afirmar que Guerra Subversiva e *Insurgency* são a mesma coisa, apesar de ambas utilizarem a subversão como meio para atingir um fim. A semelhança que pode ser feita é se entendermos o conceito *Insurgency* naquilo que Proença Garcia (2005) designa como a atualidade da subversão em que as novas guerras contemporâneas são todas irregulares, “desenvolvem-se em ambiente de cariz subversivo, sem frentes, sem campanhas, sem bases, sem uniformes, sem santuários” (Garcia, 2005, p. 18) e em que não existe uma distinção entre o inimigo e a população civil.

⁴ O termo Guerra Insurrecional não se encontra na PAD 320-02 Glossário de termos e definições do Estado-Maior do Exército (2020), no entanto, é definido pelo Exército em 1963. “A expressão guerra insurrecional designa uma luta armada, de carácter político, levada a efeito num dado país contra o Estado. Em certos aspetos este conceito é, portanto, mais lato que o de guerra subversiva (uma guerra insurrecional não é obrigatoriamente levada a efeito pela população civil, como a subversiva); noutros, porém, é mais restrito (uma guerra subversiva pode não ter carácter político, nem ser conduzida contra o Estado, mas sim contra autoridades de ocupação)” (EME, 1963, p. 4).

⁵ O termo inglês *Insurgency* vulgarmente traduzido para português como Insurgência, segundo o Dicionário de Língua Portuguesa (2008) e o PAD 320-02 Glossário de termos e definições do EME (2020) não consta do léxico nacional sendo, no entanto, definido pela OTAN no AAP-06 *Terms and Definitions* (2019) como “ações de um organizado, por norma ideologicamente motivado, grupo ou movimento que procura afetar ou prevenir mudanças políticas ou derrubar uma autoridade governamental num país ou região, focados em persuadir ou coagir a população através do uso da violência ou da subversão” (OTAN, 2019, p. 68).

A adoção desta ideia de *Insurgency* como a atualidade das guerras que se desenvolvem com cariz subversivo pode justificar a tradução à letra do *Field Manual 3-0* (2008) para a PDE 3-00 (2012) do conceito *Counterinsurgency* como contra-subversão em que “a contra-subversão abrange todas as ações militares, paramilitares, políticas, económicas, psicológicas e civis levadas a cabo por um governo para acabar com a subversão”. No entanto, é essencial referir a existência de uma diferença entre a contra-subversão do século XX e a contra-subversão como, atualmente, é definida pela doutrina do Exército Português.

1.2. Enquadramento Histórico-Militar de Israel

Este subcapítulo tem como objetivo fazer um breve enquadramento histórico e militar do Estado de Israel desde os processos que levaram à sua criação até ao período abrangido pelo estudo de caso. Tal enquadramento procura identificar de que forma foi feita a evolução do emprego dos carros de combate assim como quais os principais sistemas de armas utilizados pelas Forças de Defesa de Israel, além de estudar os antecedentes aos conflitos que são investigados como Estudo de Caso.

1.2.1. Do Sionismo Moderno ao Estado de Israel

“Theodore Herzl (1860-1904), fundador do moderno Sionismo Político” (Laqueur, 1970, p. 23) referia, em 1896, que “a questão Judaica existe onde os judeus vivem em números consideráveis. Onde não existe é transportada pelos judeus no curso das suas migrações. Nós naturalmente mudamo-nos para aqueles lugares onde não somos perseguidos e, aí a nossa presença provoca perseguições” (Herzl, 1896, p. 5). Assim, podemos verificar que os judeus têm sido, ao longo do decurso da história, uma nação que apesar de perseguida se procurou estabelecer num território próprio e que, “a Nação precisa de um Estado. Uma Nação – um Estado é assim o postulado do nacionalismo, o Estado nacional é o seu ideal” (Morgenthau, como referido em Moreira, 1997, p. 315).

Segundo Adelman (2008) seria impensável para os analistas dos inícios do século XX que os judeus, que constituíam uma minoria pobre no antigo Império Otomano, viessem a conseguir estabelecer o Estado de Israel em 1948 e a ganhar a Guerra da Independência.

De facto, no final da Primeira Guerra Mundial o desaparecimento do Império Otomano “abriu as portas a novos processos de definição de identidades nacionais no Próximo Oriente” (Canal de História, 2013, p. 374). Além disso, ainda antes do final da

guerra, segundo Mucznik (2017), a 2 de novembro de 1917, o então secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros britânico Arthur Balfour escreve uma declaração dirigindo-se à Federação Sionista da Grã-Bretanha afirmando que o governo seria a favor do estabelecimento de um lar para os judeus na Palestina, não falando, no entanto, na criação de um Estado Judaico ou em qualquer tipo de autonomia política por parte do povo Judeu na região. A Declaração de Balfour “simboliza a pedra fundamental de Israel como Estado para os judeus e, ao mesmo tempo, uma «grande traição» na visão dos palestinos⁶” (Knell, 2017, para. 3), assim, a declaração é “entendida como o ponto inicial do conflito árabe-israelita” (Knell, 2017, para. 5).

Após a Grande Guerra foi fundada a Sociedade das Nações⁷, que através da “Conferência de San Remo decidiu a 24 de abril de 1920 atribuir o Mandato [da Palestina] à Grã-Bretanha” (Laqueur, 1970, p. 54). Esta conferência que viria, como refere Oliveira (2014), a ser confirmada pelo Tratado de Sèvres, não era mais do que a confirmação do que já tinha sido decidido no acordo de Sykes – Picot⁸. “Um texto de aprovação foi confirmado pelo Conselho da Liga das Nações a 24 de julho de 1922 e o Mandato entrou em vigor em setembro de 1923” (Laqueur, 1970, p. 54).

A nível militar por parte dos Judeus é importante realçar que “a Haganah (Organização de Defesa Hebraica na Palestina) foi fundada a 12 de junho, 1920” (Bauer, 1966, p. 182) e que esta organização “estava lá para defender as vidas e propriedades dos Judeus numa terra cheia de insegurança e conflitos, mas que não aspirava por um papel político” (Bauer, 1966, p. 183).

De facto, a necessidade para a defesa dos judeus justifica-se, visto que, nas “décadas que vão de 1920 ao fim dos anos 40, sucederam-se revoltas árabes e judaicas, reivindicando ambas as comunidades o direito a constituírem um Estado independente. Os ingleses foram tendo cada vez mais dificuldades em controlarem a situação” (Fernandes, 2014, para. 23). De facto, “em 1921, travam-se os primeiros confrontos sangrentos em Jaffa” (Lopes, 2002) e “em 1936, a população árabe da Palestina revolta-se – em parte em protesto contra a decisão britânica de permitir a migração dos Judeus da Europa para a Terra Santa” (Connolly, 2012, para. 20).

⁶ A Grã-Bretanha prometeu “um futuro reino árabe no crescente fértil ao Sherif Hussein de Meca, em troca de apoio militar contra o Império Otomano” (Mucznik, 2017, para. 3).

⁷ “A Sociedade das Nações, criada em 1919, foi o germe da atual Organização das Nações Unidas [ONU]” (Canal de História, 2013, p. 386).

⁸ Acordo secreto de 1916 em que “os diplomatas François Georges-Picot e Mark Sykes dividiram o Império Otomano entre a França e o Reino Unido” (Oliveira, 2014, para. 1).

Como refere Laqueur (1970, pp. 79-80), devido a essa revolta árabe e aos constantes confrontos na região, os britânicos viram-se forçados a designar um conselho presidido pelo Lord Peel, cujo relatório publicado no ano seguinte, em 1937, afirmava que não era possível alcançar-se a paz entre Judeus e Árabes sob o Mandato Britânico da Palestina e sugeria, assim, que este fosse dissolvido e a Palestina repartida. Desta forma, este relatório de 1937 viria a ser mais um marco para a criação de um Estado Judaico na Palestina e o início do processo de divisão por parte dos britânicos da região.

Os processos de divisão da Palestina foram interrompidos devido ao início da Segunda Guerra Mundial⁹. Com o início da Guerra também o conflito árabe-israelita foi afetado. Surgiu do lado árabe uma “aliança entre o mufti de Jerusalém, Haj Amin al-Husseini, que foi a mais alta autoridade religiosa e política da Palestina, e a Alemanha nazi” (Ferreira, 2015, para. 3) e “do lado judeu a luta mais institucional conduzida pelos homens de Ben-Gurion¹⁰ foi desafiada pelo ativismo radical do Irgun, movimento nacionalista que não hesitava em recorrer a atos de terror no seu combate à presença britânica” (Fernandes, 2014, para. 24).

“Imediatamente após o final da Guerra, em 27 de maio de 1945, o Executivo da Agência Judaica solicitou ao governo britânico que declarasse na Palestina um Estado Judeu” (Laqueur, 2003, p. 619). De facto, “a Grã-Bretanha, enfraquecida pela Guerra, encontrava-se sob pressão tanto do lado Judeu como do lado Árabe e o Governo decidiu, portanto, convidar os Estados Unidos a participar na busca de uma solução” (Laqueur, 1970, p. 111). Com preocupações maiores, na Grã-Bretanha, devido às consequências causadas pelo conflito mundial, o Governo Britânico tinha a necessidade de terminar o Mandato na Palestina. “Num discurso a 1 de agosto de 1946, Churchill disse que «uma alavanca legítima, razoável, simples e compulsiva que mantivemos era e é uma prontidão sincera de pôr o nosso mandato [da Palestina] aos pés da ONU” (Laqueur, 2003, p. 632).

Além disso, “as autoridades britânicas tiveram de enfrentar um novo problema: uma enorme vaga migratória que partia dos portos do sul da Europa e que conduzia à Palestina milhares de judeus sobreviventes do Holocausto” (Fernandes, 2014, para. 25). Por exemplo, a Comissão Anglo-Americana de Inquérito, “nomeado em novembro de 1945 para examinar a condição dos judeus” (Laqueur, 1970, p. 111) publicou um relatório em que dava algumas

⁹ “A Segunda Guerra Mundial começou no dia 1 de setembro de 1939, com a invasão da Polónia pelos exércitos da Alemanha, sem prévia declaração” (Canal de História, 2019, p. 101).

¹⁰ Na altura “Presidente do Executivo da Agência Judaica” (Laqueur, 1970, p. 103).

recomendações sendo uma delas a “autorização imediata de 100.000 certificados de admissão na Palestina de Judeus que tivessem sido vítimas de perseguição Nazi e Fascista” (Laqueur, 1970, p. 114). No entanto, “o Governo Britânico rejeitou” (Adelman, 2008, p. 62).

De facto, “o secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros Britânicos Ernest Bevin anunciou a 14 de fevereiro de 1947 que o Governo de Sua Majestade tinha decidido encaminhar o problema da Palestina para as Nações Unidas” (Laqueur, 1970, p. 137).

Os trabalhos de partição da Palestina iniciados pelos Britânicos viriam então a ser continuados por um “comité especial, chamado UNSCOP (Comité Especial das Nações Unidas para a Palestina)” (Bregman, 2016, p. 10), sendo que, “a 29 de novembro, 1947, as Nações Unidas votaram a favor¹¹ de dividir a Palestina em dois estados, um Judeu e um Árabe” (Brog, 2017, p. 89). “Os sionistas apoiaram este projeto de divisão que garantia soberania e imigração sem entraves. Os árabes rejeitaram-no unanimemente e pegaram logo em armas. O plano jamais chegou a ser aplicado” (Mendonça, 2018, para. 3) (ver mapa com o plano de divisão proposto pela ONU no anexo C).

Apesar dos esforços feitos pela ONU para encontrar uma solução pacífica, “a resolução para a divisão da região e subsequentemente a decisão britânica, de 4 de dezembro de 1947, de sair [do Mandato] na sexta-feira de 14 de maio de 1948, terão aumentado as tensões entre os povos da Palestina” (Bregman, 2016, p. 12). Durante as tensões, também designadas de Guerra Civil entre Judeus e Árabes na Palestina, “a Haganah era composta por cerca de 45.000 homens e mulheres” (Bregman, 2016, p. 14), constituindo assim a maior organização militar da parte de Israel.

Mesmo com as tensões entre árabes e judeus e os conflitos na região, os britânicos não voltaram atrás com a sua decisão e tal fez com que “o Estado de Israel surgisse numa reunião do Conselho Nacional às dezasseis horas, de sexta-feira, 14 de maio de 1948, no Museu Tel Aviv, Rothschild Boulevard. A Hatikvah¹² foi entoada primeiro e depois David Ben-Gurion leu a declaração da independência” (Laqueur, 2003, p. 641).

1.2.2. Da Guerra da Independência aos Acordos de Camp David

A criação do Estado de Israel foi um marco histórico para os Judeus assim como para o Palestínianos, mas por razões opostas. “Em 1948, após a criação do Estado de Israel, cerca

¹¹ “33 para 13, com 10 abstenções” (Bregman, 2016, p. 11).

¹² “O hino do Estado de Israel, escrito por um Judeu da Diáspora (Naftali Herz Imber)” (Adelman, 2008, p. 179).

de 400.000¹³ refugiados Palestinos atravessaram a fronteira a Norte para o Líbano” (Katz & Russell, 1985, p. 3). Tal ocorreu porque com a declaração da independência surgiu também a Guerra da Independência de 1948. “A 15 de maio, enquanto dava a sua reação positiva ao reconhecimento Americano num estúdio de rádio de Tel Aviv, Ben-Gurion pôde ouvir os aviões bombardeiros Egípcios por cima dele” (Bregman, 2016, p. 23).

Segev (2019) refere que, após a independência e durante a Guerra, David Ben-Gurion foi nomeado Primeiro-ministro interino e, simultaneamente, Ministro da Defesa de Israel. Além disso, a Haganah era agora chamada Forças de Defesa de Israel (FDI) esboçando, assim, o início do Exército do Estado de Israel. Além da Haganah, “o *Tzahal*¹⁴, criado pela Ordem nº4 de 28 Maio 1948, incorporava as diferentes organizações clandestinas numa força nacional unificada, criando a infraestrutura de um exército regular” (Oliveira, 2006a, p. 12). Para esta Guerra as recém-criadas “Forças de Defesa de Israel reuniram mais de 35.000 soldados”. Este viriam a confrontar-se contra uma coligação Árabe de sete países diferentes encabeçada pelo Egipto. No entanto, apesar de serem sete contra um, os números demonstram que a coligação estava em desvantagem numérica. “A constituição total dos exércitos Árabes invasores era cerca de 23.500 tropas, 10.000 do exército Egípcio, 4.500 da Legião Árabe da Transjordânia, 3.000 Sírios, 3.000 Iraquianos, 3.000 Libaneses e tropas do Exército de Salvação Árabe” (Bregman, 2016, p. 25). Os outros dois países eram a Arábia Saudita e o Iémen com pequenas expedições. Os Israelitas enfrentavam forças “tanto regulares como irregulares” (Shlaim, 2007, p. 81).

No início da guerra “Israel não tinha Carros de Combate de todo e os Árabes tinham apenas uns poucos primitivos” (Bregman, 2016, p. 24). Oliveira (2006a) afirma que, os Israelitas já tinham iniciado os processos que teriam como objetivo adquirir Carros de Combate. Por exemplo, o General Yitzhak Sadeh¹⁵ teria começado ainda antes da declaração da independência a ensinar táticas de Carros de Combate na “Escola de Blindados” da Haganah, que tinha criado. Os Carros de Combate só apareceram, no entanto, no decorrer da guerra e foram no mínimo dois Sherman M4A1/A2 montados com material inutilizado. Como referido por Kesseli (2002), de maio a outubro de 1948, Israel aumentou o seu número de carros de combate de 3 para 13.

¹³ O número de refugiados varia consoante a fonte, “após o conflito Árabe-Israelita de 1948, o Líbano tornou-se casa para mais do que 110.000 refugiados Palestinos” (Gott, 2006, p. 47).

¹⁴ “Hebraico de Tzava Haganah I. Yisrael (Forças de Defesa de Israel)” (Oliveira, 2006a, p. 16).

¹⁵ “Fundador do Palmach” (Oliveira, 2006a, p. 12), braço armado da Haganah.

Os Israelitas encontravam-se agora a lutar pela subsistência do Estado embrionário que tinham e acabam por vencer a Guerra dando um importante passo para a sua manutenção. Esta “é a mais bem-sucedida campanha contra os Árabes. Ela traduz uma vitória militar do *Tzahal* num acordo político e numa expansão territorial do Estado Hebraico” (Oliveira, 2006a, p. 14). No final da Guerra, Israel assinou armistícios durante o ano de 1949 com os países envolvidos e “os territórios da Palestina que não ficaram no Estado de Israel foram anexados pelo Egipto (Faixa de Gaza) e pela Jordânia (Margem Ocidental ou Cisjordânia, Jerusalém Oriental e a Cidade Velha)” (Fernandes, 2014, para. 34) definindo as fronteiras da região até 1967 (ver mapa com as fronteiras no anexo D).

Após os armistícios com os países Árabes, o Estado de Israel procurou consolidar-se como Nação. O Estado adotou, desde a declaração de independência, “uma política de imigração que encorajava ativamente a «reunião» de Judeus de todas as partes do mundo e que auxiliava na sua integração” (Hacohen, 1998, p. 61). Por conseguinte, “a Lei do Retorno passou unanimemente pelo Knesset¹⁶ a 15 de julho de 1950 e foi escrita legislação do Estado” (Laqueur, 1970, p. 162). A Lei dizia que “todos os Judeus tinham o direito a imigrar para o país” (Bregman, 2016, p. 42).

Israel teve de se debater com infiltrações de Palestínianos, tanto violentas como não violentas, no seu território. De facto, as “ações violentas Palestínianas ganharam força a partir de 1955, quando grupos de guerrilhas chamados *fedayeen*¹⁷ foram estabelecidos na Faixa de Gaza sob a supervisão da inteligência egípcia, com o objetivo de atacar Israel” (Bregman, 2016, p. 52).

Katz (1996) escreve que, a doutrina de carros de combate de Israel, em 1955, era baseada no emprego dos mesmos em defesa da Infantaria e “o Estado-Maior ainda não sabia ao certo o que fazer com este sistema de armas nem tinha noção do completo poder de um ataque blindado” (Katz, 1996, p. 46). Neste período, os carros de combate de Israel encontravam-se organicamente na 7ª Brigada Blindada, num batalhão “com dois esquadrões equipados com Shermans M4A2 e A3” (Oliveira, 2006a, p. 14). No entanto, devido às

¹⁶ Parlamento de Israel que, segundo Goldberg (2003), foi criado a partir do Conselho Provisório do Estado.

¹⁷ “Fedayeen é um nome comum em Árabe para atividades irregulares Árabes contra Israel. Esta palavra significa «sacrifício», ou seja, aqueles que se sacrificam ou assumem uma missão suicida” (Harkabi, 1968, p. 1).

aproximações políticas com França¹⁸ “os Shermans, designadamente o M-50¹⁹, foram enviados por navio para Israel e incorporados na ordem de batalha da Brigada no início de 1956. Ao mesmo tempo, os primeiros AMX-13 carros de combate ligeiros de França também chegaram à 7ª Brigada” (Katz, 1996, pp. 43-44).

Além das ações subversivas levadas a cabo pelo *febayeen*, o Presidente Egípcio Nasser “também ordenou que o Estreito de Tiran, a única entrada para o Golfo de Aqaba e para o porto de Eilat, fechassem para navios Israelitas” (Katz, 1996, pp. 47-48). Anunciou, ainda, “a 25 de julho de 1956 que o seu governo tinha decidido nacionalizar a Companhia do Canal do Suez” (Bregman, 2016, p. 58). Estas ações levaram a uma aliança entre Israel, França e a Grã-Bretanha que em outubro de 1956 viriam a intervir. “A Campanha do Sinai de 1956 foi uma guerra excepcional do ponto de vista de Israel porque muitas das ações iniciais na área política foram planeadas secretamente com os britânicos e os franceses em Sèvres na França” (Kesseli, 2002, p. 126). Nesta campanha, segundo Kesseli (2002), Israel empregou um total de 400 carros de combate “100 AMX-13’s e 300 M4 Shermans” (Kesseli, 2002, Apêndice 8) contra 530 carros de combate Egípcios. “A campanha foi rápida e facilmente ganha pelos Israelitas que conseguiram ocupar a totalidade da Península do Sinai em 100 horas e chegar e abrir o Estreito de Tiran aos navios de Israel” (Bregman, 2016, p. 61).

O conceito de emprego dos carros de combate por parte das Forças de Defesa de Israel começou a alterar depois da Campanha do Sinai, “os carros de combate não foram divididos para apoiar a infantaria, mas foram maioritariamente empregues em tarefas independentes onde o potencial dos carros de combate para quebrar as linhas de comunicação do inimigo foi revelado” (Kesseli, 2002, p. 143). “Os Shermans e o AMX-13 mantiveram-se na ordem de batalha da 7ª Brigada até 1960, quando o Ministro da Defesa Britânico relutantemente aceitou vender às FDI o Centurion Mk V” (Katz, 1996, pp. 52-53). De facto, “em 1959 Israel compra ao governo Britânico cerca de 250 carros. Os primeiros, modelo MkIII, são rececionados em 1960 e vão equipar o esquadrão A do 82º Batalhão da 7ª Brigada” (Oliveira, 2006b, p. 20). Além do Centurion, “o Corpo de Blindados das FDI recebe os primeiros Patton no início de 1965” (Oliveira, 2006b, p. 26).

¹⁸ “A aproximação política por parte da França e Israel, iniciada em 1954 e motivada pelos seus problemas na Argélia e Marrocos, permite ao *Tzahal* a aquisição de material de guerra moderno de origem francesa” (Oliveira, 2006a, p. 16).

¹⁹ Oliveira (2006a) refere que estes são também designados Supersherman ou Sherman M4A4.

Israel voltou a ser alvo de infiltrações por grupos armados Palestínianos. “No início de 1966, face à intensificação dos ataques terroristas efetuados por membros da al-Fatah²⁰, provenientes da Jordânia e do Líbano, Levi Eshkol²¹ decide reativar as operações de retaliação dissuasiva do Tzahal” (Oliveira, 2007, p. 38).

No ano seguinte, “em maio de 1967 a crise territorial entre Israel e os seus vizinhos escalou para uma demonstração de forças e no final Israel aplicou uma estratégia de negação de aproximação e implementou um ataque preventivo” (Kesseli, 2002, p. 174). Segundo Bregman (2016), este ataque preventivo por parte das FDI era parte da sua doutrina militar em que numa primeira fase realizavam um ataque aéreo e depois levavam a guerra para território inimigo, algo que se verifica na Guerra dos Seis Dias, iniciada a 5 de junho de 1967. Além disso, tanto Bregman (2016) como Oliveira (2007) referem que esta Guerra se deveu a uma falsa declaração por parte da União Soviética. “Acusaram falsamente Israel de estar a concentrar efetivos militares na fronteira com a Síria em preparação de uma ofensiva terrestre” (Oliveira, 2007, p. 39).

Kesseli expõe que, neste conflito Israel utilizou entre oitocentos a mil carros de combate, “incluindo 200 M-48 Pattons, 250 Centurion Mark 5s e 7s, 150 AMX-13s e 200 Shermans” (2002, Apêndice 15).

Apesar de confrontar novamente uma coligação árabe em diferentes frentes, “em seis dias – alguns dirão «seis horas» - Israel conquista a península do Sinai e a Faixa de Gaza ao Egípto; a Cisjordânia, incluindo Jerusalém Oriental, à Jordânia; e os montes Golã à Síria” (Lopes, 2002, para. 2) tendo, assim, alargado ainda mais as suas fronteiras (ver mapa das áreas conquistadas por Israel no anexo E). No entanto, “a Resolução 242 da ONU exigia a retirada de Israel dos territórios ocupados e a resolução do problema dos refugiados, mas o governo israelita apenas devolveu o Sinai” (Avó, 2018, para. 3).

Apesar da vitória de Israel na Guerra dos Seis Dias, “em setembro de 1967, os Egípcios iniciaram o que viria a ficar conhecido como a Guerra de Atrito, um nível de hostilidades reduzido mas sem fim, que continuou por 1.000 dias” (Katz, 1996, p. 108). Neste período, as “atividades de subversão contra alvos Israelitas – principalmente civis – cresceram constantemente, atingindo o seu pico” (Kesseli, 2002, p. 227).

²⁰ “A Fatah foi fundado em 1958 no Kuwait por Arafat, juntamente com sete outros ativistas Palestínianos” (Schanzer, 2008, p. 17).

²¹ “O terceiro Primeiro-Ministro” (Bregman, 2016, p. 5) de Israel.

Como refere Kesseli (2002), as FDI dedicaram-se nesta altura a desenvolver estratégias de contra-subversão e contraterrorismo em que perceberam que não podiam deixar a iniciativa para o inimigo, a Organização para a Libertação da Palestina (OLP). No entanto, as operações que fizeram não tiveram sucesso, tendo deixado a maior parte dos combatentes inimigos fugir.

Gelbart (2005) afirma que, as FDI chegaram a receber dois carros de combate britânicos Cheiftain em 1967; no entanto, estes viriam a ser reenviados para a Grã-Bretanha dois anos depois. O mesmo refere ainda que os Israelitas percebiam que o facto de dependerem de outras potências para ter sistemas de armas era uma vulnerabilidade, pelo que, a 20 de agosto de 1970, lançaram o programa para o desenvolvimento do seu próprio carro de combate, o Merkava.

A paz não chegava a Israel e “enfrentou em 1973 uma terceira guerra convencional em que chegou a temer pela sua sobrevivência. Foi a guerra do Yom Kippur, assim conhecida por os exércitos árabes terem atacado durante a festa mais importante do calendário judaico” (Fernandes, 2014, para. 39) Esta guerra começou “a 6 de outubro de 1973 às 14 horas e 05 minutos quando os Egípcios e os Sírios lançaram uma ofensiva conjunta contra Israel” (Kesseli, 2002, p. 249). Devido à festa judaica, “o ataque apanhou a maior parte das unidades de surpresa” (Katz, 1996, p. 137).

De facto, “em 1973, as FDI tinham passado de ser um exército de regime obrigatório com apenas uma brigada de carros de combate, a 7ª, para serem uma força de combate com várias divisões” (Katz, 1997, p.13) tanto de tropas em regime obrigatório como de reservas.

Na Guerra do Yom Kippur participaram “mais de 6.000 carros de combate – Árabes e Israelitas” (Katz, 1997, p.14). Segundo Kesseli, Israel dispunha de 1.800 a 2.000 carros de combate. “Esta força consistia em 400 M-48 Pattons, 250 Ben-Gurions (Centurions modernizados), 600 Centurios, 200 Ishermans (Shermans modernizados) e Super Shermans, 150 TI-67 (T-54/55s capturados), 150 M-60 Pattons” (2002, Apêndice 17). Os países Árabes, como exposto por Kesseli (2002), dispunham de 4.270 a 4.570 carros de combate. No início da guerra antes da chegada das reservas, Israel viu-se obrigada a aguentar as linhas defensivas sofrendo pesadas baixas em que, por exemplo, “a 188ª Brigada Barak regular, comandada pelo Coronel Ben Shoham, combateu uma batalha perdida, com cada carro de combate a enfrentar dez vezes o seu número” (Eshel, 1989, p. 100).

Assim como referido por Bregman (2016), apesar de Israel ter conseguido no final derrotar a coligação Árabe como na Guerra dos Seis Dias, o decurso da Guerra de 1973 foi

diferente. Israel foi apanhada de surpresa e não conseguiu uma vitória fácil e rápida contra os seus adversários como anteriormente. Para os Egípcios, apesar da derrota, o sentimento era de orgulho nacional, respeito e honra restabelecida devido às vitórias no início dos confrontos.

Segundo Anziska (2018), com a mediação do Presidente dos Estados Unidos da América Jimmy Carter e na sua residência em Camp David, a 17 de setembro de 1978, o Presidente Egípcio “Sadat e o Primeiro-Ministro Begin assinaram o primeiro acordo de paz entre Israel e um Estado Árabe. No entanto o preço para tal foi o retorno do Deserto do Sinai ao Egito, Israel aceitou sem grandes contestações” (Bregman, 2016, p. 149).

1.3. O emprego dos Carros de Combate em Teatros de Operações de Contra-subversão

Neste subcapítulo vai ser analisado o emprego dos Carros de Combate pelo exército Russo na Primeira Guerra da Chechénia e na Segunda Guerra da Chechénia, assim como o emprego dos Carros de Combate no Teatro de Operações do Afeganistão.

1.3.1. O emprego dos Carros de Combate na Chechénia

Aqui é analisado o emprego dos Carros de Combate na Chechénia, por parte do exército Russo, para combater a *insurgency* chechena, quais os principais erros e ensinamentos ao longo dos confrontos.

De facto, “a Rússia pós-soviética combateu a sua primeira guerra – a Primeira Guerra da Chechénia – de 1994-1996” (Galeotti, 2014, p. 7). As origens do conflito remontam ao momento em que a “Chechénia declarou independência da União Soviética a 6 de setembro, 1991²². Durante as consequências caóticas do colapso da União Soviética, a Federação Russa foi inicialmente incapaz de exercer a sua autoridade sobre o estado separatista” (Dowling, 2015, p. 185).

Para Dowling (2015), nem todos na Chechénia apoiavam a separação da Federação Rússia e, através desta oposição, o presidente Russo da altura Boris Yeltsin enviou 170 carros de combate em apoio para tentar depor, em novembro de 1994, o então líder checheno cercado a capital Grozny. No entanto, esta tentativa foi falhada e 67 dos carros de combate

²² Através de “um líder nacionalista carismático de proporções soviéticas (General Dzhokhar Dudaev)” (Koehler, Gunya & Alkhazurov, 2016, p. 378).

enviados foram destruídos, muito devido a “RPG-7, lançadores de foguetes anticarro, que foram devastadores contra os veículos blindados Russos” (Dowling, 2015, p. 186).

Cassidy (2003) refere que, as forças da Federação Russa atacaram a cidade de Grozny a 31 de dezembro de 1994, com superioridade numérica e tecnológica, tendo empregado 230 carros de combate contra 50 carros chechenos. No entanto, os combatentes da Chechénia encontravam-se com uma defesa bem preparada na cidade e as forças russas “foram emboscadas por forças chechenas bem posicionadas em edifícios a toda a volta da cidade, o que rapidamente se tornou num inferno de armas ligeiras e disparos de RPG” (Galeotti, 2014, p. 37).

Cassidy (2003) explica ainda que, os chechenos fizeram uso do terreno e, sabendo que não conseguiriam combater com o poder de fogo Russo em campo aberto, combateram em dois cenários: um, nas cidades, em que montavam redes de emboscadas às colunas blindadas russas; outro, nas montanhas, “onde pequenos números de chechenos detiveram um número de forças Russas significativamente maiores” (Schaefer, 2010, p. 130). Usavam, portanto, táticas de “guerra de guerrilha – caracterizada por táticas de toque e fuge, emboscadas, minas em itinerários de reabastecimento, armadilhas com IED (*Improvised Explosive Devices*), etc.” (Schaefer, 2010, p. 130). As forças russas não estavam preparadas para este tipo de guerra e os “carros de combate estavam pouco adequados para operações em cidades e em montanha, especialmente porque a blindagem reativa que poderia ter ajudado a derrotar as armas anticarro simples, disparadas pelos ombros dos chechenos, estava disponível, mas geralmente não era adequada” (Galeotti, 2014, p. 23).

Do final da Primeira Guerra da Chechénia em 1996 até ao “início da Segunda Guerra, no final de 1999” (Russell, 2007, p. 1), “os russos demonstraram uma impressionante capacidade de aprender com os próprios erros quando criaram uma força de chechenos própria, capaz de levar a guerra aos rebeldes de igual forma” (Galeotti, 2014, p. 9). Além disso, “quando se tornou claro que as suas viaturas blindadas de transporte de pessoal eram demasiado vulneráveis às granadas foguete chechenas, eles começaram a soldar gaiolas de malha de arame à volta para ajudar a derrotar as cargas inimigas” (Galeotti, 2014, p. 24). Durante a Segunda Guerra, “os carros de combate foram utilizados apenas como apoio de fogo direto da artilharia” (Dowling, 2015, p. 189), tendo os russos evitado os confrontos diretos com os chechenos.

1.3.2. O emprego dos Carros de Combate no Afeganistão

O objetivo é analisar de forma breve o emprego dos carros de combate pelas forças da ISAF²³, Força Internacional de Assistência à Segurança, no Afeganistão.

Importa dividir a análise enquadrante do conflito nos períodos que antecederam e procederam aos ataques terroristas de 11 de setembro de 2001²⁴. Desta forma, “antes de 2001, importa destacar que os talibãs tomaram o poder no Afeganistão na década de 1990 e foram muito influenciados por combatentes estrangeiros, em especial, os denominados «extremistas islâmicos»” (Pires, 2014, p. 205). No entanto, “na sequência dos ataques do 11 de Setembro, a ofensiva aérea norte-americana contra o movimento talibã no Afeganistão deu lugar a uma aparente vitória rápida, com a subsequente criação do governo de transição e à instauração da ISAF” (Pinto, 2009, p. 205). “Depois de 2001, o Afeganistão foi afetado por várias *insurgencies*, mas, de longe a maior foi a criada pelos Talibãs” (Giustozzi, 2017, p. 13).

Além do inimigo, o terreno e as condições meteorológicas no Afeganistão têm sido das variáveis de missão que mais têm afetado o emprego de forças no país. Por exemplo, “as montanhas ao redor do Vale Korengal incorpora como poucos outros lugares do Afeganistão o motivo pelo qual o país é conhecido como «o cemitério dos impérios»” (Gordillo, 2018, p. 53).

O emprego dos carros de combate das forças da ISAF, por sua vez, também foi afetado. Teixeira (2010) expõe que, as temperaturas chegavam a atingir os 65 °C dentro dos carros de combate afetando o sistema de controlo de tiro e a capacidade individual dos membros da guarnição. As munições utilizadas deveriam ser antimaterial e antipessoal de energia química, tendo sido utilizadas sobretudo as munições HESH, HEP e HEAT²⁵. Além disso, houve a necessidade de aumentar a eficácia da blindagem, tendo sido acrescentadas grelhas anti RPG, estando esta “adaptada para a montagem de charrua com motorização independente (FWMP ou TWMP, respetivamente para limpar minas e IED numa faixa de terreno completa ou somente duas faixas para rodados)” (Teixeira, 2010, p. 12).

²³ “A missão da ISAF é ajudar a República Islâmica do Afeganistão a derrotar a *insurgency* que ameaça o país. Proteger o povo Afegão é a missão” (OTAN, 2009, p. 1). “A ISAF foi uma das maiores coligações da história e a missão mais desafiadora da OTAN até ao momento. No seu auge, a força tinha mais de 130.000 soldados, com tropas de 51 países da OTAN e parceiros” (OTAN, 2015, para. 2).

²⁴ “11 de setembro de 2001. Os EUA foram surpreendidos pelo ataque terrorista às Torres Gémeas (em Nova Iorque) e ao Pentágono (em Washington)” (Pires, 2014, p. 204).

²⁵ “HESH: *High Explosive Squash Head*, HEP: *High Explosive Plastic*; HEAT: *High Explosive Anti-Tank*” (Teixeira, 2010, p. 16).

Na elaboração de um trabalho de investigação semelhante ao presente, Pinto Salgado verificou que:

“o emprego dos CC no TO do Afeganistão tinha como finalidade última o apoio direto a outras forças e não o emprego contra outras unidades de CC. Mais especificamente no apoio pelo fogo à infantaria, na aquisição de alvos específicos para equipas de atiradores especiais e proteção nos deslocamentos a qualquer outro tipo de unidades. Outro fator que se destaca na forma de utilização dos CC, verificado no Afeganistão, é a capacidade que estes têm em substituir o apoio aéreo, pois os CC reduzem os danos colaterais, fornecem um apoio mais constante às forças no terreno, não dependem das condições meteorológicas e facilitam a coordenação entre unidades” (Salgado, 2015, p. 53).

De acordo com Teixeira (2010), o longo comprimento da peça do carro de combate foi uma limitação em combate em áreas urbanas e arborizadas. O mesmo refere que os Canadianos e Dinamarqueses chegaram a fazer melhorias nos seus sistemas de armas, tendo reforçado, por exemplo, aspetos como a blindagem na parte inferior do compartimento de condução, tendo criado também um banco suspenso e blindado para proteção do condutor, e feito esforços para a redução da temperatura no interior do carro de combate com a implementação do sistema Barracuda²⁶ e o uso de fatos de guarnição climatizados²⁷.

²⁶ “Reduz a energia térmica induzida em cerca de 50% através duma camada superior que reflete a luz solar enquanto a camada inferior isola o casco e torre” (Teixeira, 2010, p. 11).

²⁷ “Há referência a estudos que ventoinhas, fatos guarnição com circulação de água fresca e sacos de gelo colocados em bolsos próprios serão a forma mais adequada para arrefecer o carrista” (Teixeira, 2010, p. 16).

CAPÍTULO 2

METODOLOGIA

2.1. Introdução e Método de Abordagem à problemática

O intuito do presente capítulo é não só explicar a abordagem metodológica à problemática em questão, mas também possibilitar que a mesma seja replicada em estudos de caráter idêntico ao presente. Desta forma, surge a necessidade de garantir que a explicação da metodologia seja feita com uma sequência lógica, completa e coerente indo ao encontro do emprego da mesma ao longo da investigação, feito de igual forma.

O Mestrado Integrado em Ciências Militares na especialidade de Cavalaria, na Academia Militar, exige a realização de um Trabalho de Investigação Aplicada²⁸ para a conclusão do ciclo de estudo. Segundo o Instituto Universitário Militar (IUM, 2016), o percurso para uma investigação divide-se em três fases distintas: exploratória, analítica e conclusiva.

Na fase exploratória, procedeu-se à escolha e delimitação do tema da investigação, definiu-se o objetivo geral da investigação que levou ao levantamento da problemática verificando, depois, a existência de objetivos específicos, iniciando-se os processos de leitura sobre o tema e definição da metodologia de base à investigação e planeamento da mesma através de um projeto. Também na fase exploratória foram definidas as estratégias de investigação, juntamente com as técnicas de recolha de dados.

Na fase analítica, foram postas em prática as técnicas de recolha de dados e, como o nome da fase indica, a análise dos mesmos. Estas técnicas dependeram diretamente das estratégias de investigação definidas na fase anterior, assim como de todas as etapas anteriormente referidas havendo ao longo estudo uma interdependência entre fases.

Na última fase, a fase conclusiva, procedeu-se à discussão sobre os resultados obtidos, através de uma análise crítica, mas não subjetiva, apoiada em todos os dados recolhidos e trabalhados nas fases anteriores. Foi a fase onde se procurou responder à problemática geral e, também, onde se apresentaram as limitações à investigação e

²⁸ “A investigação aplicada tem por objetivo encontrar uma aplicação prática para os novos conhecimentos, adquiridos no decurso da realização de trabalhos originais” (Carvalho, 2009 citado em Instituto Universitário Militar [IUM], 2016, p. 14).

recomendações para o emprego dos CC em Teatros de Contra-subversão no futuro. Assim, cada fase da investigação seguiu uma ordem lógica para garantir que a mesma possui não só um fio condutor e um encadeamento coerente de ideias, como também um faseamento científico.

Importa referir que as Ciências Militares²⁹, como ciência em si, baseiam-se no conhecimento científico, “que tem como característica fundamental a sua verificabilidade. Para que um conhecimento possa ser considerado científico, torna-se necessário identificar as operações mentais e técnicas que possibilitam a sua verificação” (Gil, 2008, p. 8). Ou seja, caracteriza-se “pela utilização de métodos científicos” (Marconi & Lakatos, 2003, p. 83). Para António Gil, o método científico é “o conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos adotados para se atingir o conhecimento” (2008, p. 8).

Tanto para Lakatos e Marconi (1992) como para Provdanov e Freitas (2013), os métodos dividem-se em dois grupos distintos: métodos de abordagem, que fazem referência à base racional adotada para fazer face à problemática geral, e métodos de procedimentos, que não são tão abstratos como os anteriores e que são associados às técnicas utilizadas ao longo da investigação para fazer face às problemáticas específicas.

Para esta investigação foi adotada como base racional o método indutivo³⁰, associando o estudo de caso realizado com os exemplos de outros Teatros de Operações onde os carros de combate foram empregues com objetivos semelhantes.

2.2. Questões da Investigação – Geral e Derivadas

Tendo em conta os Objetivos Gerais e Específico da investigação, já definidos anteriormente na Introdução, foi identificado o problema a que o estudo pretende responder. Assim, como referido por António Gil (2008), o problema deve ser formulado sob a forma de perguntas, como estratégia facilitadora, pois estas exigem uma resposta, devendo ainda ser delimitadas, claras e precisas. Desta forma, foi definida como Pergunta de Partida (PP) para a investigação a seguinte:

²⁹ O “CORDIS identifica a Ciência Militar como um ramo científico que pertence, em sentido lato, às Ciências Sociais e, em sentido restrito, à área específica das Ciências Políticas através da subárea específica dos Estudos de Políticas” (Raleiras, 2011, p. 47).

³⁰ “O processo indutivo corresponde a uma operação mental que tem como ponto de partida a observação de factos particulares para, através da sua associação, estabelecer generalizações que permitam formular uma lei ou teoria” (IUM, 2016, p. 20).

PP: De que forma os Carros de Combate foram empregues nos Teatros de Operações de Contra-subversão por Israel entre 1982 e 2009?

Assim, como a PP procura ser um instrumento auxiliar para encontrar uma resposta ao problema elencado pelo OG, formularam-se mais quatro Perguntas Derivadas (PD) para auxiliarem na obtenção de informação para os OE através da resposta às mesmas, sendo estas mais específicas, mas definidas segundo os mesmos critérios da PP. Por conseguinte, foram definidas as seguintes Perguntas Derivadas como auxiliares à investigação:

PD1: Quais os Teatros de Operações de Contra-subversão em que os Carros de Combate foram empregues por Israel entre 1982 e 2009?

PD2: Quais as Unidades de Carros de Combate das Forças de Defesa de Israel (FDI) que foram empregues por Israel nos Teatros de Operações de Contra-subversão entre 1982 e 2009?

PD3: Quais as Missões e Tarefas atribuídas às Unidades de Carros de Combate das Forças de Defesa de Israel (FDI) que foram empregues por Israel nos Teatros de Operações de Contra-subversão entre 1982 e 2009?

PD4: Quais as vulnerabilidades e potencialidades dos Carros de Combate verificadas durante a execução das missões e tarefas atribuídas às Unidades de Carros de Combate das Forças de Defesa de Israel (FDI) que foram empregues por Israel nos Teatros de Operações de Contra-subversão entre 1982 e 2009?

2.3. Estratégias, Métodos, Técnicas e Instrumentos da Investigação

Após definidos os objetivos, a problemática e o método de abordagem da investigação, foi definida a estratégia, bem como os métodos de procedimentos, as técnicas e os instrumentos de investigação a serem utilizados.

“Em função da natureza do problema que se pretende estudar no decorrer de uma investigação, assim deverá ser adotada uma determinada estratégia de investigação” (IUM, 2016, p. 27) pelo que “focando inteiramente nos dados em si” (Punch, 2000, p. 52) e sendo eles não mensuráveis foi adotada uma estratégia de investigação qualitativa em que “o ambiente natural é fonte direta para coleta de dados, interpretação de fenômenos e atribuição de significados” (Provdanov & Freitas, 2013, p. 128).

Ao longo do estudo foram utilizados três métodos de procedimentos³¹. O principal ao longo da investigação foi o método monográfico, que “parte do princípio de que o estudo de um caso em profundidade pode ser considerado representativo de muitos outros ou mesmo de todos os casos semelhantes” (Gil, 2008, p. 18). Foram ainda utilizados o método comparativo, sobretudo na discussão de resultados, e o método histórico, “cujo foco está na investigação de acontecimentos ou instituições do passado, para verificar a sua influência na sociedade de hoje” (Provdanov & Freitas, 2013, p. 36), para a realização de um estudo histórico-militar no sentido de perceber qual a interferência dos antecedentes no estudo de caso apresentado neste relatório.

“As técnicas são os procedimentos operacionais que servem de mediação prática para a realização das pesquisas” (Severino, 2017, p. 94), ou seja, são a “parte prática da coleta de dados” (Lakatos & Marconi, 1992, p. 107) e, na estratégia de investigação adotada, “a recolha de dados é efetuada recorrendo à entrevista, à observação e à análise documental” (IUM, 2016, p. 30). Assim, ao longo da investigação foram utilizadas duas técnicas, a entrevista e a análise documental, sendo a técnica da observação descartada à partida devido à delimitação temporal do estudo.

A entrevista realizada foi estruturada, mas devido a circunstâncias de exceção e à distância geográfica, não houve possibilidade de ser realizada presencialmente, como desejável. No entanto, foi realizada em formato digital, via *e-mail* (ver guião de entrevista no Apêndice A). Foram dados a conhecer ao entrevistado os objetivos e os critérios da entrevista tendo o mesmo concordado que esta fosse utilizada no âmbito deste estudo (ver Declaração de Consentimento no Apêndice B). As respostas à entrevista foram analisadas e utilizadas como complemento à investigação (ver tabela de análise no Apêndice C).

A análise documental foi a principal técnica utilizada ao longo da investigação com recurso a instrumentos diversificados: livros, impressos e em formato eletrónico; artigos científicos; artigos de revistas militares; publicações doutrinárias, nacionais e estrangeiras; publicações institucionais; dissertações de mestrado e de doutoramento; e *sites online* (jornais).

Além disso, para proceder ao levantamento de documentos foram utilizadas bases de dados, como a EBSCO *Information Services*; repositórios institucionais, como o Repositório

³¹ “Os métodos de procedimento, também chamados de específicos ou discretos, estão relacionados com os procedimentos técnicos a serem seguidos pelo pesquisador dentro de determinada área de conhecimento” (Provdanov & Freitas, 2013, p. 36), com frequência, dois ou mais métodos são combinados.

Científico de Acesso Aberto de Portugal (RCAAP); bibliotecas digitais, como da Biblioteca Nacional de Portugal (BNP); entre outros. Foi ainda utilizado o programa informático Mendeley para a gestão e organização de referências bibliográficas.

2.4. Desenho de Pesquisa – Estudo de Caso

O Estudo de Caso é utilizado nesta investigação como a principal forma de abordar a problemática. “Enquanto desenho de pesquisa, o estudo de caso é tendencialmente enquadrado no âmbito das estratégias de investigação qualitativas, apresentando uma natureza essencialmente empírica e descritiva” (IUM, 2016, p. 39). Este trabalho rege-se pela definição de Estudo de Caso como “uma investigação empírica que investiga um fenómeno contemporâneo dentro do seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenómeno e o contexto não estão claramente definidos” (Yin, 2001, p. 32).

A escolha de Israel como Estudo de Caso, mais especificamente, das Forças de Defesa de Israel e das suas unidades de Carros de Combate, foi feita por se tratar de um caso, não só único e representativo, mas também pouco explorado em comparação com outros Teatros de Operações. A delimitação temporal foi feita após alguma pesquisa exploratória sobre a temática, procurando o período que demonstrasse uma maior probabilidade de resposta à problemática.

2.5. Universo, População-alvo e População Acessível

Para o IUM (2016), o universo representa todos os casos relevantes para um estudo, no entanto, devido à sua grande dimensão, é definida uma população-alvo e, posteriormente, a população acessível.

Nesta investigação o universo considerado, de forma abstrata, é constituído por todos os casos em que os carros de combate foram empregues em TO de contra-subversão. Sendo este estudo baseado no método indutivo e num estudo de caso único e delimitado, a população-alvo considerada são as Forças de Defesa de Israel, especificamente, as unidades com carros de combate empregues em TO de contra-subversão, tendo procurado entrevistar ao longo da investigação comandantes das mesmas. A população acessível foi definida ao longo do trabalho, por impossibilidade de contactar militares israelitas, tendo sido, portanto, considerados investigadores israelitas e portugueses que abordaram a temática em estudo.

CAPÍTULO 3

APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

3.1. Introdução

Neste Capítulo serão apresentados, analisados e discutidos os resultados da pesquisa bibliográfica, da análise documental e das respostas à entrevista realizada durante a investigação sobre o estudo de caso em específico. Para tal, este capítulo divide-se em cinco partes distintas: a Operação Paz na Galileia, os Carros de Combate de 1983 a 2005, a Segunda Guerra do Líbano, a Operação Chumbo Endurecido e a análise e discussão de resultados.

3.2. Operação Paz na Galileia

Neste subcapítulo é apresentado o Teatro de Operações da Primeira Guerra Líbano, em 1982, especificamente, a Operação Paz na Galileia, desde as origens que levaram ao conflito até ao seu desenrolar e as variáveis presentes, procurando identificar e analisar quais as unidades de Carros de Combate das FDI que foram empregues, assim como quais as missões e tarefas que lhes foram designadas e as vulnerabilidades e potencialidades identificadas no decorrer da operação.

3.2.1. Antecedentes e Plano Operacional

Como explicado no enquadramento histórico-militar, a diáspora judaica e o estabelecimento do Estado de Israel levaram a que milhares de Palestínianos fossem obrigados a procurar refúgio nos países árabes, como no Líbano. Tal levou a incursões violentas por parte destes, especialmente pela OLP. “A OLP é uma instituição guarda-chuva, figuradamente, importante como a personificação do nacionalismo Palestíniano. A maioria dos Palestínianos apoia a OLP” (McLaurin, 1989, p. 17). Yasser Arafat, um dos fundadores da al-Fatah, a maior facção da organização, “foi eleito Presidente do comité executivo da OLP” (Frangi, 1983, p. 113) em 1969.

“Em 1968 a capital Libanesa tornou-se o Quartel-General da Organização para a Libertação da Palestina” (Katz & Russell, 1985, p. 3), a situação Palestíniana no país viria a

complicar-se “após a Guerra civil da Jordânia de 1971 até 1973, quando um grande número de combatentes e refugiados fugiu para o Líbano” (Gott, 2006, p. 47). Estes combatentes estabeleceram-se no Sul do país onde, durante os anos seguintes, “invadiram Israel enquanto expandiam o seu controlo sobre os Libaneses” (Jacobs, 1995, p. 2).

A grande diversidade religiosa no país levou a uma guerra civil, em 1975. “Os Cristãos constituíam 40% da população de três milhões do Líbano, os Muçulmanos e os Drusos³² formavam 60%” (Gawrych, 2003, p. 206). Esta guerra levou a que Israel procurasse alia-se contra a OLP, para seu próprio interesse. “Durante 1976 planeadores Israelitas forneceram grandes quantidades de ajuda militar às forças Cristãs” (Katz & Russell, 1985, p. 7). Durante a guerra civil, a Síria viria a intervir militarmente “devido às suas próprias ambições políticas e territoriais no Líbano” (Gawrych, 2003, p. 206). “À medida que a guerra civil se estabelecia em conflitos esporádicos a OLP aumentou a intensidade das suas incursões contra Israel. Em resposta, Israel lançou a Operação «Litani» em março de 1978” (Jacobs, 1995, p. 2). Esta Operação foi uma intervenção limitada até ao Rio Litani, no sul do Líbano; no entanto, Israel “não entrou nas principais cidades de Tiro e Sidon” (McLaurin, 1987, p. 8) localizadas na área da operação. O objetivo da operação era “destruir as bases da OLP na área e restaurar a segurança e a vida normal ao distrito Norte de Israel” (Laffin, 1985, p. 18).

Após negociações com as Nações Unidas para acabar com as hostilidades, Israel retirou do sul do Líbano, estando a sua influência no país reduzida à aliança que mantinha com as milícias cristãs. As Nações Unidas enviaram um Força (UNIFIL) para garantir a segurança do sul do Líbano, no entanto, sem a presença das FDI na região, a OLP continuou a atacar o norte de Israel (Katz & Russell, 1985).

Laffin (1985) refere que, apesar de a Síria, durante a guerra civil, ter combatido a OLP, viria a formar uma aliança militar com a organização, no final dos anos 70, fornecendo-lhes recursos militares e atribuindo-lhes responsabilidade no sul do Líbano (ver mapa do Líbano com as áreas sob diferentes controlos no anexo F).

A situação no Norte de Israel continuava a agravar-se o que levou o governo israelita a procurar um pretexto para intervir, novamente, no Líbano. “Uma tentativa de assassinato

³² “Os drusos falam árabe, mas não se consideram muçulmanos nem são vistos como tal por estes. Resultam de uma cisão no islão xiita acontecida há mil anos e desenvolveram um sentido comunitário muito sólido” (Ferreira, 2018, para. 3).

contra o embaixador de Israel em Londres, Shlomo Argov, a 3 de junho de 1982, proporcionou-lhes a oportunidade que procuravam” (Gawrych, 2003, p. 206).

Entretanto, os planos para a intervenção no Líbano por parte de Israel já estavam em cima da mesa. Em preparação para esta, o Ministro da Defesa, Ariel Sharon, e o Chefe de Estado Maior das FDI, Rafael Eitan, apresentaram três planos ao governo de Israel. Segundo Jacobs (1995), o plano que viria a ser aprovado pelo Primeiro-Ministro Begin e pelo parlamento era semelhante à Operação Litani, ou seja, baseado numa incursão limitada. No entanto, tanto o Ministro da Defesa como os veteranos das FDI tinham como objetivo a prossecução do Grande Plano que previa uma invasão desde o sul do Líbano até à conquista da capital Beirute expulsando, principalmente, a OLP do país e, ainda, os Sírios.

O início da Operação Paz na Galileia ficou marcado pela invasão do sul do Líbano por parte das FDI, pelas onze horas do dia 6 de junho de 1982 (Katz & Russell, 1985).

3.2.2. Manobra até Beirute

Uma das principais condicionantes da manobra das FDI foi a orografia do Sul do Líbano que viria a canalizar as forças de Israel e a outra foi a concentração das forças inimigas ao longo do território do país (ver mapa no anexo G).

Segundo Jacobs (1995), a curta largura do país a Sul, 50km, associada ao terreno montanhoso formava três corredores estreitos dificultando a manobra, pelo que esta se realizou em três frentes distintas aproveitando cada um desses corredores. A direção geral de cada frente de ataque era de sul para norte do país encontrando-se uma a oeste, uma no centro e uma a este, sendo que as forças empregues foram respetivamente denominadas, Força Oeste, Força Central e Grupo das Forças Bekaa³³ (ver ordem de batalha no anexo H).

Gott (2006) refere que, a concentração de forças da OLP encontrava-se maioritariamente na frente a Oeste nas principais zonas urbanizadas (Tiro, Sidon e Beirute), além da resistência que a organização tinha no Castelo de Beaufort, na frente central, que materializava um Quartel-General com forças no local do tamanho de uma brigada. Desta forma, as FDI concentraram o esforço no setor oeste, no entanto, uma parte das forças ao centro, após a tomada do Castelo Beaufort, influiu de forma a apoiar o esforço pelo flanco na cidade de Sidon. As forças a este fizeram os Sírios recuar até à autoestrada entre Beirute e Damasco cortando-lhes, assim, a ligação com a capital Libanesa e a possibilidade de

³³ Devido ao Vale do Bekaa, a este do Líbano.

reforçarem a cidade. “A 13 de junho, uma semana depois do início da guerra, as unidades de Israel ligaram-se com as forças da Falange, no palácio presidencial em Ba’abda” (Gawrych, 2003, p. 209), a Sudeste de Beirute.

O combate contra as forças sírias foi tipicamente convencional, pelo que o foco do estudo nesta operação foi no setor oeste onde, o combate se realizou nas áreas urbanizadas, cidades e campos de refugiados, contra as forças da OLP.

3.2.3. O Inimigo

Na Operação, Israel enfrentou duas forças diferentes. Segundo Eado (comunicação pessoal, 04 de março, 2020), uma convencional de forças regulares, com oficiais dos quadros e soldados em regime obrigatório, a Síria, e uma força que juntava forças regulares, com oficiais e soldados, e combatentes irregulares, a Organização para a Libertação da Palestina. É apresentado e analisado neste estudo, de forma específica, a OLP.

Relativamente a efetivos e meios, a OLP contava com cerca de 15.000 combatentes³⁴, dependendo da fonte³⁵, “com 6.000 em Beirute, Ba’abda e Damour; 1.500 em Sidon; 1.000 entre Sidon e Tiro; 1.500 em Tiro; 1.000 de Nabatiyeh até ao Castelo de Beaufort; 2.000 na Fatahland e 1.000 na zona da UNIFIL a sul do Líbano” (Katz & Russell, 1985, p. 12). “Os Palestinos contavam com 100 carros de combate T-34, 100 peças de artilharia e 60 lança-foguetes montados em camiões” (Gawrych, 2003, p. 208).

Para Gott (2006), apesar de os combatentes palestinos, supostamente, estarem preparados sobretudo para combate em áreas urbanas, estes encontravam-se não só mal equipados, mas também desorganizados. O seu armamento individual principal era soviético, a espingarda automática AK-47 e o RPG-7.

Relativamente ao treino, “os combatentes da OLP receberam treino individual razoável, para padrões regionais. Existiam programas de treino no Líbano, mas muitos eram enviados para países estrangeiros (Árabes, do Pacto de Varsóvia e países comunistas da Ásia Oriental, principalmente)” (McLaurin, 1989, p. 18) onde frequentavam cursos militares de diversas especificidades.

McLaurin (1987) afirma que, os palestinos esperavam que a intervenção de Israel no país fosse limitada e como a Operação “Litani” de 1978, pelo que posicionaram-se juntamente com os seus recursos nas principais zonas populacionais, fazendo uso da

³⁴ Ver anexo H.

³⁵ “20.000 combatentes Palestinos” (Gawrych, 2003, p. 208).

população como escudo. Estes aproveitavam ainda as infraestruturas sociais, como hospitais e escolas, para se protegerem. Acreditavam que Israel iria evitar permanecer fora das cidades devido às consequências que possíveis danos colaterais pudessem ter perante a comunidade internacional.

3.2.4. As Forças de Defesa de Israel

Em junho de 1982, as FDI eram das melhores forças militares do mundo devido à ampla experiência militar e constante ameaça (McLaurin, 1987). Para a Operação Paz na Galileia, as FDI usaram “cerca de seis divisões e meia, com um total de homens entre 75.000 e 78.000, 1.240 carros de combate e 1.500 viaturas blindadas de transporte de pessoal [VBTP]” (Katz & Russell, 1985, p. 12).

Como referido por Jacobs (1995), estas divisões, divididas pelas 3 forças, eram constituídas, a Oeste, pela 91ª Divisão e a 211ª Brigada Blindada por terra e com a 96ª Divisão e a 35ª Brigada Aerotransportada infiltradas pelo mar mediterrâneo em desembarque anfíbio, totalizando 22.000 militares e 220 CC. A Força Central, composta pela 36ª Divisão (-) e pela 162ª Divisão (-), totalizava 18.000 militares e 220 CC. As forças a este totalizavam cerca de 36.000 militares e 800 CC³⁶.

Segundo Eado (comunicação pessoal, 04 de março 2020), as Divisões Blindadas das FDI são constituídas, por norma, por armas combinadas sendo que as unidades de CC que fazem parte das mesmas possuem uma composição ternária em que, por exemplo, um Pelotão de CC é composto por 3 CC, um Esquadrão por 3 Pelotões mais 2 CC, um para o Comandante e um para o 2º Comandante, totalizando 11 CC. Os Grupos apresentam um total de 36 CC, sendo que os restantes escalões seguem um padrão idêntico. Além dos CC já empregues noutras guerras, estas unidades tinham também o Merkava I (ver tabela com características no Apêndice A).

Gelbart (2005) expõe que, o principal objetivo do Merkava era a sobrevivência da sua guarnição, daí a posição invulgar do seu compartimento do trem de rodagem posicionado à frente, tal acrescentava à blindagem do CC na frente um extra de proteção. Além disso, o Merkava era também invulgar devido “às portas traseiras que se abriam permitindo o acesso a uma série de plataformas para 200 munições extra. Ao retirar estas plataformas, o Merkava

³⁶ Ver anexo H.

podia transportar uma secção até 10 militares sobre a proteção total de blindagem” (Gott, 2006, p. 50) (ver fotografia da retaguarda de um Merkava no anexo I).

Os carros de combate sofreram alterações por parte dos Israelitas. “Foi acrescentada blindagem adicional nas laterais e na frente de muitos carros de combate” (McLaurin, 1989, p. 17), por exemplo, através da instalação de blindagem reativa Blazer (Gott, 2006) (ver imagem de um M60 equipado com blindagem reativa Blazer no anexo J).

De acordo com Katz e Russell (1985), o principal armamento individual utilizado pelas FDI era a Galil, 5,56mm (ver fotografia de soldados com armamento individual no anexo L). “As guarnições de CC estavam equipadas com fatos de guarnição que retardavam o fogo e praticamente eliminavam as queimaduras” (Laffin, 1985, p. 40), além disso, os comandantes dos CC “carregavam uma pistola Browning, 9 mm, como arma pessoal” (Katz & Russell, 1985, p. 39).

No âmbito da preparação para a Operação, as FDI fizeram treinos específicos para Combate em Ambiente Urbano (CAU). Estes juntavam as unidades de cavalaria com outras armas relevando a importância dada às armas combinadas. Tendo a doutrina das FDI como tendência a constituição de uma Força-Tarefa dependendo da missão, os Carros de Combate eram integrados com elementos de Artilharia em companhias de Infantaria (McLaurin, 1987), existindo “dois tipos de ofensivas urbanas, uma em que a cavalaria vai à frente e outra onde a cavalaria apoia a infantaria enquanto esta abre e, de seguida, protege a área” (McLaurin, 1989, p. 21).

3.2.5. Os Carros de Combate em Tiro e Sidon

Ao longo do movimento da Força Oeste até à cidade de Beirute, as cidades de Tiro e de Sidon constituíam os principais focos de resistência por parte da OLP. “A cidade de Tiro e os amplos campos de refugiados que a cercavam” (Gott, 2006, p. 54) foram o primeiro desafio das Forças Oeste na Operação.

McLaurin (1987) refere que, as estradas estreitas e os becos sem saída constituíam uma das principais dificuldades para os CC devido à restrição da mobilidade, além disso, os combatentes da OLP utilizavam RPG disparados de telhados e janelas para emboscar as unidades blindadas; no entanto, o seu efeito nos CC foi limitado tendo sido mais devastador para as VBTP. Os CC na cidade de Tiro foram utilizados, devido à falta de mobilidade, mais como apoio de fogo direto para as unidades de infantaria chamados para abrir brechas e destruir infraestruturas. “Os Carros de Combate disparavam à queima-roupa para os bunkers

ao nível da rua e a infantaria ocupava posições superiores com armas ligeiras e morteiros” (Gott, 2006, p. 55).

O combate para as FDI na cidade de Sidon e na cidade de Tiro foi semelhante (Gott, 2006). Como refere McLaurin (1989), tanto em Sidon como na cidade mais a sul, os CC lideraram a aproximação à cidade e aos campos de refugiados e quando chegaram junto dos mesmos a infantaria passava a liderar. Refere, ainda, que os combatentes da OLP continuavam a emboscar as colunas com pequenas equipas com armas anticarro, faziam uso de minas anticarro, apesar de estas terem tido pouco efeito nos Merkava e utilizavam, ainda, granadas de mão, atiradas de cima de edifícios para os CC.

O emprego dos CC com a infantaria possibilitou que estes fizessem uso do “telémetro laser dos CC para dar o alcance às suas armas, e o CC Merkava israelita serviu como um veículo de evacuação de feridos das áreas urbanizadas” (McLaurin, 1989, p. 50), quando necessário, através das suas portas traseiras (ver fotografia da evacuação de feridos num Merkava no anexo M).

3.2.6. O Cerco de Beirute

A capital do Líbano, Beirute, antes de ser assolada pela guerra, “ganhou a merecida reputação de Paris do Médio Oriente” (Gawrych, 2003, p. 209). No entanto, em 1982, a cidade “era apenas uma sombra da sua antiga glória” (Gott, 2006, p. 59).

Na altura do cerco, 13 de junho de 1982, a cidade encontrava-se, religiosa e etnicamente, dividida em Beirute Oriental, controlada pelos Cristãos Falangistas, e em Beirute Ocidental, onde se encontravam os Palestínianos. Esta divisão era materializada por “um estreito crescimento de árvores e arbustos que se estendem por 16 km pelo coração de Beirute, chamado Linha Verde” (Gott, 2006, p. 60). Gawrych (2003) explica que, o Quartel-General da OLP encontrava-se três níveis abaixo do chão, no distrito de Fakhani, no qual existia um estádio desportivo que a organização tinha convertido num centro de recrutamento e num depósito de armamento (ver mapa da cidade de Beirute e subúrbios no anexo N). Encontravam-se ainda grandes campos de refugiados, como o de Sabra e o de Shatilla. No entanto, “os combatentes da OLP não estavam sozinhos em Beirute Ocidental – havia também 500.000 ou 600.000 civis”(Frangi, 1983, p. 201).

A população na cidade foi uma das principais preocupações das FDI cuja “primeira tarefa foi fazer o maior número possível sair. Após um dia de lançamento de folhetos e

simulações de ataques bomba, as FDI abriram as suas linhas a todos os civis que desejassem deixar a cidade” (Katz & Russell, 1985, p. 23).

Como refere Gott (2006), o terreno elevado à volta da cidade e o terreno plano e arenoso na zona Sudoeste da capital facilitaram a tarefa das FDI, na medida em que estas colocaram a sua artilharia nas posições elevadas e o terreno plano e arenoso facilitou a manobra de assalto à cidade. “Durante 13 dias, as FDI e os Sírios combateram pela sua posição, mas a 26 de junho Israel controlava o terreno elevado e 21 km da autoestrada” (Gott, 2006, p. 62) que ligava Beirute a Damasco.

Segundo Gawrych (2003), durante o mês de junho, o principal foco das FDI fora o terreno circundante à cidade. No entanto, a 3 de julho “uma coluna de CC e infantaria avançou até o campo de refugiados Burj el-Barajinah na parte sul da cidade” (Gawrych, 2003, p. 219), algo que viria a ter “efeito no uso de blindados na cidade durante o resto do cerco. Ao contrário das cidades na costa, aqui os Palestínianos ofereceram uma pesada resistência e os RPG-7 provaram-se eficientes contra os CC de Israel” (Gott, 2006, p. 63).

Tanto Gawrych (2003) como Gott (2006), referem que os carros de combate foram utilizados, ainda, numa ofensiva terrestre ao aeroporto de Beirute, no dia 1 de agosto, e que Israel lançou a maior ofensiva terrestre da Operação Paz na Galileia, a 4 de agosto. Esta operação teve como objetivo principal o Distrito de Fakhani e os campos de refugiados, tendo a engenharia desempenhado um papel fundamental ao abrir caminho para os CC e para a infantaria.

O emprego dos carros de combate no cerco de Beirute foi, em grande parte, semelhante ao já referenciado, tendo Israel optado por Forças-Tarefa de armas combinadas e “os carros de combate desempenhado um papel importante a fornecer poder de fogo nas operações terrestres” (Gawrych, 2003, p. 226). Gott (2006) refere que os CC em Beirute, principalmente o Merkava, tiveram um desempenho fora do comum pela positiva, sofrendo vários impactos e mantendo-se em combate. No entanto, refere ainda, que os comandantes de CC tiveram de perder o hábito de combater de escotilha aberta devido aos snipers da OLP e apresentou algumas vulnerabilidades: a eficácia do armamento secundário do CC para bater grandes elevações, como telhados; e os obsoletos sistemas de visão noturna, tendo o combate à noite dependido dos holofotes no CC e das granadas iluminantes.

Como afirmam McLaurin, Jureidini e McDonald (1987), o Cerco de Beirute foi a última ação das FDI contra a OLP. Esta veio a concordar com uma retirada com o apoio da

comunidade internacional, em agosto de 1982, que levou ao fim da Operação Paz na Galileia (Katz & Russell, 1985).

Durante todo o conflito, segundo Gofrit et al. (1997), de 1.950 soldados feridos das FDI, 351 morreram. Destes 351 mortos, 120 eram das guarnições de carros de combate.

“Durante o decorrer da Guerra do Líbano de 1982, sete Merkavas foram destruídos e muitos outros foram danificados” (Katz & Sarson, 1997, p. 24); no entanto, o objetivo de garantir a sobrevivência da guarnição foi alcançado, visto que, como refere Gott (2006), não houve qualquer morte registada nas guarnições do CC Merkava³⁷.

3.3. Os Carros de Combate de 1983 a 2005

O emprego dos CC no período de 1983 a 2005 é dividido, nesta investigação, em três momentos distintos, respetivamente, de 1983 a 2000, tendo em conta a presença parcial das FDI no Líbano e a sua progressiva retirada do país, de 1987 a 1993, durante a Primeira Intifada e, de 2000 a 2005, durante a Segunda Intifada. A subdivisão neste subcapítulo deve-se ao limitado emprego dos CC durante estes períodos.

Depois da Operação Paz na Galileia de 1982 e da expulsão da OLP do Líbano, Israel continuou a ter problemas provenientes do país a norte. “De todos os inimigos de Israel, nenhum se provou mais problemático do que a facção Xiita, Hezbollah” (Matthews, 2011, p. 6) que, para Norton (2007), na altura da Operação de 1982, data referida pelos seus líderes como fundação da organização, esta não passava de uma ideia e que só viria a consolidar-se a meio dos anos 80. O mesmo refere que a organização era apoiada pela Síria e pelo Irão.

Devido aos “ataques incessantes levados a cabo pelo Hezbollah e por outros grupos seculares” (Matthews, 2011, p. 7), “Israel organizou uma retirada parcial em 1983 e em 1985 retirou-se para uma estreita «zona de segurança» ao longo da fronteira” (Freilich, 2012, p. 44).

Segundo Eado (comunicação pessoal, 4 de março 2020), durante o período de 1983 até 2000, as operações de contra-subversão no Sul do Líbano das FDI foram maioritariamente de infantaria tendo os CC sido utilizados apenas para proteção. Na zona de segurança a Sul do Líbano, de 1986 a 2000, encontrava-se apenas um Grupo de CC de 30 a

³⁷ Ver fotografia onde é prestada assistência médica a um membro das guarnições de CC no anexo O.

35 carros. Refere, ainda, que Israel teve de utilizar CC com maior proteção contra mísseis anticarro, como o Magach 7³⁸ e os Merkava.

Para Katz e Sarson (1997), a principal potencialidade dos Merkava no combate ao Hezbollah no sul do Líbano foi a metralhadora pesada Browning .50 colocada à frente da torre do sistema de armas. No entanto, em alguns Merkava II, a metralhadora pesada ou a FN MAG 7,62mm junto ao municionador foram substituídas pelo lança-granadas americano Mk19 40mm. Este novo modelo apresentava ainda “uma revolucionária configuração de bola e corrente” (Katz & Sarson, 1997, p. 34) na retaguarda entre a torre e o casco para proteção contra armas anticarro e a possibilidade de acoplar o sistema de proteção contra minas anticarro, o MCRS³⁹ (ver imagem do MCRS e da configuração bola e corrente no anexo P). Apesar das alterações, teve “ação limitada no sul do Líbano, atuando principalmente em apoio à infantaria empenhado contra os terroristas do Hezbollah armados com Sappers e RPG” (Katz & Sarson, 1997, p. 37). Segundo Eado (comunicação pessoal, 4 de março 2020), os carros de combate assumiram posições, em terreno dominante, em apoio à infantaria enquanto esta progredia no terreno.

Durante a Primeira Intifada, “revolta Palestiniãna na Faixa de Gaza, na Cisjordânia e em Jerusalém de 1987 a 1993” (Bregman, 2016, p. 188), segundo Eado (comunicação pessoal, 4 de março 2020), os CC não foram utilizados. “As armas utilizadas pelos rebeldes foram tão primitivas que os carros de combate, as aeronaves, os foguetes e a artilharia de Israel perderam toda a importância⁴⁰” (Bregman, 2016, p. 196).

A Segunda Intifada, também conhecida por “Intifada Al-Aqsa” (Bregman, 2016, p. 214), “foi um conflito armado, sem guerra, iniciado em 29 de setembro de 2000; não está claro quando terminou” (Eiland, 2010, p. 27). Esta nova revolta palestiniãna “foi desencadeada pela visita do líder da oposição de direita Ariel Sharon a 28 de setembro de 2000 ao Monte do Templo, o local mais sagrado do judaísmo, localizado em Jerusalém” (Bregman, 2016, p. 215).

Como referido por Eiland (2010), esta segunda revolta divide-se em dois períodos, um de setembro de 2000 até abril de 2002, ou seja, antes da Operação Escudo Defensivo, e

³⁸ O Magach 7 é um CC M60 que sofreu alterações por parte dos Israelitas, tais como, retirar a cúpula do chefe de carro, de forma a diminuir a silhueta do sistema de armas e acrescentar blindagem reativa Blazer Gelbart (2005).

³⁹ MCRS: *Mine Clearing Roller System*, “era capaz de derrotar as mais fortes minas anticarro sem danificar o Carro de Combate ou ferir a guarnição” (Katz & Sarson, 1997, p. 15).

⁴⁰ “Um rapaz Palestiniãno atira uma pedra a um carro de combate Israelita durante a primeira intifada” (Bregman, 2016, p. 196). Ver a fotografia no anexo Q.

um segundo período, de abril de 2002 até 2005. No primeiro período, Israel adotou uma postura defensiva; no segundo, reagiu de forma ofensiva. Os principais atores da revolta foram, como refere Bregman (2016), o Hamas, a Jihad Islâmica da Palestina (JIP) e a Fatah.

Existem algumas referências ao emprego de CC durante a Segunda Intifada (ver imagem de um CC na Segunda Intifada no anexo R), para Brown (2001a), Israel utilizou CC para fazer frente aos rebeldes Palestinos, em outubro de 2000. Brown (2001b) refere que, em fevereiro de 2001, foram também utilizados nos confrontos e, em abril de 2001, Israel lançou uma ofensiva militar combinada, para controlar territórios na Faixa de Gaza. Em julho de 2001, Israel concordou numa intervenção na Cisjordânia contra o líder palestino Yasser Arafat, tendo os CC sido utilizados na mesma.

Durante a Intifada, bombistas suicidas, carros bombas, snipers palestinos atacaram tanto civis israelitas como as FDI. “Entre o 11 de setembro e março de 2002, a guerra de atrito de Sharon contra a AP [Autoridade Palestina] continuou a progredir apesar das intervenções momentâneas dos EUA” (Hammami, 2002, p. 19) para alcançar um cessar-fogo entre ambas as partes. “A influência do 11 de setembro passou rapidamente. O ritmo dos ataques terroristas acelerou, atingindo o seu pico em março de 2002. Só nesse mês, 135 israelitas foram mortos em 17 ataques terroristas” (Eiland, 2010, p. 31). Como resposta a estes ataques a “Operação Escudo Defensivo, uma invasão em larga escala da Cisjordânia, foi aprovada por todo o governo” (Bregman, 2016, 249) de Israel.

A relevância da Operação Escudo Defensivo reside na natureza diferente dos seus alvos.

“Três cidades principais, Ramallah, Nablus e Jenin sofreram a maior devastação. As duas últimas experimentaram a ira das Forças de Defesa de Israel (FDI) no início de março e outra vez o alvo eram as bases de resistência nos seus campos de refugiados. Mas em Ramallah, o objetivo era abertamente a infraestrutura da AP” (Hammami, 2002, p. 19).

A invasão à Cisjordânia de 2002 “ocorreu com relativa facilidade e rapidez, com exceção da batalha no campo de refugiados de Jenin, onde a ação foi repetidamente adiada e, quando ocorreu, resultou na morte de treze soldados” (Eiland, 2010, p. 32).

Eiland (2010) considerou uma das lições a retirar da Operação, o controlo do território, em que o elemento essencial é a qualidade das informações e a sua precisão. Para tal, como refere Bregman (2016), foram empregues CC no ataque à cidade de Ramallah e na batalha pela cidade de Jenin devido ao seu poder de fogo para destruir infraestruturas específicas de rebeldes. Segundo Hammami (2002), os CC foram, igualmente, utilizados na

cidade de Nablus, procurando, assim, Israel, através das FDI, controlar os principais focos da resistência.

Com o final da Segunda Intifada, Israel retirou da Faixa de Gaza, em agosto de 2005, tendo terminado, assim, 38 anos de ocupação (Johnson, 2011, p. 95).

3.4. Segunda Guerra do Líbano

Neste subcapítulo é apresentado o Teatro de Operações da Segunda Guerra do Líbano de 2006, entre o Hezbollah e as FDI, desde a preparação e origens que levaram à guerra até o seu desenrolar, bem como as variáveis, identificando e analisando o inimigo e as FDI na sua Ofensiva Terrestre, com foco específico nas unidades de CC, procurando identificar quais as suas potencialidades e vulnerabilidades durante o decorrer dos eventos.

3.4.1. Antecedentes e Plano Operacional

Durante o período que antecede a Segunda Guerra do Líbano de 2006, o Hezbollah tinha forçado as FDI a retirar do Sul do Líbano em 2000 e estas encontravam-se a enfrentar a Segunda Intifada.

Este período, “forçou o Exército de Israel a concentrar-se em operações destinadas a interromper ataques terroristas dentro de Israel e desenvolveu-se a mentalidade de Conflito de Baixa Intensidade (CBI)” (Johnson, 2011, p. xvii). Devido a adaptação a esta mentalidade, “soldados com habilidades de combate precípeis, como as guarnições de CC, patrulharam a Cisjordânia e a Faixa de Gaza, em alguns casos, passando anos sem treinarem nos seus veículos blindados” (Matthews, 2011, p. 27).

Por outro lado, o Hezbollah começou a crescer e a preparar-se para um novo conflito armado com Israel. Este crescimento foi exponenciado devido ao apoio externo. O “Hezbollah nunca teria emergido como uma força principal no Líbano sem as transferências de armas, o treino, os conselhos e o apoio financeiro do Irão e da Síria” (Cordesman, Sullivan & Sullivan, 2007, p. 60). Devido a este apoio, os combatentes da organização “aprenderam a combinar táticas de guerrilha com táticas e armas militares convencionais” (Johnson, 2011, p. xviii).

Além disso, o Hezbollah preparou-se através da construção, por todo o sul do Líbano, de uma série de bunkers, túneis e posições de combate onde tinham rockets escondidos e suplementos armazenados (Johnson, 2011). Bechtol (2010) refere que, para a preparação destas posições, o Hezbollah teve o apoio de instrutores da Coreia do Norte.

Um dos impulsionadores para o conflito foi a constante ameaça de lançamentos de rockets do Sul do Líbano para o Norte de Israel. O “Hezbollah formou várias unidades de rockets de artilharia entre 2000 e 2006” (Matthews, 2009, p. 7). “Até 2006, o Irão e a Síria tinham fornecido ao Hezbollah uns surpreendentes 12.000 a 13.000 mísseis terra-terra de curto, médio e longo alcance” (Matthews, 2011, p. 17).

A origem do conflito advém de “um pequeno ataque do Hezbollah às Forças de Defesa de Israel (FDI) a 12 de julho, 2006, que matou oito soldados, e o Hezbollah raptou mais dois durante uma patrulha na fronteira a norte perto do Líbano” (Cordesman et al., 2007, p. 4). Segundo Norton (2007), o rapto destes soldados tinha como objetivo trocá-los por prisioneiros Libaneses presos em Israel, numa tentativa do Hezbollah cumprir a sua “*wa’d al-sadiq* («promessa sincera»)” (Norton, 2007, p. 134). A resposta de Israel aos acontecimentos deram início à Segunda Guerra do Líbano (Kober, 2008). Segundo Romm (2007), os objetivos de Israel eram afastar o Hezbollah da fronteira a norte do país, libertar os prisioneiros que tinham sido raptados, fragilizar a capacidade militar do Hezbollah, acabar com os seus ataques terroristas e fazer tudo isto sem alastrar a guerra ao país a nordeste, a Síria.

Para Cordesman, Sullivan e Sullivan (2007) e Kober (2008), primeiro as FDI começaram com uma ofensiva aérea contra as posições de rockets do Hezbollah, juntamente com bloqueios navais aos portos do Líbano. Johnson (2011) afirma que, o plano inicial passaria por lançar uma ofensiva aérea juntamente com fogos de artilharia, procurando evitar uma grande ofensiva terrestre, pelo que “as FDI não tinham um plano operacional aceite e a ofensiva terrestre foi improvisada” (Johnson, 2011, p. xviii). Segundo Matthews (2011), houve um plano denominado MEY MAROM para uma ofensiva terrestre com o objetivo de fazer o Hezbollah retirar para norte do rio Litani que, no entanto, não foi aceite pelo Chefe de Estado Maior das FDI, Dan Halutz, aceitando apenas uma ofensiva aérea.

3.4.2. O Inimigo

O Hezbollah, “literalmente, o Partido de Deus” (Norton, 2007, p. 15) é uma facção xiita que surgiu após a Primeira Guerra do Líbano de 1982. “Os objetivos do grupo incluem o estabelecimento de uma teocracia Xiita no Líbano, a destruição de Israel e a eliminação das influências do ocidente no Médio Oriente” (Mellies, 2009, p. 47). O grupo “tem a estrutura, organização e capacidades de um exército regular, a lógica de uma organização terrorista e o *modus operandi* de um grupo de guerrilha” (Romm, 2007, p. 51).

Durante a Segunda Guerra do Líbano,

“o braço armado do Hezbollah era organizado horizontalmente. Era também amplamente organizado em dois tipos de combatentes: os chamados combatentes de elite ou regulares, que somavam cerca de 1.000 homens e que geralmente recebiam treino e armamento avançado e os combatentes das vilas, cujos números são difíceis de estimar, porque muitas vezes incluíam homens locais pouco associados ao Hezbollah” (Cordesman et al., 2007, p. 80).

Johnson (2011) coloca o total de combatentes do Hezbollah em cerca de 10.000 entre regulares e irregulares. Relativamente a armamento utilizado pelo Hezbollah, “no que diz respeito a armas ligeiras, a AK-47 permaneceu o padrão, enquanto alguns combatentes carregavam tanto a M-16 ou a M-4” (Exum, 2006, p. 5). Além disto, segundo Mellies (2009) e Exum (2006), o grupo fez um grande uso de rockets (ver fotografia de um bunker para rockets no anexo S), apesar da sua imprecisão, para atacar cidades em Israel, de armas anticarro, como RPGs (RPG-7, RPG-29) e ATGMs (TOW, Milan, AT-3 Sagger, AT-4 Spigot, AT-5 Spandrel, AT-7 Metis, AT-13 Metis-M e AT-14 Kornet-E) (ver tabela das características das armas anticarro no anexo T), de mísseis terra-ar, mísseis antinavio e, ainda, veículos aéreos não tripulados, UAVs. Utilizaram, também, minas anticarro e IEDs, “a preparação de dispositivos explosivos bem disfarçados tornou-se uma especialidade do Hezbollah” (McGregor, 2006, para. 4). Exum (2006) refere que, os mísseis anticarro foram adquiridos à Rússia pelo Hezbollah, com a ajuda financeira do Irão e da Síria.

Nas táticas de combate anticarro do Hezbollah, os combatentes “eram divididos em equipas anticarro de cinco a seis. Cada equipa estava armada com cinco a oito mísseis anticarro” (Eshel, 2007, p. 13). Como exposto por Exum (2006), em cada equipa, dois elementos encontravam-se bem treinados e especializados nas armas anticarro sendo que os restantes eram utilizados para transportar as armas. O mesmo refere que estas pequenas equipas dispunham de liberdade de ação e eram autossuficientes, carregando alimentação e munições para todo o desenrolar da guerra.

Desta forma, “o braço armado do Hezbollah, a Resistência Islâmica (RI)” (Mellies, 2009, p. 52) apresentava uma estrutura de comando descentralizada (ver imagem no anexo U) que garantiu flexibilidade e iniciativa tanto aos líderes como aos combatentes do Hezbollah (McGregor, 2006).

3.4.3. As Forças de Defesa de Israel na Ofensiva Terrestre

Matthews (2011) refere que, após o rapto dos dois soldados das FDI, a 12 de julho de 2006, o Comando do Norte, com a responsabilidade de assegurar a segurança da fronteira, respondeu ao ataque do Hezbollah, sendo que

“alguns veículos blindados cruzaram a fronteira para o Líbano. Enquanto se moviam rapidamente em direção a uma colina com vista para uma possível rota de fuga do Hezbollah, um IED massivo explodiu sob um CC Merkava 4, enviando pedaços pesados de aço até 137 metros de distância, matando instantaneamente a guarnição de quatro pessoas” (Matthews, 2011, p. 36).

Segundo Johnson (2011) e Matthews (2011), no início da Segunda Guerra do Líbano, as intervenções terrestres das FDI eram limitadas e de tropas especiais; no entanto, alguns dos membros das FDI começaram a perceber que apenas com intervenções no Sul do Líbano não conseguiriam cumprir os objetivos propostos e que havia a necessidade de lançar uma ofensiva de larga escala.

A primeira ofensiva terrestre em que os CC foram empregues aconteceu a 17 de julho de 2006, junto da fronteira entre o Líbano e Israel, na vila de Maroun al-Ras (Johnson, 2011). Para além das unidades de tropas especiais, “CC de três brigadas Israelitas entraram na ofensiva, juntamente com a unidade Egoz da Brigada Golani, um batalhão de engenharia e o Batalhão 101 da Brigada de Paraquedistas” (Matthews, 2011, p. 44). Para Exum (2006), o combate na vila de Maroun al-Ras foi a primeira imagem daquilo que o Hezbollah tinha preparado na defesa das áreas urbanizadas e só no dia 23 de julho de 2006, seis dias desde o início do combate, é que as FDI tiveram controlo sob a vila.

Matthews (2011) faz referência à ação da 7ª Brigada Blindada junto da vila de Maroun al-Ras. Segundo Eado (comunicação pessoal, 4 de março 2020), o emprego dos CC nestas ofensivas foi secundário e através de apoio de fogos de longo alcance à infantaria. Os principais CC utilizados na Segunda Guerra do Líbano foram da família Merkava⁴¹, “incluindo o Merkava Mk4, o Merkava Mk2D⁴² (com a sua distinta torre inclinada), o Mk2 básico (mais comum em unidades de reservistas) e o Merkava Mk3Baz” (Eshel, 2007, p. 12). Yaakov Katz (2006b) coloca o número de CC empregues pelas FDI em cerca de 400.

Até 10 de agosto foram empenhadas quatro divisões: “a 91ª Divisão (Infantaria, «Formação Galileia»), a 162ª Divisão (Blindada, «Formação de Aço»), a 366ª Divisão

⁴¹ Ver Apêndice A.

⁴² Referência ao Merkava 2B Dor Dalet.

(Reserva Blindada, «Formação Pilar de Fogo») e a 98ª Divisão (Paraquedistas, «Formação de Fogo»)» (Johnson, 2011, p. 69).

No dia 11 de agosto, as FDI utilizaram os CC para uma última ofensiva com o objetivo de avançar até ao Rio Litani. Esta antecedeu o cessar-fogo aprovado pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas (Y. Katz, 2006b).

3.4.4 A Batalha de Wadi Saluki e a Ameaça Anticarro

As FDI começaram a planear uma ofensiva terrestre de larga escala a poucos dias do final da guerra (Johnson, 2011). Este planeamento materializou-se na Operação Mudança de Direção 11 (ver mapa da operação no anexo V), na qual se deu a Batalha de Wadi Saluki em que o principal sistema de armas afetado foram os CC, sendo esta a sua maior intervenção ao longo da Segunda Guerra do Líbano.

Segundo Johnson (2011), no esforço da Operação Mudança de Direção 11 foi empregue a 162ª Divisão Blindada cuja missão era controlar a sudoeste do Líbano, avançando segundo a direção geral este-oeste. Ao longo desta direção, a 162ª Brigada tinha de atravessar o Wadi Saluki, “um vale profundo que corta o sul do Líbano de norte a sul” (Exum, 2006, p. 11). Para o cumprimento da missão, a 162ª Divisão teria de conquistar uma vila, situada no vale, denominada Ghandouriyeh (Helmer, 2007).

No entanto, o processo de tomada de decisão no final da guerra foi lento e previsível. Tanto Yaakov Katz (2006b) e Exum (2006) referem que, após os CC da 401ª Brigada Blindada, pertencente à 162ª Divisão, terem descido no dia 10 de agosto até o vale, a ordem para estes avançarem para a conquista de Ghandouriyeh foi sendo adiada, o que deu oportunidade para os combatentes do Hezbollah aproveitarem o terreno a seu favor e preparar uma emboscada tirando o elemento surpresa às FDI. Cerca de 100 combatentes, equipados com ATGM AT-14 Kornet-E, ocuparam posições ao longo do vale e esperaram pelo avanço dos CC Israelitas (Y. Katz, 2008).

O comandante da 162ª Divisão “ciente dos riscos posicionou soldados de infantaria da Brigada Nahal, perto das aldeias de Andouriya e Farun, para cobrir a passagem da brigada blindada” (Johnson, 2011, p. 75). A 401ª Brigada Blindada esperou até receber ordens para avançar, as quais que chegaram no dia 11 de agosto ao final da tarde (Y. Katz, 2006c). Desta forma,

“com o terreno elevado presumivelmente seguro, 24 carros de combate da 401ª Brigada começaram a atravessar o Wadi al-Saluki. Logo após o avanço, os dois carros de combate à frente da coluna encontraram a sua rota bloqueada por um prédio

colapsado. Enquanto os carros de combate procuravam outro ponto de passagem, um grande IED ou mina explodiu atrás deles, derrubando a estrada. No mesmo momento, um míssil anticarro guiado por laser, Kornet, do Hezbollah, atingiu o Merkava de um comandante de companhia, matando-o e a toda a guarnição” (Matthews, 2011, p. 54).

Esta emboscada deu início à batalha entre as avançadas armas anticarro do Hezbollah e os carros de combate das FDI considerados dos melhores a nível mundial. É de notar que dos vinte e quatro CC da 401ª Brigada Blindada nenhum disparou granadas de fumo durante a emboscada (Helmer, 2007). No final desta, onze dos vinte e quatro CC tinham sido atingidos por mísseis anticarro tendo morrido oito membros das guarnições, além de outros quatro soldados (Exum, 2006).

Segundo Johnson (2011), a coordenação entre a infantaria que cobria o vale e a cavalaria não foi eficaz, o que motivou a resposta negativa do Comando do Norte, ao pedido de apoio de fogo aéreos e de artilharia feito pela 401ª Brigada Blindada.

Desta forma, “a batalha de Wadi Saluki, de 11 a 13 de agosto, ilustra os problemas táticos e operacionais enfrentados pelas FDI ao longo da guerra” (Helmer, 2007, p. 9), desde as falhas no Processo de Decisão Militar até à falta de treino aos mais baixos escalões, tanto na utilização dos sistemas de armas como em manobras de armas combinadas.

No entanto, esta batalha apresenta ainda um dos maiores sucessos táticos do Hezbollah, que provaram encontrar-se bem treinados e capazes de empregar com sucesso armas avançadas, como os ATGM (Exum, 2006).

No final da Segunda Guerra do Líbano, os números exatos são difíceis de precisar diferindo entre as fontes. No entanto, “algumas estimativas colocam o número de ATGM e rockets pesados anticarro em mais de 1.000” (Cordesman et al., 2007, p. 110) disparados pelas equipas do Hezbollah. Dos 400 CC empregues no sul do Líbano pelas FDI, “de acordo com relatórios oficiais, cerca de 10% foram atingidos por várias ameaças, dos quais menos de metade foram penetrados” (Eshel, 2007, p. 12). Posto em números, “apenas 20 foram realmente penetrados. No total 40 carros de combate foram danificados e 30 membros de guarnição foram mortos” (Y. Katz, 2006a). Dos 40 CC atingidos pelo Hezbollah, a maioria, cerca de 90%, foram atingidos por ogivas com cargas tandem⁴³ (Eshel, 2007).

Como referido por Cordesman et al. (2007), em termos de baixas de ambas as partes, morreram 119 soldados das FDI e 42 civis israelitas, 900 civis libaneses e 500 combatentes do Hezbollah. Apesar destes números, a vitória na Segunda Guerra do Líbano é atribuída ao

⁴³ “Esta ogiva foi projetada para superar a blindagem reativa usada pelas FDI” (Shapir, 2007, p. 229).

Hezbollah pela forma como resistiu às FDI e por ter conseguido continuar a lançar rockets para Israel durante toda a guerra (Johnson, 2011).

Para Yaakov Katz (2006b), uma das principais lições que as FDI retiraram no final da guerra foi o de não voltar a negligenciar o treino das guarnições de CC assim como dos comandantes, algo que aumentava o desembarço tático de ambos os referidos. Além disso, o mesmo refere que as FDI começaram a partir deste momento a procurar equipar os seus CC com sistemas de proteção ativa como o Trophy⁴⁴.

3.5. Operação Chumbo Endurecido

Neste subcapítulo é apresentada a Operação Chumbo Endurecido, de dezembro de 2008 a janeiro de 2009, desde os antecedentes e origens do conflito até aos intervenientes no mesmo e desenrolar da operação, com o objetivo de identificar e analisar quais as unidades de Carros de Combate das FDI foram empregues e de que forma estas se relacionaram com as variáveis terreno e inimigo; quais as suas missões e tarefas; e, por último, quais as potencialidades e vulnerabilidades identificadas durante a operação.

3.5.1. Antecedentes e Plano Operacional

Após a Segunda Intifada e a retirada de Israel da Faixa de Gaza em 2005, a luta pelo controlo da região entre o Hamas e a Fatah intensificou-se⁴⁵ (Cohen et al., 2017). Como refere Cordesman (2009), o Hamas ganhou o controlo sobre Gaza devido a problemas internos na Fatah e na AP, tendo ganho eleições em 2006. O Hamas assumia, assim, um papel político tornando-se mais do que apenas um grupo terrorista, aproximava-se aos poucos de se tornar um ator híbrido (Cohen et al., 2017).

Como resposta ao crescimento do poder do Hamas em Gaza e da sua ameaça à segurança do sul de Israel, o governo de Israel estabeleceu um bloqueio económico (Matthews, 2009b) que, como refere Cordesman (2009), teve o apoio dos EUA e da Europa que também consideram o Hamas como uma organização terrorista. Como resultado, “cerca

⁴⁴ “O Trophy foi declarado operacional pelas FDI em agosto de 2009” (Egozi, 2016, p. 43); “a primeira experiência em combate do Trophy foi em março de 2011 numa operação na fronteira com Gaza onde um Merkava Mk4 equipado com o Trophy destruiu um RPG-29” (Egozi, 2016, p. 42).

⁴⁵ Com a morte do líder da OLP e da Fatah, Yasser Arafat, no final de 2004 (Cohen et al., 2017), e com o aumento da influência do Hamas, a governação dos territórios Palestínianos dividiu-se “no equivalente a dois quase-estados ou enclaves – a Faixa de Gaza controlada pelo Hamas e a Cisjordânia controlada pela Autoridade Palestiniana” (Cordesman, 2009, p. 6).

de 1.5 milhões de Palestínianos em Gaza tornaram-se reféns da luta de poder entre Israel e o Hamas” (Cordesman, 2009, p. 7).

Para Cohen et al. (2017) e Matthews (2009b), o bloqueio económico levou a um aumento do tráfico de armas por parte do Hamas para a Faixa de Gaza sendo estas fornecidas em grande parte pelo Irão e pela Síria. Além disso, aumentou o número de rockets lançados de Gaza para o sul de Israel, ao qual o último respondia com ataques da Força Aérea de Israel (FAI). De junho a dezembro de 2008, com intermediação do Egipto, Israel e o Hamas concordaram com um cessar-fogo. No entanto, em novembro de 2008, Israel matou seis combatentes do grupo Palestíniano na Faixa de Gaza, o que levou a uma escalada da violência de ambas as partes e que deu origem à Operação Chumbo Endurecido, no final de dezembro de 2008.

O plano de Israel para a operação pressupunha uma primeira fase de ofensiva aérea e uma segunda fase com uma operação aeroterrestre. O objetivo destas ofensivas era enfraquecer o poder militar do Hamas através de uma intervenção curta, mas não destruir todas as suas forças nem ocupar a Faixa de Gaza. As FDI aprenderam com os erros da Segunda Guerra do Líbano e basearam o seu planeamento e preparação em lições retiradas da campanha contra o Hezbollah⁴⁶ (Cordesman, 2009).

3.5.2. O Inimigo

O principal inimigo⁴⁷ de Israel na Operação Chumbo Endurecido foi o Hamas⁴⁸. O Hamas é uma organização de muçulmanos sunitas que se opõe à existência do Estado de Israel, desenvolvendo ações na esfera política, social e tendo uma força militar própria (Mellies, 2009).

O número de efetivos do braço militar do Hamas, as Brigadas Izzedine al-Qassam, encontra-se entre 6.000 e 10.000; no entanto, o grupo é apoiado por irregulares que tornam este número difícil de precisar (Cordesman, 2009). Matthews (2009b) expõe que, o Hamas dispunha de cerca de 15.000 combatentes, no total, na altura da operação. Os combatentes do Hamas encontravam-se distribuídos pela Faixa de Gaza em quatro áreas de influência

⁴⁶ Israel apontou uma comissão para estudar os erros da Segunda Guerra do Líbano de 2006, conhecida como Comité Winograd, que publicou um relatório final com as lições retiradas (Governo de Israel, 2006).

⁴⁷ Também a Jihad Islâmica da Palestina, uma organização que opera na Faixa de Gaza, se opôs e executou ataques contra Israel (Schanzer, 2008).

⁴⁸ “Hamas é um acrónimo para *Harakat al-Muqawamah al-Islamiyyah* (Movimento de Resistência Islâmica)” (Mellies, 2009, p. 46).

distintas, Norte, Centro, Sul e cidade de Gaza, com uma brigada a Norte, uma no Centro, com duas brigadas no Sul e duas na cidade de Gaza (Johnson, 2011).

O Hamas preparou-se para uma intervenção militar de Israel na Faixa de Gaza. Construiu túneis, preparou IEDs e preparou a sua ação defensiva e ofensiva, por exemplo, emboscadas, em áreas urbanas, de forma a utilizar a população para dissuadir ataques das FDI (Cordesman, 2009). Incluíram escolas, hospitais e locais de culto na sua estratégia de defesa. Apesar da preparação do campo de batalha, o treino do grupo era pouco e o seu poder de fogo reduzido, tendo falta de ATGM (Matthews, 2009b). Segundo Johnson (2011), o braço militar do Hamas, além do armamento individual, tinha RPG e ATMG, como o RPG-29 e o AT-3 Sagger, mísseis antiaéreos, minas e IED, morteiros, médios e pesados, e rockets com alcances desde os 3 km aos 45 km.

3.5.3. As Forças de Defesa de Israel

Durante o período entre o final da campanha no sul do Líbano contra o Hezbollah e o início da Operação Chumbo Endurecido, pouco mais de dois anos, as FDI fizeram alterações à sua doutrina e adaptaram o seu treino e prontidão para operações tanto convencionais como assimétricas (Cordesman, 2009).

As FDI encontravam-se bem treinadas e motivadas na altura da operação. Além disso, ao contrário da campanha contra o Hezbollah, as informações sobre o Hamas eram precisas, tendo a inteligência de Israel identificado e assinalado diversos alvos ao longo do período que antecedeu a operação (Matthews, 2009b).

Yaakov Katz (2007) refere que, a 401ª Brigada Blindada encontrava-se bem treinada, tendo executado treinos tanto em ambiente urbano como de conhecimento técnico do sistema de armas corrigindo erros da campanha anterior.

A 401ª Brigada Blindada fazia parte da Divisão Territorial de Gaza juntamente com outras três Brigadas constituídas para a missão, a Brigada Aerotransportada, a Brigada Golani e a Brigada Givati, além de algumas brigadas de reservistas que foram também destacadas para a operação (Johnson, 2011).

Segundo Eado (comunicação pessoal, 04 de março 2020), uma Brigada de CC foi dividida nos seus três Grupos, sendo estes distribuídos pelas Brigadas Força-Tarefa para a execução da operação. O mesmo refere que as FDI continuavam com uma constituição ternária que se mantinha desde 1982. Foram empregues cerca de 200 CC no total da operação. Cordesman (2009) refere que as FDI utilizaram o Merkava Mk2, 3 e 4.

Com a Operação Chumbo Endurecido, as FDI procuravam enfraquecer a liderança, as infraestruturas e a capacidade do Hamas de lançar rockets contra o território, a sul de Israel (Marrero, 2009).

3.5.4. Ofensiva Terrestre

A Operação Chumbo Endurecido teve início no dia 27 de dezembro de 2008 com a primeira fase do plano, a ofensiva aérea. Como referido por Matthews (2009b), nesta ofensiva a FAI atingiu múltiplos alvos, previamente planeados, fazendo uso de armas precisas para destruir infraestruturas do Hamas, tais como, depósitos de armamento, centros de treino e edifícios de comando, atingindo os líderes do grupo. A marinha de Israel também atingiu alguns destes alvos.

Tanto Marrero (2009) e Matthews (2009b) referem que, o terreno na Faixa de Gaza é plano, aberto e com densas áreas urbanas na costa não sendo tão benéfico para o Hamas da mesma forma que o terreno montanhoso do Líbano foi para o Hezbollah.

A ofensiva terrestre iniciou no dia 3 de janeiro de 2009 em coordenação com a FAI que continuou a atuar até ao final da operação (Cordesman, 2009). Esta ofensiva, ou segunda fase da operação, tinha como objetivo isolar a cidade de Gaza do resto da região (Marrero, 2009). Para tal, a Brigada Aerotransportada atacou pelo norte da Faixa de Gaza, a Brigada Golani avançou em direção à cidade de Gaza por três corredores, segundo a direção geral este-oeste, a Brigada Givati avançou pelo sul da cidade de Gaza em direção à costa oeste. A 401ª Brigada Blindada tinha como missão cortar a principal autoestrada de sul para norte (Johnson, 2011).

Segundo Mellies (2009), o Hamas durante a ofensiva terrestre procurou evitar confrontos diretos privilegiando táticas de toque e fuge. Além de continuar a disparar rockets para o sul de Israel, utilizou snipers, mísseis anticarro, bombistas suicidas, IED e movimentou-se por túneis para emboscar e baixa o moral das FDI (Johnson, 2011).

Durante a ofensiva terrestre as FDI efetuaram principalmente operações durante a noite, aproveitando o facto de o Hamas não ter equipamentos de visão noturna, utilizaram a engenharia, especificamente o D-9 Bulldozer, para abrir ponto de passagem imprevisíveis, de forma a evitar as principais estradas que estariam armadilhadas pelo Hamas e procuraram evitar áreas estreitas e zonas de possíveis emboscadas (Cordesman, 2009).

Matthews (2009b) refere que, os CC foram equipados com mais blindagem na parte de baixo do casco para uma melhor resistência contra a minas e IED e foram empregues

juntamente com a infantaria, aumentando a sua proteção e poder de fogo. Segundo Johnson (2011), os CC foram utilizados para proteger colunas logísticas e para algumas evacuações sanitárias. Foram, ainda, utilizados para responder a fogo de snipers destruindo os edifícios onde estes se encontravam e, também, para disparar munições de fósforo branco (WP) (Breaking the Silence, 2009). “O Merkava forneceu mobilidade protegida e poder de fogo de precisão, reduzindo assim o risco e fornecendo aos comandantes mais opções de manobra” (Kim, 2016, p. 8).

No final da Operação Chumbo Endurecido, a 18 de janeiro de 2009, morreram 10 soldados das FDI, 4 deles por fratricídio. Dos CC utilizados ao longo da operação, poucos foram penetrados e estes não causaram nenhuma baixa nas guarnições (Cordesman, 2009). Ao longo da operação, as FDI foram capazes de destruir diversas instalações do Hamas, como túneis e locais de fabrico de armamento; no entanto, não foram capazes de matar muitos dos líderes do grupo (Cohen et al., 2017), cumprindo parcialmente os objetivos a que se tinham proposto.

Para Matthews (2009b), apesar de o Hamas não ser um adversário tão bem treinado e equipado como o Hezbollah, a verdadeira vitória das FDI foi a sua capacidade de aprender com a guerra de 2006. Desta vez, os seus soldados estavam bem treinados, tanto em técnica individual de combate como no uso dos equipamentos, tendo as FDI demonstrado uma grande capacidade para executar manobras com armas combinadas.

3.6. Análise e Discussão de Resultados

Neste subcapítulo, cada um dos Teatros de Operações estudados é analisado segundo as perguntas derivadas, comparados entre si e comparados com os resultados apresentados no enquadramento teórico, com o intuito de chegar a uma relação entre as variáveis da investigação.

Tabela n.º 1 – Análise da Operação Paz na Galileia

Operação Paz na Galileia			
Caraterísticas do Teatro de Operações	Carros de Combate	Missões e Tarefas	Vulnerabilidades e Potencialidades
Terreno: A curta largura e as	Unidades: 91 ^a Divisão, 211 ^a Brigada	Missões: Cavalaria segue à frente das	Vulnerabilidades: Estradas estreitas e

<p>montanhas do sul do Líbano limitaram o movimento e manobra das FDI.</p> <p>Inimigo: OLP, religiosa e etnicamente motivada ameaça o norte de Israel; Combatentes regulares e irregulares (15.000); Mal equipados e desorganizados; Armamento soviético.</p>	<p>Blindada, 36ª Divisão (-), 162ª Divisão (-) (Oeste e Centro); Composição ternária; Constituição de Força-Tarefa.</p> <p>Preparação: Bem treinadas; Treino, em coordenação com outras armas e serviços, em CAU.</p> <p>Modelos: Centurion, M48A3, M60 (alguns com blindagem reativa Blazer), M60A1 e Merkava Mk1.</p> <p>Números: Cerca de 1.240 CC.</p>	<p>forças (Terreno aberto) ou em apoio à Infantaria (CAU).</p> <p>Tarefas: Abertura de brechas; Destruição de infraestruturas; Apoio de fogos direto; Telémetro laser utilizado para dar a distância ao alvo às armas empregues pela Infantaria; Evacuação de feridos (Merkava).</p>	<p>becos sem saída; Disparos de RPGs e granadas de telhados e janelas; Ataques de snipers; Elevação do Armamento secundário; Sistemas de visão noturna obsoletos.</p> <p>Potencialidades: Elevado poder de fogo; Precisão das armas; Proteção; Mobilidade; O Merkava mostrou uma grande tenacidade e proteção da guarnição.</p>
--	---	---	--

Fonte: Elaboração Própria

Tabela n.º 2 – Análise da Segunda Guerra do Líbano

Segunda Guerra do Líbano			
Caraterísticas do Teatro de Operações	Carros de Combate	Missões e Tarefas	Vulnerabilidades e Potencialidades
<p>Terreno: Sul do Líbano, montanhoso e com bunkers e túneis preparados pelo Hezbollah.</p> <p>Inimigo: Hezbollah, facção xiita, ameaça ao norte de Israel; Apoio externo da Síria, Irão e Coreia do Norte; Combatentes regulares e irregulares (10.000); Bem treinados e organizados; Com equipamento avançado.</p>	<p>Unidades: 91ª Divisão, 162ª Divisão (401ª Brigada Blindada), 366ª Divisão e 7ª Brigada Blindada; Composição ternária.</p> <p>Preparação: Mal treinadas e preparadas devido aos conflitos de baixa intensidade (ambas Intifadas). Más informações sobre o Hezbollah.</p> <p>Modelos: Merkava Mk2 (incluindo Mk2B Dor Dalet),</p>	<p>Missões: Durante toda a guerra o emprego dos CC foi limitado, utilizados principalmente na Operação Mudança de Direção 11 para controlar posições a oeste do Líbano avançando de este para oeste.</p> <p>Tarefas: Apoio de fogos de longo alcance à Infantaria.</p>	<p>Vulnerabilidades: Falta de treino e coordenação das unidades de CC com outras armas; Forte presença de armas anticarro, RPGs e ATMGs com ogivas tandem.</p> <p>Potencialidades: Capacidade dos Merkava de proteger a guarnição apesar dos erros, técnicos e táticos, e dos inúmeros disparos de armas anticarro.</p>

	Mk3 (incluindo Mk3 Baz) e Mk4. Números: Cerca de 400 CC.		
--	--	--	--

Fonte: Elaboração Própria

Tabela n.º 3 – Análise da Operação Chumbo Endurecido

Operação Chumbo Endurecido			
Caraterísticas do Teatro de Operações	Carros de Combate	Missões e Tarefas	Vulnerabilidades e Potencialidades
<p>Terreno: Faixa de Gaza, plano, aberto e com densas áreas urbanas no litoral; Prévia preparação do campo de batalha, túneis e IEDs.</p> <p>Inimigo: Hamas, organização muçulmana sunita, ameaça o sudoeste de Israel junto da Faixa de Gaza; Apoio externo do Irão e da Síria; Combatentes regulares e irregulares (15.000); Menos bem treinado e equipado em comparação ao Hezbollah; Táticas de toque e fuge. Escudos humanos para dissuadir ataques.</p>	<p>Unidades: 401^a Brigada Blindada, mais uma Brigada de CC dividida pela Brigada Aerotransportada, a Brigada Golani e a Brigada Givati.</p> <p>Preparação: Bem treinadas e motivadas, com informações precisas sobre o Hamas.</p> <p>Modelos: Merkava Mk 2, Mk 3 e Mk4.</p> <p>Números: Cerca de 200 CC.</p>	<p>Missões: 401^a Brigada Blindada, cortar a autoestrada sul-norte da Faixa de Gaza; As restantes unidades com CC faziam parte das Força-Tarefa a atuar na cidade de Gaza.</p> <p>Tarefas: Proteger colunas logísticas; Evacuações de feridos; Responder a fogo de snipers; Destruir edifícios; Operações noturnas.</p>	<p>Vulnerabilidades: Áreas estreitas, IEDs Minas, Snipers, mísseis anticarro, RPGs com ogivas tandem e alguns ATGMs.</p> <p>Potencialidades: Multiplicador do potencial de combate devido ao treino e coordenação com outras armas; Mobilidade protegida; Poder de fogo de precisão.</p>

Fonte: Elaboração Própria

Na Operação Paz na Galileia, durante a 1ª Guerra do Líbano de junho de 1982, as unidades de CC encontravam-se bem equipadas, bem treinadas, tinham realizado treinos, em conjunto com outras armas e serviços, em cenários semelhantes àqueles em que atuaram e tinham missões bem definidas provenientes de um planeamento prévio à operação. As FDI depararam-se com um inimigo (OLP), apesar de motivado, mal equipado e desorganizado.

As unidades de CC foram empregues principalmente em Forças-Tarefa com outras armas, multiplicando o potencial de combate das FDI através do seu poder de fogo e fogo de precisão, para abrir brechas ou destruir edifícios, através de mobilidade protegida, tanto à sua guarnição, como a soldados de Infantaria que se deslocassem sob a blindagem do Merkava, ou até a soldados que precisassem de ser evacuados da linha da frente de combate. Os problemas em elevação do armamento secundário dos CC para bater alvos em pisos superiores foi colmatado pela boa coordenação com a Infantaria, tendo os disparos de RPGs mostrado a importância de um CC com boa proteção, como o Merkava, capaz de sofrer diversos impactos sem pôr em risco as guarnições.

Na Segunda Guerra do Líbano de junho de 2006, pelo contrário, as unidades de CC, assim como todas as FDI, encontravam-se mal treinadas, técnica e taticamente, e com poucas informações sobre o inimigo assimétrico que iriam enfrentar. O Hezbollah, com combatentes regulares e irregulares, encontrava-se bem treinado, organizado e com um grande número de equipamentos de alta tecnologia, exemplo do AT-14 Kornet-E, adquiridos através do apoio de estados como o Irão e a Síria.

As FDI não tinham planeado uma ofensiva terrestre de larga escala ao sul do Líbano como na Operação Paz na Galileia. Pelo contrário, a maior parte das ofensivas terrestres eram junto da fronteira entre o Líbano e Israel e eram operações de tropas especiais; no entanto, estas não foram capazes de cumprir com os objetivos que Israel pretendia, pelo que, no final da guerra, as FDI lançaram a Operação Mudança de Direção 11. Esta refletiu tanto a falta de planeamento, como a falta de treino e coordenação entre armas das FDI. Os Merkava, mesmo apesar de erros na sua utilização, como não lançar potes de fumos quando emboscados, demonstraram a importância de um CC capaz de proteger a guarnição contra as ameaças anticarro.

A Operação Chumbo Endurecido foi a oportunidade das FDI porem em prática todas as lições que tinham retirado da Guerra de 2006 no sul do Líbano. Nesta operação as forças Israelitas encontravam-se prontas para enfrentar um inimigo assimétrico, tinham realizado exercícios de treino em ambiente urbano e conheciam bem os sistemas de armas de que dispunham, além de possuírem boas informações sobre o Hamas. Este tinha uma constituição como a do Hezbollah, combatentes regulares e irregulares, também com apoio externo da Síria e do Irão. No entanto, os equipamentos de que dispunham eram menos avançados tecnologicamente e o seu treino era mais deficitário pelo que evitavam confrontos diretos com as FDI utilizando muitas vezes táticas de toque e fuge. Os CC mais uma vez

mostraram-se essenciais quando combinados com outras armas, aumentando o poder de fogo, a mobilidade protegida e dando mais flexibilidade de resposta aos comandantes das Forças-Tarefa, sendo as vulnerabilidades destes colmatadas através do apoio mútuo entre armas.

Pode ser feita uma correlação entre a capacidade de Israel de aprender com os erros da campanha contra o Hezbollah e aplicar as lições na operação contra o Hamas e a capacidade da Rússia de aprender com os erros da 1ª Guerra da Chechénia e aplicar as lições aprendidas na Guerra de 1999 também na Chechénia. Nestes casos, segundo Cassidy (2003), também os russos se encontravam mal preparados para enfrentar um inimigo como os chechenos, conhecedores do terreno, fazendo uso de posições preparadas nas cidades e realizando emboscadas em montanhas contra as forças russas. Segundo Galeotti (2014), os CC encontravam-se mal equipados para resistir ao impacto de RPGs simples e os russos aumentaram a capacidade de proteção contra estas ameaças através de grelhas de proteção. Além disso, deram também importância às informações formando a sua própria força de chechenos. Como refere Schaefer (2010), também os chechenos utilizavam táticas de toque e fuga contra as forças russas evitando o contacto direto.

Pode ser também feita uma relação entre o emprego dos CC por Israel e o emprego de CC feito no Afeganistão. Segundo Salgado (2015) e Teixeira (2010), também o Afeganistão apresentava um terreno montanhoso como o sul do Líbano. De igual forma, também no Afeganistão houve a necessidade de aumentar a proteção contra ameaças anticarro, por exemplo, através do uso de grelhas de proteção e do aumento da blindagem debaixo do casco. Os CC foram utilizados pelas FDI, em coordenação com outras armas, protegendo colunas em deslocamento e fazendo uso do seu poder de fogo para destruir infraestruturas.

CONCLUSÕES

As FDI são das forças que têm passado por mais desafios a nível militar, tendo enfrentado tanto inimigos puramente convencionais, nos anos logo após a criação do Estado de Israel, como inimigos irregulares e assimétricos, ao longo dos últimos anos, e têm conseguido provar a sua capacidade de aprendizagem e adaptação aos diferentes tipos de conflitos. Tal possibilitou que este estudo abrangesse um leque variado de Teatros de Operações, aumentando o número de informação relevante para a investigação que pudesse ser apresentada, analisada e discutida através de relações de comparação entre estas.

Após a escolha do título do trabalho foi identificado o objetivo geral da investigação e os objetivos específicos decorrentes do anterior, sendo a partir destes definida tanto a questão central da investigação como as questões específicas. Ao longo de toda a investigação foi utilizado o método de abordagem indutivo, tendo este sido realizado através de um estudo de caso, único e delimitado no espaço e no tempo, que adotou uma estratégia qualitativa de investigação, fazendo uso de métodos de abordagem tanto monográficos, como comparativos e históricos. A principal técnica de recolha de dados foi a análise documental fazendo ainda uso da entrevista como complemento à investigação. Toda a investigação baseou-se em três fases, exploratória, analítica e conclusiva, sendo que as presentes conclusões encerram tanto a última fase como a redação do RCFTIA, procurando sintetizar todo o trabalho e, por fim, apresentar os principais resultados obtidos através da resposta às questões de investigação e, dessa forma, confirmar ou refutar que os objetivos do estudo foram alcançados.

A resposta à PD1, “Quais os Teatros de Operações de Contra-subversão em que os Carros de Combate foram empregues por Israel entre 1982 e 2009?” foi conseguida através do estudo dos TO em que as unidades de CC das FDI estiveram inseridas ao longo do período temporal de 1982 a 2009, sendo que os TO de Contra-subversão em que os CC foram empregues foram a Operação Paz na Galileia, a Segunda Guerra do Líbano e a Operação Chumbo Endurecido, sendo ainda empregues nas duas Intifadas, de 1987-1993 e de 2000-2005, e durante alguns anos no sul do Líbano entre 1983 e 2000, conflitos de baixa intensidade em que a intervenção dos CC foi mais limitada. Na Operação Paz na Galileia foram empregues em terreno montanhoso e em áreas urbanas contra a OLP, com

combatentes regulares e irregulares, mal equipados e desorganizados, apesar de motivados. Na Segunda Guerra do Líbano foram empregues num terreno montanhoso, com áreas urbanas e previamente preparado pelo Hezbollah, com combatentes regulares e irregulares, bem treinados e organizados, com equipamento avançado e com apoio externo. Na Operação Chumbo Endurecido foram empregues num terreno plano, aberto, com algumas áreas urbanizadas junto ao litoral e previamente preparado pelo Hamas, com combatentes regulares e irregulares, com menos treino e equipamento avançado em comparação com o Hezbollah, mas igualmente com apoio externo.

A resposta à PD2, “Quais as Unidades de Carros de Combate das Forças de Defesa de Israel (FDI) que foram empregues por Israel nos Teatros de Operações de Contra-subversão entre 1982 e 2009?”, foi obtida através da análise da Operação Paz na Galileia, da Segunda Guerra do Líbano e da Operação Chumbo Endurecido, cruzando as múltiplas fontes e chegando à conclusão que, em todos os TO anteriormente citados, as unidades de CC apresentaram uma constituição ternária e constituíram Forças-Tarefa juntamente com outras armas. Durante a Operação Paz na Galileia, as unidades com CC empregues no combate contra a OLP foram a 91ª Divisão, a 211ª Brigada Blindada, a 36ª Divisão (-) e a 162ª Divisão (-). As unidades estavam bem treinadas e preparadas. Os modelos de CC utilizados foram o Centurion, o M48A3, o M60 (alguns com blindagem reativa Blazer), o M60A1 e o Merkava Mk1, perfazendo um total de cerca de 1.240 CC empregues. Na Segunda Guerra do Líbano, as unidades com CC empregues foram a 91ª Divisão, a 162ª Divisão, incluindo a 401ª Brigada Blindada, a 366ª Divisão e a 7ª Brigada Blindada. As unidades estavam mal treinadas e preparadas e com más informações sobre o inimigo. Os modelos de CC utilizados foram o Merkava Mk2, incluindo o Mk2B Dor Dalet, o Merkava Mk3, incluindo o Mk3 Baz, e o Merkava Mk4, perfazendo um total de cerca de 400 CC empregues. Na Operação Chumbo Endurecido, as unidades com CC empregues foram a 401ª Brigada Blindada, e mais uma Brigada de CC dividida nos seus três grupos sendo cada um distribuído pela Brigada Aerotransportada, pela Brigada Golani e pela Brigada Givati. As unidades estavam bem treinadas e motivadas e com boas informações sobre o Hamas. Os modelos de CC utilizados foram o Merkava Mk 2, o Merkava Mk3 e o Merkava Mk 4, perfazendo um total de cerca de 200 CC empregues.

A resposta à PD3, “Quais as Missões e Tarefas atribuídas às Unidades de Carros de Combate das Forças de Defesa de Israel (FDI) que foram empregues por Israel nos Teatros de Operações de Contra-subversão entre 1982 e 2009?”, obteve-se após a apresentação e

análise dos resultados verificando que, durante a execução das missões das Forças-Tarefa em que as unidades de CC se inseriam, os CC seguiam na testa da força em terreno aberto e atuavam em apoio à Infantaria em ambiente urbano. Ao longo da execução destas missões, foram atribuídas diversas tarefas às unidades de CC. Na Operação Paz na Galileia as tarefas atribuídas foram aberturas de brechas, destruição de infraestruturas, apoio de fogos diretos, uso do telémetro laser do aparelho de pontaria do CC para a atribuição de distâncias, fornecendo-as posteriormente à Infantaria e, por último, evacuação de feridos da frente de combate. Na Segunda Guerra do Líbano o emprego de CC foi mais limitado sendo as tarefas essencialmente de apoio de fogos de longo alcance à Infantaria. Na Operação Chumbo Endurecido as unidades com CC foram empregues para proteger colunas logísticas, evacuar feridos da frente de combate, responder a fogo de snipers, destruir edifícios e, ainda, em operações noturnas.

A resposta à PD4, “Quais as vulnerabilidades e potencialidades dos Carros de Combate verificadas durante a execução das missões e tarefas atribuídas às Unidades de Carros de Combate das Forças de Defesa de Israel (FDI) que foram empregues por Israel nos Teatros de Operações de Contra-subversão entre 1982 e 2009?”, surgiu da análise do desempenho das unidades de CC durante os TO analisados. Na Operação Paz na Galileia, verificaram-se vulnerabilidades dos CC, tais como, as estradas estreitas e os becos sem saída, os disparos de RPGs e de granadas de telhados e janelas, os ataques de snipers quando a condução era feita de escotilha aberta, a incapacidade do armamento secundário para bater pisos superiores e o uso de sistemas de visão noturna obsoletos. Na Segunda Guerra do Líbano as vulnerabilidades advieram principalmente da falta de treino das guarnições de CC, da fraca coordenação com outras armas, da falta de planeamento e de informações pobres, mas também da presença de um inimigo assimétrico, altamente treinado e bem equipado, com armas anticarro avançadas e inesperadas, como RPGs e ATGMs com ogivas tandem. Na Operação Chumbo Endurecido, as principais vulnerabilidades para as unidades de CC foram as áreas estreitas, os IEDs, as Minas, os Snipers e os mísseis anticarro, RPGs e ATGMs. As potencialidades dos CC na Operação Paz na Galileia foram o elevado poder de fogo, a precisão das armas, a capacidade de fornecer mobilidade protegida e grande tenacidade e capacidade de proteção da guarnição demonstrada pelo CC Merkava Mk1. Na Segunda Guerra do Líbano, apesar dos erros técnicos e táticos das unidades de CC, a capacidade de proteção e tenacidade do CC Merkava voltou a verificar-se. Na Operação Chumbo Endurecido as principais potencialidades advieram das lições aprendidas da Guerra

de 2006, em que o conhecimento técnico e o desembaraço tático proveniente do treino em coordenação com outras armas refletiram ser multiplicadores do potencial de combate conjugados com a mobilidade protegida e o elevado poder de fogo dos CC.

A partir das respostas às perguntas derivadas chegou-se à resposta da pergunta de partida e, desta forma, à consecução do objetivo geral da investigação. Assim, a resposta à PP, “De que forma os Carros de Combate foram empregues nos Teatros de Operações de Contra-subversão por Israel entre 1982 e 2009?”, é a de que os CC foram empregues tanto contra inimigos assimétricos mal preparados e equipados e sem apoios externos, como contra inimigos altamente treinados e equipados com vários apoios externos. Foram empregues em terrenos tanto planos e abertos como em terrenos montanhosos e em áreas urbanizadas e densamente populacionais. Foram normalmente empregues juntamente com unidades de outras armas fazendo parte de Forças-Tarefa, criadas *ad hoc* consoante as necessidades inerentes ao Teatro de Operações específico. Foram utilizados para abrir brechas, destruir edifícios, responder a ataques de snipers, em apoio de fogos à Infantaria, para proteger colunas logísticas, para evacuar feridos da frente de combate e em operações noturnas. Apresentaram algumas vulnerabilidades aquando do seu emprego, principalmente, falta de treino e de coordenação entre armas, áreas que restringiam a capacidade de manobra, IEDs, minas, ataques de snipers e mísseis anticarro, como RPGs e ATGMs com ogivas tandem. No entanto, grande parte destas vulnerabilidades foram sendo colmatadas e mitigadas ao longo do período em estudo, de forma que as unidades de CC empregues no último TO sob estudo, a Operação Chumbo Endurecido, foram altamente treinadas tanto técnica como taticamente, em coordenação com outras armas, e com melhorias substanciais nas capacidades dos CC, estando estas espelhadas nas características do Merkava Mk4, com aumentos nas capacidades de proteção, de mobilidade e de poder de fogo.

Ao longo da investigação surgiram algumas limitações, tais como, as dificuldades para entrar em contacto com membros das FDI que tivessem participado nos TO estudados.

Recomendamos que em TO de contra-subversão futuros em que os CC forem empregues, seja previamente feito um estudo detalhado e exaustivo do terreno e do inimigo, realizados treinos específicos e combinados decorrentes desse estudo, que o emprego das unidades de CC seja feita em Forças-Tarefa, de forma a que cada arma mitigue as vulnerabilidades das restantes e de maneira a maximizar as potencialidades de cada uma. E, por fim, que os CC sejam adaptados, de forma a garantir a proteção das guarnições e o cumprimento da missão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Adelman, J. (2008). *The Rise of Israel: A history of a revolutionary state*. Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780203928295>
- AM. (2015). NEP 520/4a Trabalho de Investigação Aplicada.
- Anziska, S. (2018). *Preventing Palestine: A Political History from Camp David to Oslo*. Princeton University Press.
- Avó, C. (2018). *Diário de Notícias. Israel e Paletina Em Cinco Perguntas*. <https://www.dn.pt/mundo/israel-e-palestina-em-cinco-perguntas-9344962.html>
- Barroso, L. (2012). *Israelitas vs Hezbollah A Guerra de 4a Geração*. *Jornal Do Exército*, 10, 12–21.
- Bauer, Y. (1966). *From Cooperation to Resistance: The Haganah 1938–1946*. *Middle Eastern Studies*, 2(3), 182–210. <https://doi.org/10.1080/00263206608700044>
- Bechtol, B. E. (2010). *North Korea and Support to Terrorism: An Evolving History*. *Journal of Strategic Security*, 3(2), 45–54.
- Breaking the Silence. (2009). *Soldiers' Testimonies from Operation Cast Lead, Gaza 2009*. http://www.shovrimshatika.org/oferet/news_item_e.asp?id=1
- Bregman, A. (2016). *Israel's Wars: A history since 1947 (4a)*. Routledge.
- Brog, D. (2017). *Reclaiming Israel's History: Roots, Rights, and the Struggle for Peace*. Regnery Publishing.
- Brown, D. (2001a). *Middle East Time line: 2001 part one*. *The Guardian*. <https://www.theguardian.com/world/2001/oct/17/israel>
- Brown, D. (2001b). *The Guardian. Middle East Time Line: 2000*. <https://www.theguardian.com/world/2001/sep/20/israel>
- Canal de História. (2013). *A História da Grande Guerra (1a)*. Clube do Autor.
- Canal de História. (2014). *As Grandes Batalhas da História (4a)*. Clube do Autor.
- Canal de História. (2019). *A Guerra Total (1a)*. Clube do Autor.
- Cassidy, R. M. (2003). *Russia in Afghanistan and Chechnya: Military Strategic Culture and the Paradoxes of Asymmetric Conflict*. In *Strategic Studies Institute*. <https://pdfs.semanticscholar.org/3c55/af33f371b27e1aff9e247494b46ecb1ec5bf.pdf>
- Cohen, R., Johnson, D., Thaler, D., Allen, B., Bartels, E., Cahill, J., & Efron, S. (2017). *From Cast Lead to Protective Edge: Lessons from Israel's Wars in Gaza*. In *From Cast Lead to Protective Edge: Lessons from Israel's Wars in Gaza*. RAND Corporation.
- Connolly, K. (2012). *Charles Tegart e os fortes que se elevam sobre Israel*. BBC. <https://www.bbc.com/news/magazine-19019949>

- Cordesman, A. H. (2009). *The “Gaza War” : A Strategic Analysis*.
- Cordesman, A. H., Sullivan, G., & Sullivan, W. D. (2007). *Lessons of the 2006 Israeli-Hezbollah War*. Center for Strategic and International Studies.
- Dowling, T. C. (Ed.). (2015). *Russia at War. From the Mongol Conquest to Afghanistan, Chechnya, and Beyond*. ABC-CLIO.
- Egozi, A. (2016). Trophy - Israeli Combat Proven Active Protection. *Asia-Pacific Defence Reporter*, Nov, 42–44.
- Eilam, E. (2016). The Struggle against Hizbullah and Hamas: Israel’s Next Hybrid War. *Israel Journal of Foreign Affairs*, 10(2), 247–255. <https://doi.org/10.1080/23739770.2016.1207130>
- Eiland, G. (2010). The IDF in the Second Intifada. *Strategic Assessment*, 13(3), 27–37.
- EME. (1963). O EXÉRCITO NA GUERRA SUBVERSIVA - I GENERALIDADES.
- EME. (2012). PDE 3-00 OPERAÇÕES.
- EME. (2020). PAD 320-02 GLOSSÁRIO DE TERMOS E DEFINIÇÕES DO EXÉRCITO PORTUGUÊS.
- Eshel, D. (1989). *Chariots of the Desert: The Story of the Israeli Armoured Corps*. Brassey’s Defence Publishers.
- Eshel, D. (2007). Lebanon 2006: Did Merkava Challenge Its Match? *ARMOR*, 116(1), 12–14.
- Exum, A. (2006). *Hizballah at War: A Military Assessment*. Washington Institute for Near East Policy.
- Fernandes, J. M. (2014). O essencial para entender o conflito israelo-palestiniano. *Observador*. <https://observador.pt/explicadores/o-essencial-para-entender-o-conflito-israelo-palestiniano/>
- Ferreira, A. G. (2015). Foi o mufti de Jerusalém que sugeriu a “solução final” a Hitler? *Público*. <https://www.publico.pt/2015/10/22/mundo/noticia/foi-o-mufti-de-jerusalem-que-disse-a-hitler-para-queimar-os-judeus-1712038>
- Ferreira, L. P. (2018). Mil anos a sobreviver no Médio Oriente: a bravura dos drusos. *Diário de Notícias*. <https://www.dn.pt/mundo/mil-anos-a-sobreviver-no-medio-orienta-a-bravura-dos-drusos-9712392.html>
- Foley, M. (2014). *Rise Of The Tank Armoured Vehicles And Their Use In The First World War*. Pen and Sword Books.
- Frangi, A. (1983). *The PLO and Palestine*. Zed Books.
- Freilich, C. D. (2012). Israel in Lebanon—Getting It Wrong: The 1982 Invasion, 2000 Withdrawal, and 2006 War. *Israel Journal of Foreign Affairs*, 6(3), 41–75.
- Galeotti, M. (2014). *Russia’s Wars in Chechnya 1994-2009*. Osprey.
- Garcia, F. P. (2000). *Guiné 1963-1974: Os Movimentos Independentistas, o Islão e o Poder Português (U. Portucalense (Ed.))*.

- Garcia, F. P. (2005). Estudo Introdutório. In M. Robalo (Ed.), *Manual da Estratégia Subversiva (1a)*. Edições SÍlabo.
- Gawrych, G. W. (2003). The Siege of Beirut. In W. G. Robertson & L. A. Yates (Eds.), *Block by Block: The Challenges of Urban Operations* (p. 466). U.S. Army Command and General Staff College Press.
- Gelbart, M. (1996). *Tanks Main Battle Tanks and Light Tanks (1a)*. Bookcraft.
- Gelbart, M. (2005). *MERKAVA. A History of Israel's Main Battle Tank* (V. Jochen (Ed.)). Tankograd Publishing.
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social (6a)*. Atlas S.A.
- Giustozzi, A. (2017). Counterinsurgency challenge in post-2001 Afghanistan. *Small Wars and Insurgencies*, 28(1), 12–33. <https://doi.org/10.1080/09592318.2016.1266126>
- Gofrit, O. N., Leibovici, D., Shapira, S. C., Shemer, J., Stein, M., & Michaelson, M. (1997). The Trimodal Death Distribution of Trauma Victims: Military Experience from the Lebanon War. *Military Medicine*, 162(1), 24–26.
- Goldberg, G. (2003). Ben-Gurion against the Knesset. Frank Cass.
- Gordillo, G. (2018). Terrain as insurgent weapon: An affective geometry of warfare in the mountains of Afghanistan. *Political Geography*, 64, 53–62. <https://doi.org/10.1016/j.polgeo.2018.03.001>
- Gott, K. D. (2006). *Breaking the Mold. Tanks in the cities*. Combat Studies Institute Press.
- Governo de Israel. (2006). Press Release: Interim Summary of Findings of Winograd Report. 1–10.
- Hacohen, D. (1998). The law of return as an embodiment of the link between israel and the jews of the diaspora. *Journal of Israeli History: Politics, Society, Culture*, 19(1), 61–89.
- Hammami, R. (2002). Interregnum: Palestine after Operation Defensive Shield. *Middle East*, 223, 18–27.
- Harkabi, Y. (1968). Fedayeen action and arab strategy: Introduction. *The Adelphi Papers*, 8(53), 1–2. <https://doi.org/10.1080/05679326808448115>
- Helmer, D. (2007). Not Quite Counterinsurgency: A Cautionary Tale for U.S. Forces Based on Israel's Operation Change of Direction. *Armor*, 116(1), 7–11.
- Herzl, T. (1896). *The Jewish State (Der Judenstaat)*. MidEastWeb.
- Jacobs, B. M. (1995). OPERATION PEACE FOR GALILEE. Operational brilliance-Strategic failure.
- Johnson, D. E. (2011). *Hard fighting: Israel in Lebanon and Gaza*. RAND Corporation.
- Johnston, D. M. (2013). An asymmetric counter to the asymmetric threat. *American Foreign Policy Interests*, 35(1), 9–14. <https://doi.org/10.1080/10803920.2013.757955>
- Katz, S. M. (1996). *Fire and Steel: Israel's 7th Armored Brigade*. Pocket Books.

- Katz, S. M., & Russell, L. E. (1985). *Armies in Lebanon 1982-84*. Osprey.
- Katz, S. M., & Sarson, P. (1997). *Merkava Main Battle Tank MKs I, II III*. Osprey Military.
- Katz, Y. (2006a). IDF report card. The Jerusalem Post. <https://www.jpost.com/magazine/features/idf-report-card>
- Katz, Y. (2006b). Post-battle probe finds Merkava tank misused in Lebanon. The Jerusalem Post. <https://www.jpost.com/israel/post-battle-probe-finds-merkava-tank-misused-in-lebanon>
- Katz, Y. (2006c). Wadi Saluki battle - microcosm of war's mistakes. The Jerusalem Post. <https://www.jpost.com/israel/wadi-saluki-battle-microcosm-of-wars-mistakes>
- Katz, Y. (2007). IDF applying lessons of war to improve use of tanks. The Jerusalem Post. <https://www.jpost.com/israel/idf-applying-lessons-of-war-to-improve-use-of-tanks>
- Katz, Y. (2008). Security and Defense: The story of "Changing Direction 11." The Jerusalem Post. <https://www.jpost.com/features/front-lines/security-and-defense-the-story-of-changing-direction-11>
- Kesseli, P. (2002). In Pursuit of Mobility: The Birth and development of Israeli Operational Art. From Theory to Practice. Universidade de Defesa Nacional da Finlândia.
- Kim, M. B. (2016). The Uncertain Role of the Tank in Modern War: Lessons from the Israeli Experience in Hybrid Warfare. *The Land Warfare Papers*, 109.
- Knell, Y. (2017). Declaração Balfour, as 67 palavras que há 100 anos mudaram a história do Oriente Médio. BBC. <https://www.bbc.com/portuguese/geral-41842505>
- Kober, A. (2008). The Israel defense forces in the second Lebanon war: Why the poor performance? *Journal of Strategic Studies*, 31(1), 3–40.
- Koehler, J., Gunya, A., & Alkhazurov, M. (2016). Insurgency-informed governance in the North Caucasus: observations from Chechnya, Dagestan, and Kabardino-Balkaria. *Small Wars and Insurgencies*, 27(3), 367–391. <https://doi.org/10.1080/09592318.2016.1151657>
- Laffin, J. (1985). *The War of Desperation. Lebanon 1982-85* (M. Windrow (Ed.)). Osprey.
- Lakatos, E., & Marconi, M. (1992). *Metodologia do Trabalho Científico* (4a). Atlas S.A.
- Laqueur, W. (1970). *The Israel-Arab Reader*. Penguin Books.
- Laqueur, W. (2003). *A History of Zionism: From the French Revolution to the Establishment of the State of Israel*. Schocken books.
- Lopes, M. S. (2002). *Sete guerras com sete anos de paz*. Público. <https://www.publico.pt/2002/04/15/jornal/sete-guerras-com-sete-anos-de-paz-169486>
- Marconi, M., & Lakatos, E. (2003). *Fundamentos de metodologia científica* (5a). Atlas S.A.

- Marrero, A. (2009). The Tactics of Operation Cast Lead. In S. C. Farquhar (Ed.), *Back to Basics: A study of the Second Lebanon War and Operation Cast Lead* (pp. 83–102). Combat Studies Institute Press.
- Matthews, M. M. (2009a). Hard Lessons Learned. In S. C. Farquhar (Ed.), *Back to Basics: A study of the Second Lebanon War and Operation Cast Lead* (pp. 5–44). Combat Studies Institute Press.
- Matthews, M. M. (2009b). The Israeli Defense Forces Response to the 2006 war with Hezbollah: GAZA. *Military Review*, 41–51.
- Matthews, M. M. (2011). *We Were Caught Unprepared: The 2006 Hezbollah-Israeli War*. Combat Studies Institute Press.
- McGregor, A. (2006). Hezbollah's Tactics and Capabilities in Southern Lebanon. The Jamestown Foundation. <https://jamestown.org/program/hezbollahs-tactics-and-capabilities-in-southern-lebanon/>
- McLaurin, R. D. (1987). The Battle of Tyre. U.S. Army Human Engineering Laboratory.
- McLaurin, R. D. (1989). The Battle of Sidon. U.S Army Human Engineering Laboratory.
- McLaurin, R. D., Jureidini, P., & McDonald, D. (1987). Modern experience in city combat. U.S Army Human Engineering Laboratory.
- Mellies, P. L. (2009). Hamas and Hezbollah: A Comparison of Tactics. In S. C. Farquhar (Ed.), *Back to Basics: A study of the Second Lebanon War and Operation Cast Lead* (pp. 45–81). Combat Studies Institute Press.
- Mendonça, C. (2018). Criação do Estado de Israel. Público. <https://www.publico.pt/2018/05/13/infografia/criacao-do-estado-de-israel-261>
- Moreira, A. (1997). *Teoria das Relações Internacionais (2a)*. Livraria Almedina.
- Mucznik, E. (2017). A Declaração Balfour: cem anos de uma história de luz e sombra. Público. <https://www.publico.pt/2017/11/02/mundo/opiniao/a-declaracao-balfour-cem-anos-de-uma-historia-de-luz-e-sombra-1790794>
- Norton, A. R. (2007). *Hezbollah*. Princeton University Press.
- Oliveira, D. (2014). O que as fronteiras de Sykes e Picot não podem conter. *Expresso*. https://expresso.pt/blogues/opiniao_daniel_oliveira_antes_pelo_contrario/o-que-as-fronteiras-de-sykes-e-picot-nao-podem-conter=f877580
- Oliveira, H. (2006a). Heyl Shirion - O Corpo de Blindados das Forças de Defesa Israelitas - Os Anos de Formação: 1948-1967 (1a PARTE - 1948-1956). *Revista de Cavalaria*, 3(9), 12–17.
- Oliveira, H. (2006b). Heyl Shirion - O Corpo de Blindados das Forças de Defesa Israelitas - Os Anos de Formação: 1948-1967 (2a Parte - 1956-1966). *Revista de Cavalaria*, 3(10), 16–28.
- Oliveira, H. (2007). Heyl Shirion - O Corpo de Blindados das Forças de Defesa Israelitas - Os Anos de Formação: 1948-1967 (3a Parte - 1966-1967). *Revista de Cavalaria*, 3(11), 38–47.

- Organização do Tratado do Atlântico Norte [OTAN]. (2009). ISAF Commander's Counterinsurgency Guidance. https://www.nato.int/isaf/docu/official_texts/counterinsurgency_guidance.pdf
- Organização do Tratado do Atlântico Norte [OTAN]. (2015). ISAF's mission in Afghanistan. https://www.nato.int/cps/en/natohq/topics_69366.htm
- OTAN. (2019). AAP-06 Edition 2019 NATO GLOSSARY OF TERMS AND DEFINITIONS.
- Pinto, M. (2009). Uma avaliação da missão da NATO no Afeganistão. *Nação e Defesa*, 124(4), 203–216.
- Pires, N. L. (2014). Wellington, Spínola e Petraeus. O Comando Holístico da Guerra (1a). Nexo Literário.
- Provdanov, C. C., & Freitas, E. C. De. (2013). Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico (2a). Universidade Feevale. [http://www.feevale.br/Comum/midias/8807f05a-14d0-4d5b-b1ad-1538f3aef538/E-book Metodologia do Trabalho Cientifico.pdf](http://www.feevale.br/Comum/midias/8807f05a-14d0-4d5b-b1ad-1538f3aef538/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf)
- Punch, K. F. (2000). *Developing Effective Research Proposals*. SAGE Publications.
- Raleiras, M. S. T. (2011). O DOUTORAMENTO EM CIÊNCIAS MILITARES. UM FIM OU UMA FASE DO PROCESSO EDUCATIVO DAS FORÇAS ARMADAS? Instituto de Estudos Superiores Militares.
- Rodrigues, J. (2009). “Insurgência” ou Subersão”? Contributos para a compreensão e enquadramento atual. Instituto de Estudos Superiores Militares.
- Romm, G. (2007). A Test of Rival Strategies: Two Ships Passing in the Night. In S. Brom & M. Elran (Eds.), *The Second Lebanon War: Strategic Perspectives* (pp. 49–60). Istitute for National Security Studies.
- Russell, J. (2007). *Chechnya - Russia's “war on terror.”* Routledge.
- Salgado, S. (2015). *O Uso e Importância dos Carros de Combate nos Teatros de Operações Atuais - Estudo de Caso: Afeganistão 2006-2014*. Academia Militar.
- Santos, L., Garcia, F., Monteiro, F., Lima, J., Silva, N., Silva, J., Piedade, J., Santos, R., & Afonso, C. (2016). *Orientações Metodológicas para a Elaboração de Trabalhos de Investigação*.
- Schaefer, R. W. (2010). *The Insurgency in Chechnya and the North Caucasus*. Praeger.
- Schanzer, J. (2008). *Hamas vs. Fatah: The Struggle for Palestine*. Palgrave Macmillan.
- Segev, T. (2019). *A State at any cost: The Life of David Ben-Gurion*. Apollo.
- Severino, A. J. (2017). *Metodologia do trabalho científico (24a)*. CORTEZ EDITORA.
- Shapir, Y. S. (2007). Observations on Hizbollah Weaponry. In S. Brom & M. Elran (Eds.), *The Second Lebanon War: Strategic Perspectives* (pp. 223–232). Istitute for National Security Studies.

- Shlaim, A. (1988). *Collusion Across the Jordan: King Abdullah, the Zionist Movement, and the Partition of Palestine*. Columbia University Press.
- Shlaim, A. (2007). Israel and the Arab coalition in 1948. In E. L. Rogan & A. Shlaim (Eds.), *The War for Palestine (2a)*. Cambridge University Press.
- Silva, A. de M. (1987). *Novo Dicionário Compacto da Língua Portuguesa (3a)*. Editorial Confluência.
- Silva, E. L., & Menezes, E. M. (2005). *Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação (4a)*. Universidade Federal de Santa Catarina.
- Teixeira, A. M. (2010). CC_Afeg_RevCav.pdf. *Revista de Cavalaria*, 20(3), 7–16.
- The Main Battle Tank. (2014). *Military Technology*, 6, 100–107.
- Tzu, S. (2009). *A Arte da Guerra (4a)*. Bertrand Editora.
- United States Army [USA]. (2008). *FM 3-0 Operations*.
- Vaza, A., & Amor, E. (2008). *Dicionário da Língua Portuguesa (2a)*. Editorial Verbo.
- Yin, R. K. (2001). *Estudo de Caso. Planejamento e Métodos (2a)*. Bookman.

APÊNDICES

Apêndice A – Guião de Entrevista



Portuguese Military Academy

Interview Script

The use of Tanks in Counterinsurgency Theaters of Operations

Case Study: Israel, 1982-2009

Author: Officer Cadet of Cavalry Francisco João Gonçalves Almeida

Advisor: Brigadier-General (PhD) Nuno Lemos Pires

Second Advisor: Major (PhD) Pedro Antunes Ferreira

Military Science Master's Degree, specialty Armor

Applied Research Work's Scientific Report

Lisbon, may 2020

1. INFORMATION FOR THE INTERVIEWEE

- a. Request in order to analyze interview's answers and use them on the Final Scientific Report.
- b. Presentation of the Interviewer to the Interviewee in order to show the objectives and criteria of the interview.

My name is Francisco Gonçalves Almeida, Officer Cadet of Cavalry from the Portuguese Military Academy, and I find myself doing the research for the Applied Research Work entitled "The use of Tanks in Counterinsurgency Theaters of Operations. Case Study: Israel, 1982-2009", required to complete the study cycle of the Integrated Master's Degree in Military Sciences in the specialty of Cavalry.

I would like to thank you for all the willingness to answer to this interview, which will certainly be an essential tool for this investigation.

The objectives of the ongoing research are:

- Identify how the Tanks were employed in Counterinsurgency Theaters of Operations by Israel between 1982 and 2009;
- Identify and analyze the Counterinsurgency Theaters of Operations in which the Tanks were employed by Israel between 1982 and 2009;
- Identify and analyze the Israeli Defense Forces' Tank Units that were employed by Israel in Counterinsurgency Theaters of Operations between 1982 and 2009;
- Identify which Missions and Tasks were assigned to the Israeli Defense Forces' Tank Units that were employed by Israel in Counterinsurgency Theaters of Operations between 1982 and 2009;
- Identify the vulnerabilities and potentialities of the Tanks found during the execution of the Missions and Tasks assigned to the Israeli Defense Forces' Tank Units that were employed by Israel in Counterinsurgency Theaters of Operations between 1982 and 2009;

The interview questions are related to the objectives of the investigation. The interview will be saved for later analysis. The interviewee has full right not to answer a question if he so chooses.

2. Consent of the Interviewee to conduct the Interview

Declaration of Consent is sent to the Interviewee, which signs if he so chooses.

3. Interviewee identification

Name:

Degree:

Occupation:

Location:

4. Questions to the Interviewee

Question 1: What armor units were used in the 1st and 2nd Lebanon War and in Operation Cast Lead by the Israeli Defense Forces?

Question 2: Which and how many tanks were used in each of those units?

Question 3: Which Missions and Tasks were assigned to the Israeli Defense Forces' Tank Units that were employed by Israel in the 1st and 2nd Lebanon War and in Operation Cast Lead?

Question 4: Which were the vulnerabilities and potentialities of the Tanks found during the execution of the Missions and Tasks assigned to the Israeli Defense Forces' Tank Units that were employed in the 1st and 2nd Lebanon War and in Operation Cast Lead?

Question 5: How did commanders of armor units seek to minimize weaknesses?

Question 6: How were Tanks employed by the Israeli Defense Forces between 1983 and 2005, specifically during 1983 and 2000 in Lebanon, during First Intifada, 1987-1993 and during Second Intifada, 2000-2005?

Question 7: How do you characterize the Theaters of Operations in which tanks were employed between 1982 and 2009?

Apêndice B – Declaração de Consentimento

Declaration of Consent

I declare that I have knowledge that the Officer Cadet Francisco Gonçalves Almeida is carrying out his Applied Research Work, which will lead to the conclusion of the cycle of studies of the Integrated Master in Military Sciences in the specialty of Cavalry, entitled “The use of Tanks in Counterinsurgency Theaters of Operations. Case Study: Israel, 1982-2009”. This work has the guidance of Brigadier-General Nuno Lemos Pires and coorientation of Major Pedro Antunes Ferreira.

I became aware that I will be interviewed by the Officer Cadet Francisco Gonçalves Almeida and that the interview will be analyzed by the investigator. I understand that I will not receive any compensation for participating in the interview, although my participation is essential for the investigation. At the end of the study I will be able to obtain the Final Scientific Report of the Research Work through the Common Repository of the Library of the Military Academy, or by request to the author of the same.

I declare that I accept to participate in the investigation by answering the interview.

Interviewee’s signature: _____

Date: ___/___/_____

Sincere Thanks for the availability and participation in the investigation.

Francisco Gonçalves Almeida
Officer Cadet of Cavalry

Apêndice C – Análise da Entrevista

Tabela n.º 4 – Análise da Entrevista ao Dr. Eado Hecht

Análise da Entrevista ao Dr. Eado Hecht		
Grau Académico	Funções	
PhD	Professor e Investigador: Universidade de Haifa e Bar-Ilan Comando e Estado-Maior General das FDI	
Nº Questão	Principais excertos da entrevista	Observações
1	<p>“Israel employed a mix of long-term regulars (the professional corps, short-term regulars (the conscripts) and long-term irregulars (the reserves). This has been and still is the basic composition of the IDF since 1949”</p> <p>“On the Operation ‘Cast Lead’ [...] One brigade was broken down and gave its 3 tank batalions to 3 infantry brigades (one each)”</p>	<p>- Composição das FDI;</p> <p>- Não especifica quais as unidades de CC utilizadas;</p>
2	<p>“In 1982: Centurions, M60A1, M60, M48A3, Merkava 1. All non-Israeli manufactured tanks were updated by the IDF with various capabilities – ‘Blazer’ reactive-armor”</p> <p>“In 2006: Merkava 2, Merkava 3 and Merkava 4 [...] IDF employed about 370 tanks during the Second Lebanon War”</p> <p>“IDF employed less than 200 tanks during Operation ‘Cast Lead’.”</p> <p>“IDF Tank Platoon = 3 tanks. IDF Tank Company = 3 Tank Platoons plus a Company Commander’s tank and a Company Deputy Commander’s tank = total: 11 tanks. IDF Tank Battalion = 3 Tank Companies plus a Battalion Commander’s tank and a Battalion Deputy Commander’s tank plus an Artillery Forward Observer’s tank = total: 36 tanks. IDF Tank Brigade = 3 Tank Battalions plus a Brigade Commander’s tank and Brigade Deputy Commander’s tank (though most of the time they do not ride in them): total: 110 tanks.</p>	<p>- Tipos e nº de CC utilizados;</p> <p>- Não especifica quantos CC utilizados em 1982 nem quais os CC utilizados na Operação ‘Cast Lead’;</p> <p>- Composição ternária das FDI.</p>

	<p>IDF Armored Division = 2 or 3 Tank Brigades: total 220-330 tanks. I have given only the tank formations.”</p>	
3	<p>“On the First Lebanon War [...] Tanks were used in every type of terrain and usually lead the battle with infantry and artillery and combat-engineers providing support where necessary and sometimes infantry took the lead with the tanks supporting them (especially in locations with dense populations – to reduce civilian casualties)”</p> <p>“On the Second Lebanon War [...] Tanks, when involved, only provided long-range fire support [...] tanks were secondary, providing long-range fire support to the infantry [...] Operation ‘Change of Direction 11’ [...] first that tank brigades received actual independent brigade-level missions and not just ‘support the infantry’ missions. They were tactical fiascos”</p> <p>“On the Operation ‘Cast Lead’ [...] tanks accompanied the infantry: provided long-range fire-support, lead the advance through the open areas and into the built-up areas to provide also close-range fire-support”</p>	<p>- Os CC foram utilizados em todo o tipo de terreno e por norma lideraram;</p> <p>- CC como suporte à Infantaria, que por vezes assumia a liderança;</p> <p>- A Operação Mudança de Direção 11 foi um fracasso tático;</p> <p>- CC para apoio de fogos próximo em CAU;</p>
4	<p>“On the First Lebanon War [...] The IDF went into Lebanon fully aware that it was planning to fight in a mix of hilly and built-up terrain and fully aware of the limitations this imposed on the maneuverability of the tanks”</p> <p>“On the Second Lebanon War [...] The main vulnerabilities were:</p> <ol style="list-style-type: none"> Large (500 kg plus) IEDs ATGMs when tanks traveled across open ground – Sagger, TOW, Fagot, Metis, Kornet RPGs when tanks operated in built-up areas Snipers in built-up areas.” <p>“[...] lack of training [...] coordination”</p> <p>“Solutions: employ the Merkava tanks excellent cross-coutry capabilities to drive through unmarked ground”</p>	<p>- Limitações na manobra dos CC em terreno montanhoso e em áreas urbanizadas;</p> <p>- IEDs;</p> <p>- ATGMs;</p> <p>- RPGs;</p> <p>- Snipers;</p> <p>- Falta de treino e coordenação.</p>
	<p>“Contrary to common IDF practice – in built-up terrain tanks fight with hatches down, leaving only a narrow space for 360 degree vision [...]</p>	<p>- Escotilhas fechadas;</p>

5	<p>emphasizing the importance of having infantry located ahead, to the sides and to the rear of tanks – not close to the tank, but close enough to see anti-tank threats and warn it”</p> <p>“On the Operation ‘Cast Lead’ [...] IDF ground forces were much better trained in conducting the drills, techniques and tactics, so they actually succeeded in doing them properly”</p>	<p>- Proteção da Infantaria a ameaças anticarro em áreas urbanas;</p> <p>- Melhor treino para a Operação Chumbo Endurecido;</p>
6	<p>“From summer 1983 to summer 1985 it gradually withdrew its forces back to the Israeli border. During this period most of the Israeli operations were infantry counter-guerrilla so the missions of the tanks and other armored vehicles were essentially to serve as heavily protected and heavily armed patrol vehicles [...] The size of Israeli force in south Lebanon from 1986 till 2000 was approximately 2 infantry battalions and 1 tank battalion (30 to 35 tanks)”</p> <p>“During the 1987-1993 Intifada tanks were not used at all”</p> <p>“Second Intifada, tanks were used in a limited way, but not from the beginning”</p>	<p>- De 1983 a 2000 no Líbano, os CC foram pouco utilizados, apenas para aumento da proteção da infantaria;</p> <p>- Durante a Primeira Intifada não foram usados;</p> <p>- Durante a Segunda Intifada, usados de forma limitada</p>
7	<p>“In the First Lebanon War [...] facing the IDF were the Palestinian forces which employed a mix of long-term regulars (various units composed of regular officers and soldiers) and various levels of irregulars; and Syrian forces which employed a mix of long-term regulars (the professional officer corps) and short-term regulars (the conscripts)”</p> <p>“In the Second Lebanon War [...] The Hezbollah employed a mix of long-term regular volunteers and irregular volunteers mobilized for the war after only minimal training [...] in some villages Hezbollah placed small IEDs on electricity and light posts”</p> <p>“In Operation ‘Cast Lead’ [...] The Hamas employed a mix of long-term regular volunteers and irregular volunteers [...] It was the first attempt by Hamas to conduct regular warfare, but it failed and became partially Irregular warfare [...] Hamas had much fewer anti-tank weapons than Hezbollah”</p>	<p>As Forças Palestianas, o Hezbollah e o Hamas combinavam combatentes regulares com irregulares;</p> <p>Hamas tinha menos armamento anticarro que o Hezbollah.</p>

Fonte: Elaboração Própria

Apêndice D – Características dos Carros de Combate Merkava

Tabela n.º 5 - Características dos Carros de Combate Merkava

	Merkava Mk 1	Merkava Mk 2	Merkava Mk 3	Merkava Mk 4
Peso (Ton)	63	63	63	65
Armamento Principal Depressão/Elevação	L7/M68 Peça 105 mm +20°/-8,5°	L7/M68 Peça 105 mm +20°/-8,5°	MG251 L44 Peça 120 mm +20°/-7°	MG253 Peça 120 mm
Armamento secundário	3 ML FN MAG 7,62 mm Morteiro 60 mm	3 ML FN MAG 7,62 mm Morteiro 60 mm MP 12.7 mm	3 ML FN MAG 7,62 mm Morteiro 60 mm MP 12.7 mm 12 potes de fumo	2 ML FN MAG 7,62 mm Morteiro 60 mm MP 12.7 mm 12 potes de fumo
Capacidade de Munições	105 mm: 62 60 mm: 30 7,62 mm: 10.000	105 mm: 62 60 mm: 30 12.7 mm: 2.500 7,62 mm: 10.000	120 mm: 50 60 mm: 30 12.7 mm: 2.500 7,62 mm: 10.000	120 mm: 48 60 mm: 30 12.7 mm: 2.500 7,62 mm: 10.000
Sistema de Tiro	Matador 1 FCS	Matador 2 FCS	Abir (cavaleiro) FCS	Baz FCS melhorado
Blindagem	Blindagem composta	Combinação entre blindagem composta e blindagem modular	Blindagem modular	Composição Híbrida Confidencial
Sistema NBQ	Compartimento de combate (CComb) sobre pressurizado	CComb sobre pressurizado	CComb sobre pressurizado Filtro central, Ar condicionado	CComb sobre pressurizado Filtro central, Ar condicionado e aquecimento
Motor	Teledyne Continental AVDS-1790-6A V12 diesel 900 HP	Teledyne Continental AVDS-1790-6A V12 diesel 900 HP	Teledyne Continental AVDS-1790-9AR V12 diesel 1200 HP	V12 refrigerado a água 1.500 HP
Velocidade Máxima (km/h)	46	46	60	64
Ano de entrada ao Serviço	1979	1983	1989	2004
Variantes	-	Merkava 2A; Merkava 2B Merkava 2B Dor Dalet	Merkava 3B; Merkava 3 Baz; Merkava 3 B Baz Dor Dalet	Merkava Mk 4M (Trophy)

Fontes: Gelbart, 2005; Kim, 2016; Katz & Sarson, 1997; “The Main Battle Tank,” 2014

ANEXOS

Anexo A – O Espetro do Conflito na doutrina do Exército Português

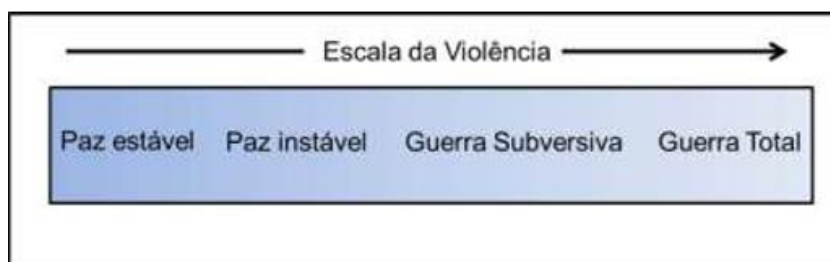


Figura n.º 1 – O Espetro do Conflito na doutrina do Exército Português

Fonte: EME, 2012, p. 2-1

Anexo B – O Espetro do Conflito na doutrina do Exército dos EUA



Figura n.º 2 – O Espetro do Conflito na doutrina do Exército dos EUA

Fonte: United States Army, 2008, p. 2-1

Anexo C – Plano de Divisão Proposto pela ONU

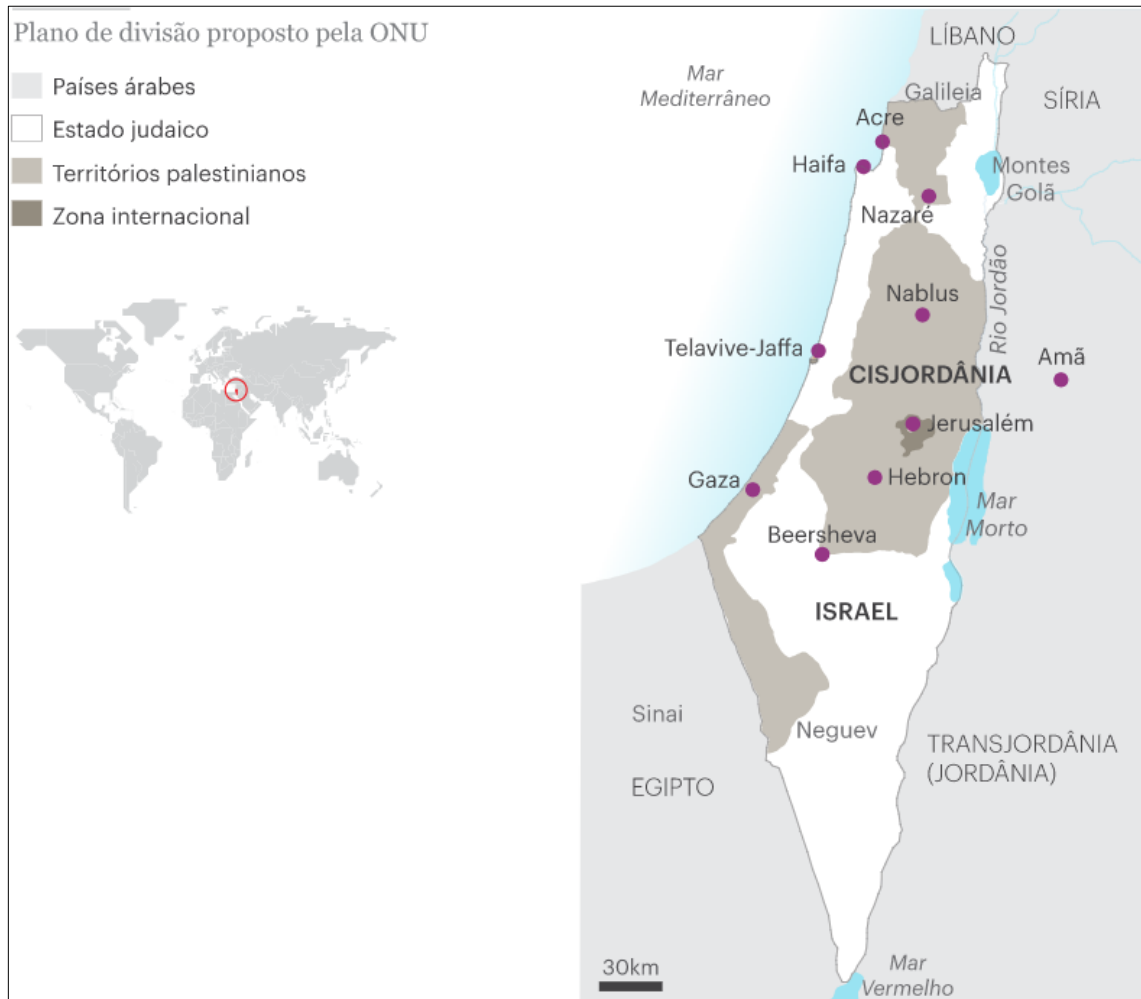


Figura n.º 3 – Plano de Divisão Proposto pela ONU

Fonte: Mendonça, 2018

Anexo D – As Fonteiras de Israel após a Guerra da Independência, 1948

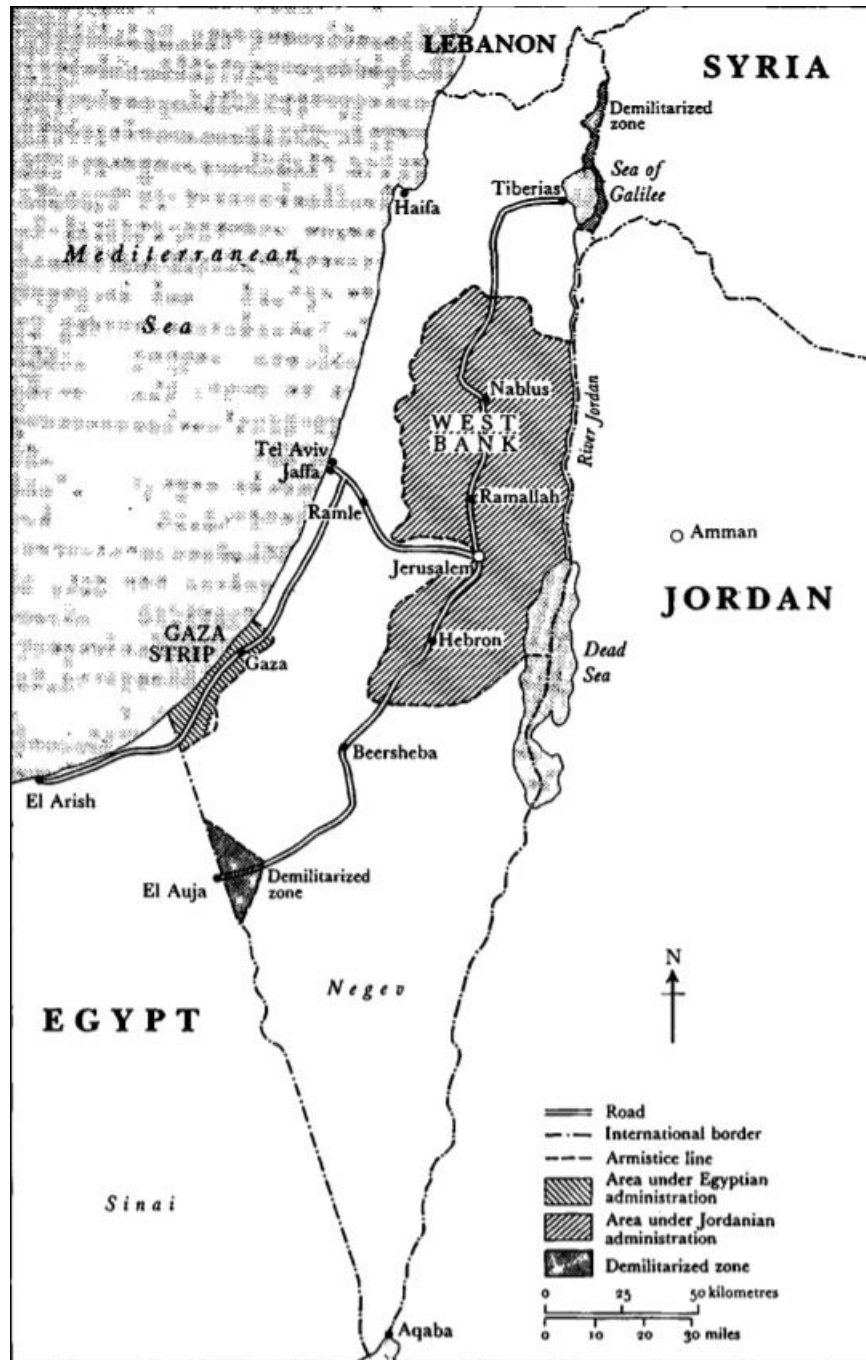


Figura n.º 4 – As Fonteiras de Israel após a Guerra da Independência, 1948

Fonte: Shlaim, 1988, p. 429

Anexo E – Conquistas de Israel após a Guerra dos Seis Dias, 1967



Figura n.º 5 – Conquistas de Israel após a Guerra dos Seis Dias, 1967

Fonte: Bregman, 2016, p. 98

Anexo F – O Líbano na véspera da Operação Paz na Galileia

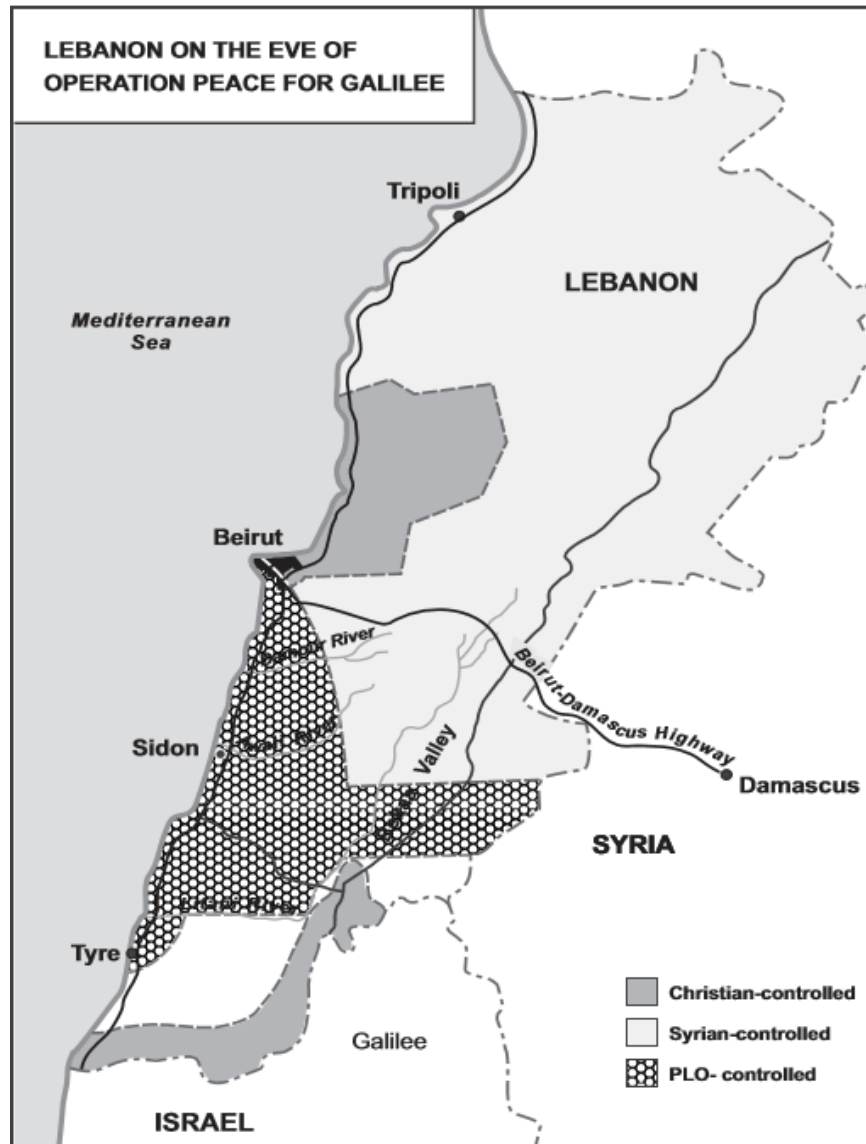


Figura n.º 6 – O Líbano na véspera da Operação Paz na Galileia

Fonte: Gawrych, 2003, p. 207

Anexo G – O Grande Plano de Israel, 1982

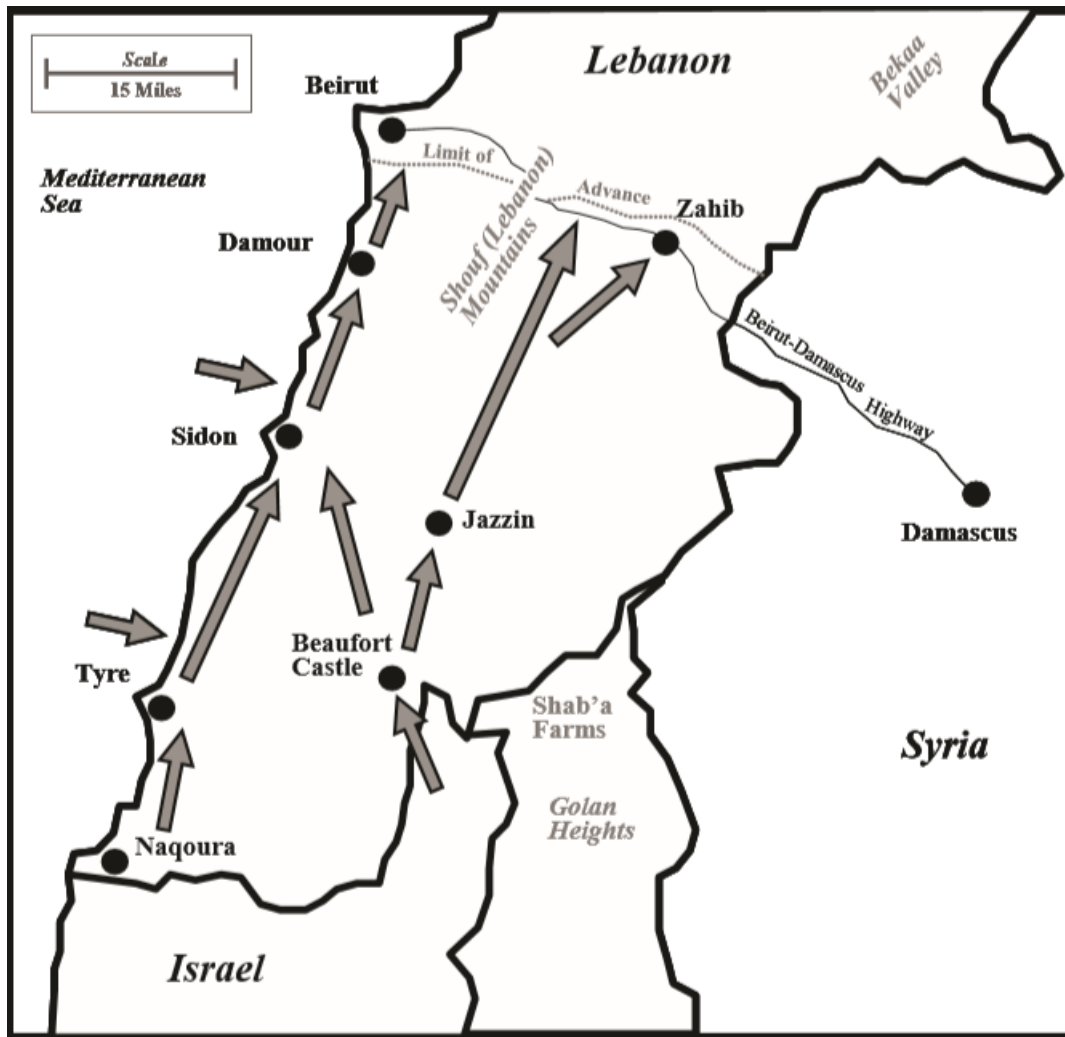


Figura n.º 7 – O Grande Plano de Israel, 1982

Fonte: Gott, 2006, p. 48

Anexo H – Ordem de Batalha, 1982

Tabela n.º 6 – Ordem de Batalha, 1982

ISRAEL:	
WESTERN FORCE:	
Task Force A:	Amphibious Task Force B:
91st Division*	96th Division
211th Armored Brigade	35th Paratroop Brigade
CENTRAL FORCE:	
Task Force C:	Task Force D:
36th Division(-)	162nd Division(-)
BEKAA FORCES GROUP:	
Task Force H:	Task Force V:
252nd Division	460th Armored Brigade
	1 Mechanized Brigade
Task Force Z:	Special Maneuver Force:
90th Division	2 Mixed Brigades
Operational Reserve:	
880th Division	
* Later reinforced by 1 armored brigade, 1 paratroop brigade, and 1 infantry brigade (approximately equivalent to an additional division of 9,000 men)	
PALESTINE LIBERATION ORGANIZATION:	
Castel Brigade:	Yarmuk Brigade:
Tyre - 2,000	Marjayoun - 500
Litani-Zahrani - 1,000	
Sidon - 1,500	
Jouaiya - 700	
Nabitiya - 1,000	
Karame Brigade:	Ain Jalud Brigade:
Hasbaiya-Rachaiya - 1,500	Sidon-Damour - 1,000
Beirut Defense Forces:	
Beirut - 6,000	
SYRIA:	
Bekaa Valley:	Beirut-Damascus Highway:
1st Armored Division	1 Tank Brigade
62nd Independent Brigade	1 Infantry Brigade
10 Commando Battalions	20 Commando Battalions
Beirut:	
85th Infantry Brigade	

Fonte: Jacobs, 1995, p. 21

Anexo I – A Retaguarda do Merkava



Figura n.º 8 – Retaguarda do Merkava

Fonte: Katz & Sarson, 1997, p. 13



Figura n.º 9 – Saída de um militar pela retaguarda do Merkava

Fonte : Katz & Sarson, 1997, p. 13

Anexo J – Blindagem Reativa Blazer num M60 (Magach)



Figura n.º 10 – Blindagem Reativa Blazer num M60 (Magach)

Fonte: Laffin, 1985, p. 45

Anexo L – Soldados das FDI, junho 1982



Figura n.º 11 – Soldados das FDI, junho 1982

Fonte: Katz & Russell, 1985, p. 37

Anexo M – Evacuação num Merkava de soldados das FDI



Figura n.º 12 – Evacuação num Merkava de soldados das FDI

Fonte: Katz & Sarson, 1997, p. 21

Anexo N – Mapa da cidade de Beirute e subúrbios

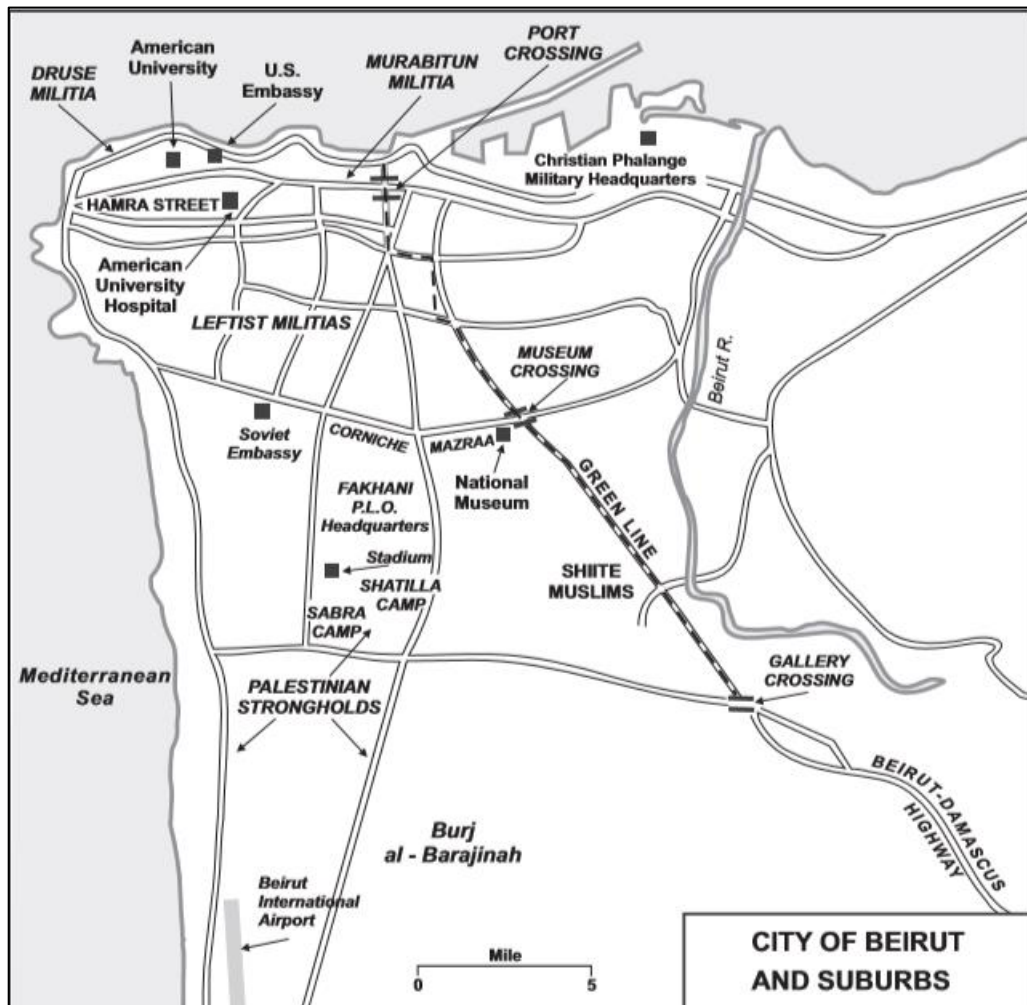


Figura n.º 13 – Mapa da cidade de Beirute e subúrbios

Fonte: Gawrych, 2003, p. 211

Anexo O – Cuidados Médicos a elemento das guarnições de CC



Figura n.º 14 – Cuidados Médicos a elemento das guarnições de CC

Fonte: Laffin, 1985, p. 110

Anexo P – Merkava Mk2 com Bola e Corrente e MCRS



Figura n.º 15 – Merkava Mk2 com Bola e Corrente e MCRS

Fonte: Katz & Sarson, 1997

Anexo Q – Rapaz Palestino atira pedra a CC, Primeira Intifada



Figura n.º 16 – Rapaz Palestino atira pedra a CC, Primeira Intifada

Fonte: Bregman, 2016, p. 196

Anexo R – Um Carro de Combate durante a Segunda Intifada



Figura n.º 17 – Um Carro de Combate durante a Segunda Intifada

Fonte: Bregman, 2016, p. 249

Anexo S – Bunker para Rockets do Hezbollah, 2006



Figura n.º 18 – Bunker para Rockets do Hezbollah, 2006

Fonte: Johnson, 2011, p. 52

Anexo T – Ameaça anticarro do Hezbollah, 2006

Tabela n.º 7 – Ameaça anticarro do Hezbollah, 2006

System	Minimum/ maximum range (meters)	Penetration (mm) (behind ERA)	Guidance system	Warhead
AT-14 Kornet-E	7/5,000	1,200 (1,100)	SACLOS/laser	Tandem shaped charge (HEAT)
T-13 Metis-M	80/1,500	1,000 (900)	SACLOS/wire	Tandem shaped charge (HEAT)
AT-7 Metis	40/1,000	460	SACLOS/wire	Shaped charge (HEAT)
AT-5 Konkurs	75/4,000	925	SACLOS/wire	Tandem shaped charge (HEAT)
AT-4 Faktorias	70/2,000	480	SACLOS/wire	Shaped charge (HEAT)
AT-3 Malyutkas	500/3,000	400	SACLOS/wire	Shaped charge (HEAT)
Milan	400/2,000	352	SACLOS/wire	
TOW	600/3,700	800	SACLOS/wire	
RPG-29	460	750 (650)	Manual	Tandem shaped charge (HEAT)
RPG-7	500	330	Manual	Shaped charge (HEAT)

Fonte: Cordesman et al., 2007, p. 113

Anexo U – Estrutura de Comando do Hezbollah

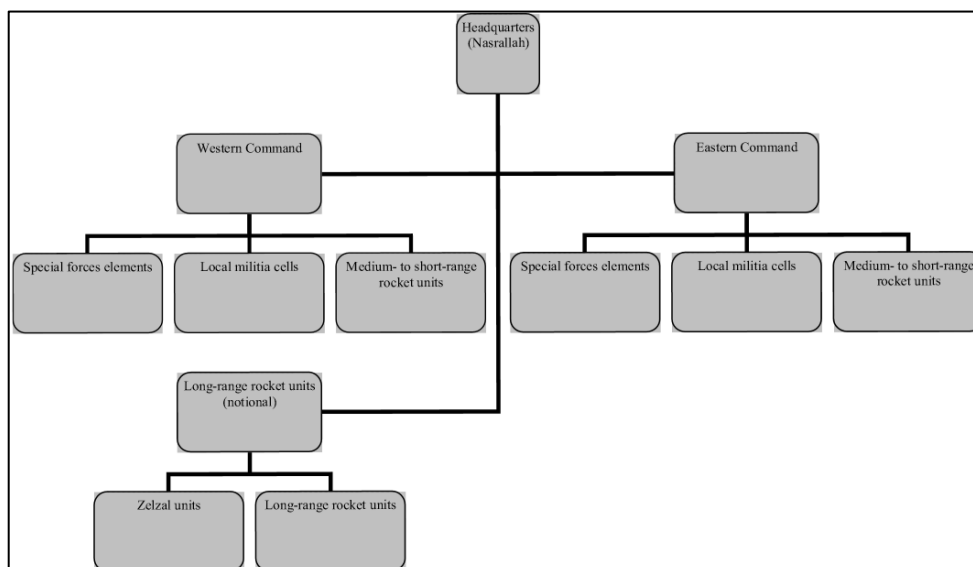


Figura n.º 19 – Estrutura de Comando do Hezbollah

Fonte: Cordesman et al., 2007, p. 82

Anexo V – Operação Mudança de Direção 11

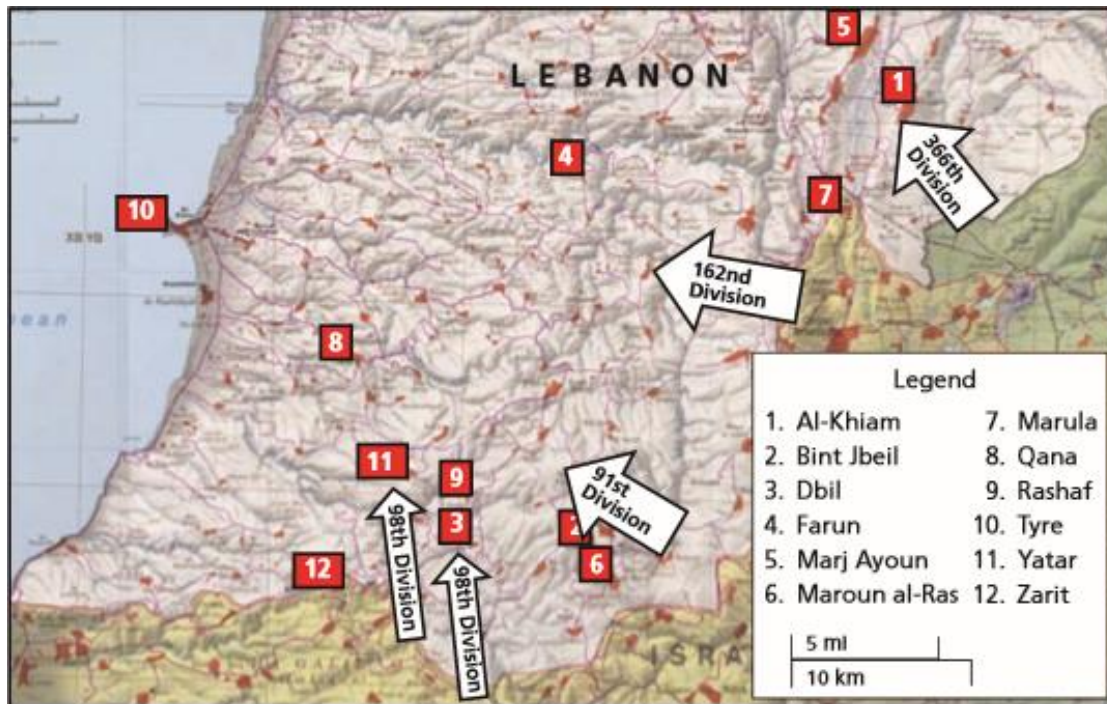


Figura n.º 20 – Operação Mudança de Direção 11

Fonte: Johnson, 2011, p. 74

Anexo X – Ofensiva Terrestre na Operação Chumbo Endurecido

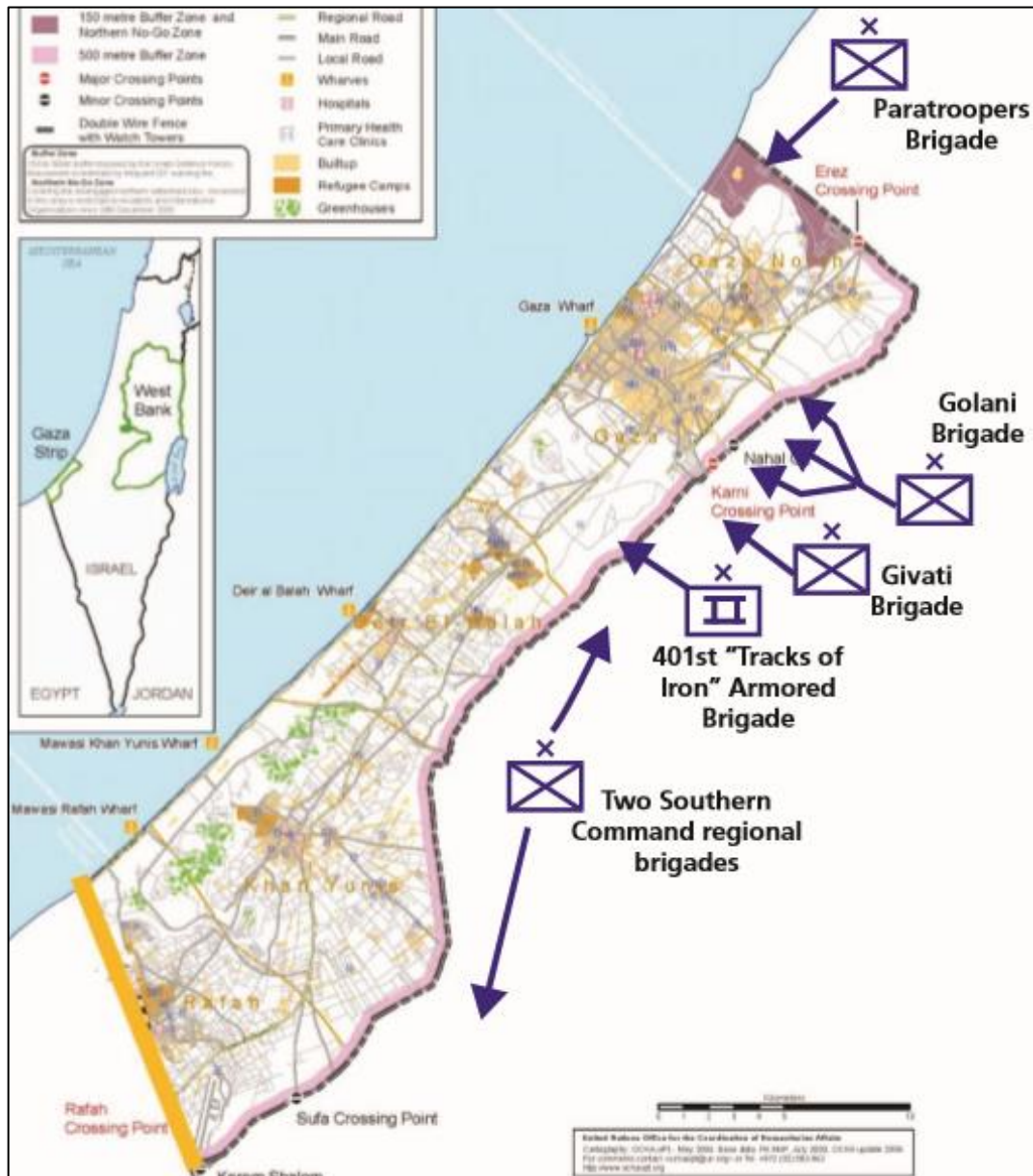


Figura n.º 21 – Ofensiva Terrestre na Operação Chumbo Endurecido

Fonte: Johnson, 2011, p. 115